SANDRA REGINA FRANCISCATTO BERTOLDO

Estudo semântico-lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

São Paulo
2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Ficha catalográfica elaborada pela Editora Universitária do Cesur

B546e Bertoldo, Sandra Regina Franciscatto.

Estudo semântico-lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia /
Sandra Regina Franciscatto Bertoldo – São Paulo: Universidade de
São Paulo, 2007.

287 f. Il. Color.

Dissertação de (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
da Universidade de São Paulo.

Orientador: Professor Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

1. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Semântica. 4. Semântico-Lexical.
5. Distrito Nossa Senhora da Guia. 6. Bertoldo, Sandra Regina
Franciscatto. 7. Almeida, Manoel Mourivaldo Santiago. I. Título. II.
Autor.

CDU 81'373(817.1)
CDU 811.373(817.1)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Sandra Regina Franciscatto Bertoldo
Estudo semântico-lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre.

Área de Concentração: Filologia e Língua
Portuguesa

Aprovado em: 18 de maio de 2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Prof^a.Dr^a. Elis de Almeida Cardoso Caretta
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Prof^a.Dr^a. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

DEDICATÓRIA

Ao Senhor de todas as coisas e formas, o meu mais intenso e verdadeiro olhar de gratidão por tudo; a Ti e através Ti, meu Deus, dedico este trabalho a todos que amo, a aqueles que me desafiam, aos que provocam reflexão e crescimento, aos que instigam a esperança, que me levam a sorrisos e também às lágrimas...

AGRADECIMENTOS

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
colhidos no mais íntimo de mim...
Suas palavras
seriam as mais simples do mundo,
porém não sei que luz as iluminaria
que terias de fechar teus olhos para as ouvir...
Sim! Uma luz que viria de dentro delas,
como essa que acende inesperadas cores
nas lanternas chinesas de papel!
Trago-te palavras, apenas... e que estão escritas
do lado de fora do papel... Não sei, eu nunca soube o que
dizer-te
e este poema vai morrendo, ardente e puro, ao vento
da Poesia...
como
uma pobre lanterna que incendiou!
(Mário Quintana, em *Eu queria trazer-te uns versos muito lindos*)

Ao meus amados pais pelo amor incondicional que trouxe paz, equilíbrio e sobriedade em muitos momentos; à minha família pela força e apoio, pelos ouvidos atentos, pelas mensagens de incentivo e esperança, pelas demonstrações de carinho constantes... muito obrigada!

Ao meu esposo Giovani, parceiro e companheiro de todas as horas, amigo, encorajador, incentivador, minha base. Minha gratidão traduzida em amor verdadeiro! Esta conquista é nossa e você sabe o quanto é importante!

Aos meus amigos (de tantos nomes, de tantos lugares e com tanto afeto...) obrigada não bastaria para agradecer-lhes tudo o que representam na minha vida e tudo o que fizeram por mim neste período. A amizade é um bem supremo, porque resume amor, cumplicidade, afeto, carinho, companheirismo... mais importante que um grande amor é ter grandes amigos!

Ao meu orientador Prof. Dr. Manoel Mourivaldo – Mouri, agradeço pelo saber adquirido, pela paciência nas idas e vindas das minhas reflexões lingüísticas, pelo carinho e atenção nas orientações. Compartilho a alegria desta vitória.

Fizemos um trabalho a quatro mãos e os frutos dele deverão ser nossos, sempre.

À Faculdade do Sul de Mato Grosso agradeço o apoio financeiro que propiciou a realização de um sonho.

Aos mantenedores da FACCSUL/CESUR, Mohamad Khalil Zaher e Mara Mongelli Zaher – amigos, acima de tudo, minha gratidão pelo carinho, compreensão, paciência e incentivo.

Aos colegas de trabalho que souberam fechar os ouvidos para as explosões de cansaço, compreender as ausências e correrias e vibrar com cada passo conquistado, agradeço sempre.

Aos meus alunos que compartilharam sorrisos e lágrimas, que compreenderam minha ausência e me receberam sempre de forma atenciosa e carinhosa, obrigada pela paciência.

Ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, agradeço pela equipe de excelência que disponibilizou ao longo deste período.

Por fim, agradeço a toda a comunidade do Distrito Nossa Senhora da Guia, especialmente meus informantes, que tão bem me receberam e muito contribuíram para a concretização desta pesquisa. A vocês meu carinho e agradecimento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DISTRITO NOSSA SENHORA DA GUIA – SUA LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA	23
2.1 A FORMAÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO	24
2.2 A ORIGEM DE CUIABÁ – A CAPITAL MATOGROSSENSE	30
2.3 DISTRITO NOSSA SENHORA DA GUIA	35
2.3.1 O Distrito Nossa Senhora da Guia em Números, Fatos e Fotos	39
3 A COLETA DE DADOS: PROCEDIMENTOS E INFORMANTES	47
3.1 CLASSIFICAÇÃO E DETERMINAÇÃO DOS INFORMANTES	49
4 ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL NO DISTRITO NOSSA SENHORA DA GUIA	78
4.1 CLASSIFICAÇÃO E ESCOLHA DAS LEXIAS... ..	80
4.2 TABELAS DE OCORRÊNCIAS LEXICAIS	86
4.3. AS LEXIAS, ACEPÇÕES DOS DICIONARISTAS E ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	220
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	225
ANEXOS	230

RESUMO

BERTOLDO, S.R.F. **Estudo Semântico-Lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia**. Dissertação (mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

A necessidade de identificar e registrar as variedades da língua portuguesa, na sua variante brasileira, tem levado pesquisadores a se dedicarem à coleta lexical em diferentes pontos do país, na tentativa de evidenciar, a partir da fala dos brasileiros/informantes, variedades existentes na língua portuguesa e apontar, a partir de então, os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais que caracterizam esta variante brasileira. Prova disso, são os inúmeros Atlas Lingüísticos que surgiram a partir do Atlas Prévio dos Falares Baianos publicado por Nelson Rossi, em 1963, bem como, o trabalho que vem sendo desenvolvido para publicar o primeiro Atlas Lingüístico do Brasil com amostras dialetais das cinco regiões brasileiras. Nesta perspectiva nos engajamos e inserimos o presente trabalho que tem como *corpus* o falar dos moradores do Distrito da Guia, Mato Grosso. Para o empreendimento de tal tarefa, foi necessário o cumprimento de diferentes etapas que levaram ao objetivo maior deste trabalho: a análise das lexias verbalizadas pelos informantes idosos e a amostra de contra-prova obtida entre os informantes mais jovens na busca por elementos que identifiquem no *corpus* a manutenção, variação ou mudança semântico-lexical.

Palavras-chave: pesquisa dialetal; léxico; falar cuiabano.

ABSTRACT

BERTOLDO, S.R.F.. **Lexiacal-semantic study in Nossa Senhora da Guia district**. 2007. Master Dissertation. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

The need to identify and register the varieties of the Portuguese Language, particularly its Brazilian type, has made researchers to devote themselves to the lexical collection of these varieties in different regions of the country. The goal of the present paper is to highlight – from the oral speech of Brazilian/informants – the existing varieties of the Portuguese Language, as well as point out the phonological, phonetic, morphological, syntactic, semantic and lexical aspects that characterize that Brazilian Portuguese variety.

The innumerable Linguistic Atlases that have been put out after the “*Atlas Prévio dos Falares Baianos*” published by Nelson Rossi in 1963 attest to the need of such identification of the Brazilian Portuguese varieties. Moreover, the work that has been developed by Brazilian linguistics to publish the first Linguistic Atlas of Brazil with dialectical samples from the five Brazilian regions is a similar effort that attests to this need.

The present work has its relevance in that it has gathered a *corpus* of the oral speech of the villagers of the “Distrito da Guia” in Mato Grosso, Brazil. To do so, many steps have been taken: the analysis of the *lexias* verbalized by the elderly informants compared with their counter-parts (the younger informants) leading to elements in the *corpus* that would show the maintenance, variation or the lexical-semantic change of the *lexias* studied.

Key words: dialectical research; lexicon; the oral speech of the Cuiabanos

INTRODUÇÃO

Fui criado no mato, no cerrado, meu pai metchia cum roça, lavrado. Num teve culégio pra lá onde nós morava. E eu num estudei, meu amor. Este é o maior sentimento que tenho.

Daí eu peço a Deus, ao Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima que me dá vida e saúde e felicidade pra mim e pro meu véinho. Tá bom! Tá bom!

(DONA LUISA, 76 anos)

A investigação científica, tão necessária à história humana, constrói e reconstrói cenários por meio das vivências dos personagens que constituem esta história e com ela interagem.

Ao desenvolver uma pesquisa lexical, especialmente, dependemos desse cenário composto por pessoas num espaço que reflete o tempo e que conta a vida daqueles que se tornam não o objeto do trabalho, mas co-autores.

Nesta investigação, o objeto de estudo é a escolha lexical tomada pelo grupo dos moradores idosos do Distrito Nossa Senhora da Guia, um lugarejo no interior de Mato Grosso a quarenta quilômetros de sua capital, Cuiabá, que ganhou destaque nos idos 1850 por sua localização privilegiada às margens do Rio Coxipó-Açu, lugar de parada para as tropas dos navegantes que abasteciam a capital.

A determinação por esta localidade está baseada em dois fatores primordiais:

Primeiro, o interesse em propor uma pesquisa inédita no que se refere aos aspectos semântico-lexicais do falar dos moradores do Distrito da Guia, contribuindo para as pesquisas já desenvolvidas, na sua maioria de interesse fonético-fonológico, no Estado de Mato Grosso, que delimitaram o falar cuiabano. Citamos como referência as investigações já feitas:

- Dissertações de mestrado: *Variação Fonológica em Mato Grosso: um estudo sociolingüístico*, de Palma (1984); *Fonologia do Português Mato-Grossense: uma perspectiva crioulística*, de Souza (1999);

- Teses de Doutorado: *Aspectos Fonológicos do Português Falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*, de Santiago-Almeida (2000); *A Concordância de Gênero na Anáfora Pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da Baixada Cuiabana – Mato Grosso*, Dettoni (2003).

Há, ainda, um livro de Maria Francelina Ibrahim Drummond intitulado *Do falar cuiabano* (1976) que trata de alguns aspectos gerais do falar de Cuiabá e o livro *Vozes Cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso* (2005), com uma coletânea de artigos sobre o falar cuiabano, organizado por Maria Inês Pagliarini Cox e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

O segundo fator que justifica a realização dessa pesquisa no Distrito da Guia e o qual consideramos de grande importância para a continuidade dos estudos lingüísticos do português brasileiro é a necessidade de pesquisar e identificar o falar das localidades mais longínquas do centro do país registrando as variedades lingüísticas, as quais promovem a diversidade entre seus habitantes.

Estes fatores somados a condição do Distrito ainda hoje estabelecida na Guia, o cenário da localidade, as cantigas sacras, os rituais religiosos e folclóricos e a figura deste local na constituição histórica do Estado de Mato Grosso, fazem de Nossa Senhora da Guia um *locus* de pesquisa instigante, uma vez que o falar do seu povo denota a manutenção das raízes que configuram o linguajar cuiabano, já investigado pelos autores anteriormente citados.

Assim, queremos também nós investigar o falar da Guia na perspectiva trazida por Ribeiro (2005, p.20) de que “somos como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado genesicamente à matriz portuguesa”, identificando as variantes que nos fazem diferentes lingüisticamente sem, contudo, nos desvincular da raiz portuguesa a que pertencemos.

Enfatiza o autor, ainda, que o povo brasileiro surgiu da migração européia, somada à existência de povos indígenas nestas terras e à povoação africana trazida como mão-de-obra escrava, propiciando “a gestação de uma

etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos da África, e os europeus aqui querenciados”. (RIBEIRO, 2005, p.30)

Num país de características resultantes da miscigenação étnico-cultural, é certo dizer que desenvolvemos uma variante da língua portuguesa. Temos um dialeto e a ele dedicamos nossas pesquisas e estudos na tentativa de registrar suas variedades.

Neste contexto de raças e culturas convivendo muito próximas – apesar de sabermos, pela história, que algumas foram escravizadas e massacradas não só fisicamente como também em seus costumes, religiões e tradições – surgiu o que hoje evidenciamos no território brasileiro: uma diversidade de cores e etnias muito rica e uma variedade lingüística marcante de cada região do Brasil, que nos levam a identificar as fronteiras lingüísticas como mais evidentes do que as próprias estabelecidas geograficamente.

Na constituição da nação brasileira, Ribeiro (2005) percorre toda a história de nossa formação étnica e aponta os resultados da interação entre europeus e índios denominando esta trajetória de “criatório de gente”. O autor ressalta, ao longo do seu texto, que somos o resultado de uma prática muito comum na época de expansão: “o cunhadismo” – a integração dos estrangeiros às aldeias indígenas com adoção de seus costumes e formas de vida para garantir casamentos diversos entre os novos parentes. Conclui enfatizando que as características evidentes da nação brasileira resultam desta união étnico-racial e que “sem a prática do cunhadismo, era impraticável a criação do Brasil.” (RIBEIRO, 2005, p.83)

Do mesmo modo, o autor sugere um perfil de formação do povo brasileiro a partir da expansão territorial e demográfica. Ele sugere que, até chegarmos ao povo brasileiro de fato, tivemos “brasilíndios, afrobrasileiros e neobrasileiros” e estes grupos, mesmo organizados em comunidades a partir da condição de mão-de-obra exploratória, deram sua contribuição para a formação de um linguajar típico que hoje evidenciamos na língua portuguesa falada no Brasil, atentando-se para o falar dos seus senhores na busca por compreendê-los e provocar a interação.

Na trajetória da formação de nosso povo e, conseqüentemente, de nossa língua, o autor nos instiga a refletir quando afirma que:

O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguentude de não-índios, não-europeus e não-negros, que eles se vêem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira.

(RIBEIRO, 2005, p.131)

Assim, nos passos da “identidade brasileira” sugerida por Darcy Ribeiro, nos lançamos na busca por entender, configurar e publicar as variedades de nosso idioma que nos tornam únicos e denotam a inovação provocada na língua portuguesa pela miscigenação étnico-cultural existente no Brasil.

Nosso país possui um território tão vasto quanto sua história de colonização. As fronteiras geográficas já não são limites para as idas e vindas das gentes que buscam novas terras para fixar-se e nesta viagem levam sua língua e acolhem as expressões de outrem, multiplicando as diferenças da língua portuguesa pelo território nacional e definindo um falar totalmente brasileiro.

Mas onde estão as raízes dessas modificações? Que aspectos as identificam hoje? Que indícios determinam os povos que abriram clarões nas matas virgens?

Responder as estas perguntas é uma tarefa para muitas mãos e longos estudos que envolvam, numa atividade interdisciplinar, várias outras áreas do saber, como destaca Santiago-Almeida (2000, p.18) citando Dell Hymes, ao falar da idéia de atividade conjunta entre as ciências humanas:

Ao comentar ensaios cujo foco principal é a história social da linguagem, [HYMES] se coloca na condição de lingüista trabalhando em antropologia, esperando que a interdisciplinaridade seja uma preocupação efetiva em qualquer estudo das ciências humanas, dizendo que lingüistas, antropólogos, sociólogos e outros podem fazer suposições que não são verdadeiras e se espantar com muitos

fatos que não são novos sem a contribuição que a história social pode dar.

(HYMES, 1993, p.431)

Nos pautamos nesta afirmativa para retomar a idéia de que a língua abarca fatores sociais, culturais e étnicos indissociáveis da história individual e coletiva da comunidade de uso; o trabalho isolado de qualquer uma das ciências elencadas por Hymes e o foco dirigido exclusivamente a este ou aquele fato da área de pesquisa sem a compreensão e/ou conhecimento da influência das demais áreas do saber pode levar a perda total da investigação.

Assim, não há como negar a necessidade evidente de se fazer um estudo amplo tendo como aporte todas as ciências humanas que nos possibilitem conhecer as raízes da língua portuguesa na sua variante brasileira. Para tanto, somar esforços e dividir tarefas é a maneira mais segura para encontrar as respostas que almejamos.

Na pesquisa que desenvolvemos, nos baseamos na dialetologia, lexicografia e sociolingüística – com seus devidos recortes – para levantar e analisar os dados que pretendíamos a partir da escolha lexical percebida nos nossos informantes, tendo nestas sub-áreas dos estudos lingüísticos o aporte necessário para o êxito na investigação.

Pela Dialetologia, ciência que se dedica à coleta e classificação das variedades e variantes dialetais de um mesmo idioma subdividindo-as geograficamente – tomamos os exemplos das pesquisas de campo já realizadas e que resultaram nas publicações que hoje temos como suporte às novas investigações da língua portuguesa, dentre as quais citamos *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral.

A dialetologia que nos fornece ferramentas para pensar, projetar, desenvolver o trabalho de campo pretendido e, especialmente, identificar os elementos lexicais coletados entre os falantes, que contribuirão na pesquisa e se somarão a outras ciências do léxico para se fazerem conhecidas e compreendidas no contexto lingüístico a que se aplicam.

Parafraseando Cardoso e Ferreira (1994, p.9), salientamos que “é o trabalho de campo o melhor livro de dialetologia que se conhece” e compreendemos a amplitude de ações que provoca essa ciência da linguagem.

A lexicografia, por sua vez, surge da necessidade de se registrar o uso, o significado e o funcionamento de uma unidade lexical realizada num grupo de falantes, por meio dos dicionários que “constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua” (BIDERMAN, 2001, p.131). Nas palavras de Oliveira e Isquierdo (2001, p.17) – “a lexicografia é a ciência dos dicionários” e ganhou ênfase no Brasil a partir da obra de Rafael Bluteau (1712-1728): *Vocabulário Português-Latino*.

Ao trazemos a lexicografia para este trabalho pretendemos, sobretudo, buscar aporte nos dicionários de língua portuguesa já existentes para estudar as lexias coletadas no *corpus*, subsidiando as análises feitas a partir dos seus contextos de utilização e para compreender a época a que se reportam.

Por fim, porém com caráter de base dessa investigação lingüística, nos reportamos à Sociolingüística que tem como objeto de investigação o “estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIN *in* Mussalim e Bentes, 2001, p.31), compreendendo que, para este ramo do estudo lingüístico, as diferentes maneiras de falar são resultado das vivências dos falantes no meio em que estão inseridos e das experiências que somam ao longo da vida.

Não poderíamos ingressar numa comunidade de fala e investigar suas escolhas lexicais sem identificar o espaço em que realizaríamos esta pesquisa e os informantes que classificaríamos para o trabalho. A sociolingüística nos fornece estas ferramentas organizando os grupos sociais por classe social, idade, sexo, etnia, crenças e religião, costumes e expectativas individuais e coletivas.

A utilização das três ciências nesse trabalho investigativo – cada qual enfocando a pesquisa lingüística sob um aspecto, mas todas buscando a compreensão e o registro das variedades no falar do povo brasileiro – resultam

na maior veracidade dos elementos pesquisados e propriedade aos resultados publicados, pois para o *corpus* aqui pretendido, elas subsidiam:

- Dialetologia: a coleta lexical a partir da pesquisa de campo, com atenção às três fases desse processo: o *antes* (a quem perguntar [os informantes], o que perguntar [o questionário], onde perguntar [as localidades] e quem perguntar [o inquiridor]), o *durante* e o *depois* (a seleção do que se pretende analisar e a análise em si). Como citam Ferreira e Cardoso (1994, p.9) “a dialetologia não é ciência de gabinete”.

- Lexicografia: a utilização dos dicionários na análise dos elementos coletados no *corpus*, bem como, a elaboração de uma tabela de palavras com suas acepções e ponderações a partir do contexto de utilização pelo informante e da acepção dicionarizada.

- Sociolingüística: a escolha dos informantes a partir de pré-requisitos ou variáveis sociais com atenção ao local da pesquisa e ao que se pretende investigar.

Ainda, no afã de deixar claro o porquê da utilização de recortes dessas ciências na concretização da pesquisa lingüística aqui explicitada, lançamos mão de algumas considerações que julgamos corroborativas.

Dialetologia e Sociolingüística, nas palavras de Ferreira e Cardoso (1994, p.19) citando Silva-Corvalán (1988, p.8), são ciências até certo ponto sinônimas, pois “estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos.”

Na vertente dialetológica, a história da lingüística no Brasil é marcada, especialmente, pelas obras de Amadeu Amaral (1920), Antenor Nascentes (1923) e Serafim da Silva Neto (1950), cujos trabalhos propunham a pesquisa e a análise das variantes do português falado no Brasil com justificativas histórico-culturais do país tropical colonizado por portugueses, mas habitado por povos que conviviam com línguas e culturas muito diferentes.

Seguiram esses estudiosos, outros tantos pesquisadores como Celso Cunha – “um dos mais importantes nomes da filologia em língua portuguesa” – que contribuiu de maneira singular aos trabalhos de investigação da língua

portuguesa na variante brasileira, bem como “para a divulgação de modernas teorias lingüísticas e a realização de numerosos eventos”. (BRANDÃO, 1991, p.49)

Esses estudos dedicados ao registro da variante brasileira propiciaram a identificação de peculiaridades fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais que tornam nossa língua diferente de um ponto a outro do Brasil sem, contudo, distanciar-se da matriz motivadora: a língua portuguesa.

Como resultado de toda essa busca por conhecer as variedades possivelmente existentes no falar do povo brasileiro, surgiram os Atlas Lingüísticos, tendo como precursor deste trabalho Nelson Rossi, que em 1955 “chegava à Bahia com a intenção de ali criar um laboratório fonético e dar início a pesquisas de campo de cunho dialectológico.” (BRANDÃO, 1991, p.53)

Rossi publicou em 1963 o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) e a partir de então outros trabalhos da mesma ordem foram sendo publicados, como elenca Brandão (1991, p.53-63), corroborada pela publicação destas mesmas informações no *site* do Atlas Lingüístico do Brasil (www.alib.ufba.br):

- Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG) – por Roberto Zágari *et al.*, 1977;
- Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB) – responsáveis: Maria Socorro Silva de Aragão e Cleusa P. Bezerra de Menezes, 1984;
- Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS I) – por Carlota Ferreira *et al.*, 1987;
- Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR) – coordenado por: Vanderaci de Andrade Aguilera, 1990;
- Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) – por Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Altenhofen, 2002;
- Atlas Lingüístico de Sergipe II (ALS II) – coordenado por: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, 2002;

- Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (ALISPA) – *sem referências*

Na trilha da pesquisa dialetológica e do registro das lexias e das diversidades lingüísticas encontradas nas regiões brasileiras, muitos projetos ainda estão em desenvolvimento ou em fase de conclusão. Dentre eles, o ALiB (Atlas Lingüístico do Brasil) que abarca as variedades registradas no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país e que poderá nos dar um panorama geral do português brasileiro. Além do ALiB, merecem destaque outros trabalhos de menor abrangência territorial, contudo, não de menor importância, que desenvolvem pesquisas locais e possibilitam a compreensão, ainda maior, das diversidades existentes na língua brasileira. São eles:

- Projeto Atlas Lingüístico do Acre (em fase de análise dos dados) – coordenado por Luíza Galvão Lessa;
- Atlas Lingüístico do Amazonas (em fase de análise dos dados) – coordenadora: Maria Luíza de Carvalho Cruz;
- Atlas Lingüístico do Ceará (em fase final de elaboração) – coordenador: José Rogério Fontenelle Bessa;
- Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão (em andamento) – equipe de pesquisadores coordenados por: Conceição de Maria de Araújo Ramos;
- Projeto Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte (em fase de elaboração) – *sem referências*;
- Projeto Atlas Lingüístico de Mato Grosso (em fase de implantação) – conduzido pela equipe: José Leonildo Lima, Judith Albuquerque, Antônio Tadeu de Azevedo, Cássia Regina Tomanin, Liliane Batista Barros, Maria José Marques, Valéria Cardoso, Wellington Quintino e Zeneide Souza;
- Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo (sem informações do andamento) – iniciativa de Pedro Caruso;
- Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (sem informações do andamento) – inicialmente coordenado por Celso Cunha, hoje tem à frente Sílvia Figueiredo Brandão;

- Atlas Geo-sociolingüístico do Pará (sem informações do andamento) – coordenador: Abdelhak Razky;
- Projeto Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (projeto em andamento) - coordenador pela equipe: Dercir Oliveira, Aparecida Negri Isquerdo, Maria José Gomes e Albana Xavier Nogueira.

Conhecer e identificar nossas diferenças lingüístico-culturais sempre foi um desafio pautado, sobretudo, no cuidado e na atenção às comunidades investigadas e onde seus moradores são tomados como informantes das lexias pretendidas pois, como ressalta Brandão (1991, p.6), é no falar que identificamos uma série de dados que nos permitem reconhecer o informante no seu estilo individual – *seu idioleto* – e situá-lo num grupo determinado e numa comunidade lingüística específica.

A pesquisa lingüística tem esse cuidado ao agregar ao trabalho dialetológico as teorias sociolingüísticas, ou seja, enquanto a primeira se detém na catalogação das variáveis do português brasileiro, a segunda dá suporte para que esta coleta e identificação observem características sociais e culturais dos povos investigados, não separando língua de história e de cultura.

Nessa concepção também nos pautamos ao investigar o *falar dos moradores da Guia*, atentando-nos para o cuidado em analisar uma variedade lingüística a partir da sua comunidade de uso e dos aspectos histórico-culturais que a conceberam, como ponderam Lucchesi e Araújo ao citar Labov (1972) destacando que “comunidade de fala não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo dos demais.”

Na Guia buscamos entender essa comunidade lingüística que se formou a partir dos desbravadores paulistas nos limites cuiabanos, numa mescla de culturas e línguas num mesmo território geográfico. Iniciamos a análise de nossa investigação com o olhar atento às especificidades da Nossa Senhora da Guia e à luz do pensamento de Darmesteler (1981, p.12) de que

Um povo pode mudar seu léxico e sua sintaxe, se porém guardar as formas gramaticais, a língua não terá mudado. Com o mesmo léxico e a mesma sintaxe – caso fosse possível – se variassem as formas gramaticais, a língua seria outra.

O caminho percorrido até chegar à análise dos dados na perspectiva semântico-lexical exigiu ingresso na comunidade, contato com seus moradores mais antigos, longas conversas, atenção ao ambiente e às histórias dos informantes e, principalmente, desprendimento do pesquisador para ingressar de maneira tranqüila e livre de pré-conceitos nesta comunidade e na vida dos seus pesquisados.

O trabalho aqui apresentado se constitui a partir da coleta de lexias extraídos de conversas livres, contudo, dirigidas, com os moradores mais antigos da Guia, usando de elementos do seu dia-a-dia e de sua história de vida para abstrair o maior número possível de elementos lingüísticos possíveis de investigação.

As conversas com nossos informantes passaram pelas lembranças da infância à vida atual, os trabalhos duros no tempo da lavoura, os momentos religiosos vividos na família, na igreja e na comunidade, as dificuldades, as alegrias e as pequenas vitórias.

Esta pesquisa traz amostras de tudo isso: da vida do Distrito Nossa Senhora da Guia a partir das impressões extraídas do falar dos seus moradores e do cenário que complementa este lugar. O trabalho está organizado da forma a seguir descrita.

O Capítulo I traz a localização geográfica do Distrito Nossa Senhora da Guia retomando, brevemente, a história da formação do Estado de Mato Grosso e a situação e importância da Guia no contexto nacional e mato-grossense. Retomamos aspectos da história de origem dessa localidade que também nos fazem compreender o processo de formação da capital mato-grossense – Cuiabá, bem como de todo o estado. Neste capítulo, queremos indicar ao leitor o ponto geográfico em que estamos no contexto brasileiro e evidenciar que ainda há lugares para serem explorados pelos pesquisadores lingüísticos.

O Capítulo II avança e ingressa na comunidade Nossa Senhora da Guia identificando seus moradores tomados como informantes para esta pesquisa. Mesmo sendo uma comunidade muito pequena e com características bem interioranas e que, em algum momento, denota a colonização nos tempos idos, o Distrito instiga e desperta a curiosidade daqueles pesquisadores que identificam na manutenção de um cenário antigo a possibilidade de haver também manutenção de uma variedade do português do tempo dos desbravadores das bandeiras paulistas. Este capítulo é composto pelos dados dos moradores/informantes e traz alguns aspectos que possibilitam ao leitor reconhecer Guia por meio dos seus habitantes. Além disso, o capítulo apresenta a metodologia utilizada para a coleta lexical na Guia partindo do pressuposto que não há uma única forma de investigar o vocabulário de uma comunidade, mas sim alternativas que provocam a análise do contexto sócio-cultural onde está inserido esse grupo que se soma a sua forma de falar e interagir com seus pares.

O capítulo III apresenta a análise lingüística pretendida ao longo da pesquisa, que é a de investigar os aspectos semântico-lexicais na fala dos moradores da Guia, com atenção aos seus habitantes mais antigos para abstrair uma variedade em manutenção neste grupo. Organizados em tabelas e por campo semântico investigado, relacionamos um número determinado de léxicos a serem analisados e buscamos suporte nos lexicógrafos como: Francisco Júlio Caldas Aulete, Pe. Raphael Bluteau, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Laudelino Freire, Antônio Houaiss, Antônio Moraes Silva, Francisco Borba e Frei Domingos Vieira, para possibilitar uma compreensão segura do propósito aqui lançado.

Assim, pretendemos apresentar Guia ao nosso leitor e identificar uma possível variedade do português falado no Brasil contribuindo, ainda, com os estudos já existentes nessa área.

Temos um desafio agradável e enriquecedor, pois a comunidade da Guia é um lugar simples no que tange arquitetura e beleza natural, porém complexo no que se refere a sua constituição populacional e, especialmente, sócio-cultural.

2 DISTRITO NOSSA SENHORA DA GUIA: SUA LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA

É, eu nasci e criei logo ali, não foi aqui dentro da Guia, mas era logo ali, é parte de Guia. Depois eu mudei, foi lá pr'um lugar, um brequeté pra cá. Não tem aquela caiera ali? Foi pra lá da caiera um pouco, um pouco de tempo. Mas tudo fazendo parte da Guia. Depois que eu mudei pra cá e daí que ficô memo aqui dentro. Tô aqui nem sei quantos anos, mais de 30 anos. Já tava casada, já tinha os fio tudo, aqui não nasceu nenhum, só acabando de criá.

(DONA BENEDITA, 88
anos)

Este capítulo justifica a determinação do Distrito Nossa Senhora da Guia como campo de estudo lingüístico, tendo como *corpus* o falar dos seus moradores mais antigos – os idosos da Guia – que registram, nas narrativas de suas histórias de vida, um léxico rico em significado e motivado pela manutenção dos traços semântico-lexicais que mantêm a memória histórico-cultural da localidade e, por extensão, de seus moradores.

Propomos aqui uma retomada histórica que situe o Distrito da Guia no cenário estadual e da capital mato-grossense, Cuiabá, cidade a qual pertence Guia e para a qual trouxe grandes contribuições durante a formação e constituição históricas.

2.1 A FORMAÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO

Colonização não se faz com a nata, mas com a borra da sociedade.

(Dr. Luiz A. Piazzon, Vice-Presidente da Cotrel, 1979 – op cit CASTRO e outros)

Sabemos que a criação e o desenvolvimento das novas regiões, cidades e/ou estados se dão pelas vias da migração num movimento interno (brasileiros colonizando e contribuindo no crescimento de outros estados) ou externo (estrangeiros em busca de melhores condições de vida e de trabalho), onde aqueles que se dispõem a povoar novos territórios e neles buscar o crescimento pessoal e local acabam por contribuir também na formação cultural das gentes brasileiras, num delimitar de culturas e costumes típicos que caracterizam regiões, povos, colonizadores e colonizados.

Nesse intento “se plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros”, como justifica Ribeiro (2005, p.21) ao dizer que hoje, mesmo sendo todos brasileiríssimos, os povos que aqui estão formam uma corrente de elos bem distintos no que tange língua e hábitos, sem contudo deixar de estarem todos “muito mais marcados pelo que têm de comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais”.

Esse movimento migratório motivado por razões diversas e individuais também fez nascer e desenvolver o Estado de Mato-Grosso pela incursão inicial dos bandeirantes paulistas na caça ao índio para o trabalho escravo e a conseqüente descoberta de veias auríferas nessas terras como retrataram, numa das obras mais completas da história de Mato Grosso, as autoras Elizabeth Madureira Siqueira, Lourença Alves da Costa e Cathia Maria Coelho Carvalho.

Com base na obra destas historiadoras e em outras informações colhidas em livros de mesmo teor narrativo é que iniciamos nossa exploração pela história de formação e constituição do estado de Mato Grosso.

Os primeiros a trilharem o solo matogrossense, conforme conta a história, foram os paulistas que, através de suas expedições fluviais, caçavam índios que pudessem ser comercializados e transformados em mão-de-obra escrava. Nestas andanças em que os bandeirantes devassavam o interior da Colônia à procura de índios, o metal precioso foi descoberto casualmente e se transformou no maior motivador da colonização de Mato Grosso e, seqüente expansão.

Siqueira *et ali* (1990, p.8) salientam que:

Foi na busca dos índios Coxiponé que a bandeira de Antonio Pires de Campos, em 1718, atingiu o rio Coxipó. No encalço dessa bandeira, veio outra, comandada por Pascoal Moreira Cabral (1719) a qual, acidentalmente, encontrou ouro nas barrancas do citado rio.

Com a descoberta aurífera, teve início uma nova etapa de atividade nessa região. A função de caçar índios ficou relegada a segundo plano, cedendo lugar às atividades mineradoras, praticadas de forma rudimentar, pois não contavam os bandeirantes com instrumentos de mineração.

João Carlos Vicente Ferreira (2001, p.35) corrobora com essa afirmativa e acrescenta:

Em 1718, o bandeirante Antônio Pires de Campos, (...) encontrou-se com gente da bandeira de Paschoal Moreira Cabral Leme, informando-lhes sobre a possibilidade de prearem à vontade. (...)

ao ser informado da fartura da (possível) preá, Paschoal Moreira Cabral Leme internou-se Coxipó acima: o seu intento, no entanto, não foi realizado, pois no confronto com o gentio da terra, na confluência dos rios Mutuca e Coxipó, os temíveis Coxiponés, que dominavam esta região, teve sua expedição totalmente rechaçada pelas bordunas e flexas certas daquele povo guerreiro.

Enquanto a expedição de Moreira Cabral Leme se restabelecia dos danos causados pela incursão Coxiponé, dedicaram-se ao cultivo de plantações de subsistência, apenas visando o suprimento imediato da bandeira. Foi nessa época que alguns dos seus companheiros, embrenhando-se Coxipó acima, encontraram em suas barrancas as primeiras amostras de ouro.

A caça e comercialização dos índios não traziam riqueza como a mineração do ouro. Assim, com a descoberta das primeiras pepitas desse metal, os bandeirantes paulistas passaram a ver na mineração a grande possibilidade de enriquecimento rápido e sólido, renegando o objetivo principal da bandeira.

Siqueira, Costa e Carvalho destacam ao longo do texto, que a quantidade de ouro encontrada não era suficiente para o crescimento econômico e a sustentabilidade da região e daqueles que exploravam o

minério, porém esta possibilidade era ignorada e a informação de haver minas de ouro em Cuiabá e arredores, resultou em um aumento populacional desordenado que trouxe muitos outros problemas sociais para os bandeirantes.

Citam as autoras:

Apesar das dificuldades enfrentadas no trajeto percorrido entre São Paulo e Cuiabá, as monções puderam conduzir, para a região mineradora grande contingente populacional composto de religiosos, funcionários do governo, comerciantes, profissionais liberais, escravos e aventureiros. (...) Nos primórdios da mineração, a grande necessidade de consumo, decorrente do aumento populacional rápido e desordenado, resultou na escassez de produtos e na elevação dos preços dos mesmos.

(SIQUEIRA *et ali*, 1990, p.10)

E acrescentam ainda:

O ouro em Mato Grosso teve um período rápido de existência, não proporcionando, como aconteceu em Minas Gerais, uma evolução e desenvolvimento da vida urbana. (...) O ouro de Mato Grosso, além de aluvional, não foi suficiente para aqui estabelecer uma sociedade marcada por sua existência mas, ao contrário, durante o período da mineração, o que se assistiu foi a um cenário de fome, pobreza e miséria.

(idem)

Com a mineração incontrolável e precária, em dois anos os bandeirantes pioneiros esgotaram os veios auríferos do Rio Coxipó – local onde foram encontrados os primeiros indícios de ouro na região, Rio Mutuca e Rio Verde – extensão povoada por mineradores. Com isso, a urgência em procurar novos locais de exploração mineral ou outros meios de subsistência, tornou-se imprescindível, pois o número de mineradores aumentava dia após dia e não havia condições de mantê-los aí sem as providências e o atendimento às suas necessidades vitais.

Essa preocupação fez com que o bandeirante Miguel Sutil se deslocasse até as terras matogrossenses na pretensão de cultivar a terra e desenvolver a agricultura local; um intento ousado, uma vez que o objetivo de todos era encontrar ouro e não se dedicar à produção agrícola.

Na sua tentativa de preparar o solo para o cultivo, Miguel Sutil encontrou um dos veios auríferos mais importantes no local denominado “Tanque do Arnesto”. A nova descoberta não só renegou a agricultura a segundo plano, como provocou uma explosão populacional que daria origem à capital nos anos seguintes.

Segundo Ferreira (2001, p.37), no período de 1722 a 1726 Cuiabá destacava-se como uma das mais populosas cidades do Brasil.

Os veios auríferos matogrossenses ganham destaque novamente e o ouro, como grande motivador da colonização do Estado de Mato Grosso, provoca um fluxo migratório advindo da própria capitania de São Paulo e de outras como Rio de Janeiro, Minas Gerais e do Nordeste.

A migração em grande escala trouxe para o estado profissionais de diferentes áreas e com habilidades para outras atividades. Estes profissionais, dedicados a princípio à extração do ouro, passaram a garantir a subsistência e a continuidade da povoação local pouco tempo depois, pois a mineração foi desaparecendo e os problemas econômicos surgiram com a mesma velocidade que a migração acontecia.

Siqueira *et ali* (1990, p.15) confirmam esta afirmativa, quando destacam que:

Com o ouro ocorreu um aceleração do processo de interiorização, primeiramente pela ação dos bandeirantes e,

depois, pela vida de migrantes: tropeiros, monçoeiros, mineiros, criadores de gado, clérigos, profissionais liberais e agricultores.

Para as autoras,

Mato Grosso somente entrou para a História do Brasil, no momento em que os bandeirantes paulistas aqui encontram ouro pois o “garimpo” de índios não tinha a relevância histórica da extração do minério, e que foi apoiado na mão-de-obra indígena que se desencadeou todo o processo de ocupação de Mato Grosso, cujo território já era habitado por muitas nações indígenas.

Contudo, a exploração inadequada e a falta de vocação para cidade de minas auríferas, fizeram com que a decadência da mineração fosse sentida no final do século XVIII e a população que permanecia nas terras precisou dedicar-se a outras atividades produtivas para garantir a manutenção das famílias que aqui estavam instaladas.

Nesse panorama, os profissionais chegados dos diversos estados brasileiros somaram-se à idéia inicial de Miguel Sutil e a agricultura de subsistência foi ganhando caráter comercial. Além de cultivar a terra, a produção de gado e o desenvolvimento de outros comércios sugeriram novas possibilidades de crescimento local e econômico; no século XIX os exploradores e colonizadores de Mato Grosso mudaram seu foco e centraram seus interesses na pecuária extensiva, exploração da borracha, da erva-mate, da poaia e na industrialização do açúcar.

Com isso, as veias auríferas foram sendo esquecidas e hoje apenas fazem parte da história dos desbravadores, uma vez que a agricultura matogrossense é destaque internacional devido a sua produção agrícola de

soja e algodão, pela implementação de alta tecnologia nos campos de cultivo, bem como, manutenção de pecuária de alta qualidade e o cultivo para o mercado interno de milho, arroz, forrageiras e feijão.

No lugar onde foi encontrada a maior mina de ouro que gerou a povoação do Estado, está edificada a Igreja Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, às margens do Ribeirão Prahia.

No cultivo agrícola de Mato Grosso, se somaram aos migrantes aqui já instalados outros tantos advindos da Região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) com grandes ideais de desenvolvimento, conquista de espaços territoriais e ganhos inimagináveis nos estados de origem.

Nas palavras de Siqueira *et ali*, “a ocupação da região Centro-Oeste (Séc.XVIII), sempre esteve ligada a interesses econômicos metropolitanos e coloniais, pois os migrantes que aqui chegavam possuíam aguçadas idéias de enriquecimento. (...)”.

2.2 A ORIGEM DE CUIABÁ – A CAPITAL MATOGROSSENSE

Olha eu agora faiz tempo que num vo a Cuiabá... eu ia em Cuiabá mas agora, graças a Deus eu to tendo saúde, meu véinho também ta tendo saúde, graças a Deus. Nós não tamos indo em Cuiabá (...)

Eu tenho um amor aqui nessa casa, tenho um amor aqui..que quando eu saio um bocadinho já to com saudade de vim.

(DONA LUISA – 76 anos)

Como a maioria das localidades originadas pelo bandeirismo monçoeiro, Cuiabá se consolidou a partir das expedições fluviais feitas pelo rio que lhe deu nome e ao qual sempre teve sua vida bastante ligada.

A capital matogrossense teve seu rápido povoamento estimulado pela atração do ouro. Apesar das dificuldades vividas por seus pioneiros (ausência de alimentos, pragas, falta de segurança, mortes como consequência dos embates com os indígenas, epidemias e endemias), o processo de colonização e povoamento foi perceptível e acelerado.

Segundo a historiadora Volpato (1993, p.25)

Cuiabá, por volta de 1850, era uma pequena e pobre cidade incrustada no sertão, cuja população não chegava a onze mil habitantes entre homens e mulheres, livres e escravos. (...) Teve seu povoamento iniciado em 1719, quando a bandeira de Paschoal Moreira Cabral encontrou ouro nas margens do rio Coxipó, onde foi criado o primeiro núcleo populacional, o Arraial da Forquilha.

A primeira capital do Estado, contudo, foi Vila Bela da Santíssima Trindade, originada a partir de Cuiabá, como narra Ferreira (2001, p.42-44):

A partir da diminuição do ouro cuiabano, grande contingentes de mineradores se deslocaram para a porção oriental das Minas do Cuyabá. (...) Outros contingentes, também evadidos das minas cuiabanais, buscaram as terras situadas na porção ocidental do atual Estado de Mato Grosso, iniciando-se desta forma a ocupação e povoamento do Vale do Rio Guaporé (...)

Por ordem de Portugal, a sede da Capitania deveria ser fixada no Vale do Rio Guaporé, por todos os motivos políticos e econômicos implícitos. Desta forma, D. Antônio Rolim de Moura Tavares, Capitão General nomeado pela Carta Régia de 25 de janeiro de 1749, deslocou-se à nova Capitania. (...) Fundou Villa Bela da Santíssima Trindade às margens do Rio Guaporé, que tornou-se capital da Capitania de Mato Grosso.(...)

O crescimento de Vila Bela foi gradativo e teve como maior fator sua composição étnica, os negros oriundos da África para trabalho escravo, além dos migrantes de diversas áreas da Colônia. (...) O período áureo de Vila Bela ocorreu durante o espaço de tempo em que esteve como sede política e administrativa da Capitania, até 1820. A partir daí, começou a haver descentralização política, e Vila Bela divide com **Cuiabá** (*grifo nosso*) a administração provincial.

O autor avança nessa questão e justifica a retomada de Cuiabá como capital, historicizando que:

O que causou o desenvolvimento de Cuiabá foi um conjunto de circunstâncias: (...) a posição central de Cuiabá no trânsito da Capitania, a diminuição da importância de Villa Bela da Santíssima Trindade, após o estabelecimento mais estabilizado da fronteira assegurado pelo desaparecimento de animosidades entre espanhóis e portugueses por meio de contrabando mútuo de ouro, pelos portugueses e de prata por parte de espanhóis.

Em 1823, por decisão do Imperador D. Pedro I, Cuiabá tornou-se capital da Província, em detrimento a Vila Bela. (*grifo nosso*)

(FERREIRA, 2001, p.47)

Ao retomar o *status* de Capital, Cuiabá voltou a ser foco de discussões das Capitânicas Portuguesas e a atrair a atenção dos colonizadores.

Apesar de sua localização ter sido definida em função da mineração e da cidade manter características interioranas e tipicamente garimpeira, a abertura do Rio Paraguai ao comércio internacional, consagrou a hegemonia de Cuiabá, assegurando-lhe o poderio econômico e político de capital.

Esse cenário interiorano e garimpeiro assustava aqueles que chegavam dos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro - já bem desenvolvidos na época.

Volpato (1993, p.45) destaca este fato histórico ao salientar que:

Para as autoridades que chegavam a Mato Grosso, em meados do séc. XIX era decepcionante encontrar uma cidade tão longe dos padrões já definidos de cidade civilizada.

Acostumados com a vida do litoral. Aqueles que chegavam à Cuiabá espantavam-se com a enormidade das distâncias e das matas, com a fartura dos rios e florestas e com a exuberância que os mesmo ofereciam.

Esta composição ainda configura em muitos pontos de Cuiabá e, apesar da modernidade evidente na tecnologia de ponta na agricultura e nas indústrias espalhadas pelo Estado, Mato Grosso mantém um contingente de cidades com características interioranas arraigadas ao povo.

Esse fator, além de ser um demonstrativo da forma de colonização e expansão, resulta numa questão histórica desconhecida de muitos: a de que Cuiabá teve de se refazer muitas vezes em decorrência dos problemas que arrasaram a cidade e a civilização. Neste constante reconstituir, a capital se refez sem perder por completo sua plástica de cidade pequena.

Volpato (1993, p.56) se reporta ao dilúvio vivido pelos cuiabanos no séc. XIX:

A segunda metade da década de 1860 foi uma fase muito penosa na vida da cidade de Cuiabá. Em dezembro de 1864, as tropas paraguaias invadiram o sul da província de Mato Grosso, conquistando áreas e bloqueando a navegação do Prata; em fevereiro seguinte, as cheias do rio Cuiabá causaram volumosa inundação que devastou grande parte do bairro do Porto, bem como as plantações ribeirinhas especialmente as situadas em Rio Abaixo. A partir de julho de 1867, a população cuiabana se viu assolada pela epidemia da varíola, que causou muitas baixas e trouxe inúmeros

padecimentos a pessoas já abatidas pelos sofrimentos anteriores.

A autora lembra ainda que, mesmo com tantos problemas, a população conseguiu se reerguer e dar continuidade ao projeto de civilizar o estado a partir de Cuiabá.

Durante mais de 5 anos, a sociedade cuiabana teve que conviver com a guerra e suportar todos os ônus que lhe impunha e que trouxeram grandes prejuízos para o conjunto da população, mas atuando individualmente alguns homens e mulheres conseguiram de alguma forma minimizar esses efeitos negativos.

(VOLPATO, 1993, p. 81)

Avançando na história da capital sob a investigação desta historiadora, vale ressaltar que Cuiabá se expandiu também graças à contribuição das freguesias¹ que surgiram no séc. XVIII e que mantinha sob sua administração, sendo freguesia urbana: Sé e Pedro II, e rurais: Nossa Senhora das Brotas (transferida em 1864 para a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima), Santo Antônio do Rio Abaixo, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Livramento, Santana da Chapada dos Guimarães.

A autora destaca ainda que, dentre as freguesias pertencentes à Cuiabá, a freguesia de Nossa Senhora da Guia (local delimitado para a investigação lingüística aqui apresentada), em meados de 1850, “era a mais importante das pequenas povoações ao redor de Cuiabá. Situada às margens do Rio Coxipó-Açu servia de parada para as tropas que, vindas dos engenhos de ‘rio acima’ iam abastecer a capital”.

¹ Freguesia - Rubrica: administração, política. Regionalismo: Portugal. Nas províncias e cidades de Portugal, a menor divisão administrativa. (Fonte: Houaiss eletrônico)

Das freguesias do séc. XVIII citadas anteriormente, muitas buscaram sua emancipação e independência da administração de Cuiabá configurando-se, atualmente, como municípios mato-grossenses.

Hoje a capital conta com três distritos: Coxipó da Ponte, Coxipó do Ouro e Nossa Senhora da Guia; o próximo texto dedica-se a este último distrito.

Para encerrar esta abordagem breve da história da constituição e expansão de Cuiabá, trazemos a informação dada por Ferreira (2001, p. 442), de que o “município de Cuiabá foi o primeiro criado em Mato Grosso. De Cuiabá derivam todos os municípios que compõem hoje os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia”.

2.3 DISTRITO NOSSA SENHORA DA GUIA

Essa Guia antes de fazer essa praça, aqui era um baburro, mato. Vc ainda lembra quando roçavam aqui pra fazer o trilho da procissão, né? Acabo só lutando pra fazer a praça. Fez a praça, limpó, né. Aqui era um carravascá bem feio. (...) Essa Guia aqui já foi muito bom. Pelas Graças de Nossa Senhora, aqui já foi muito bom. Nós morava pra cá do Tijuco Preto. Tudo o sábado tinha quinzena aqui nessa igreja, de lá nós saía nos escuridão sem lanterna sem nada. (...) Tempo da escola aqui era uma beleza. A escola era ali. Era uma casona, piso de mozaico, Acabaram com tudo. Prof. Manico era muito bom.

(DONA MARIA, 72 anos)

Guia era pequenininho, tinha mais mato do que casa. Aquela ponte lá é muito antigo, muito antigo. (...) São duas coisas que tem aqui na Guia de histórico: essa ponte e essa uma igreja lá embaixo – Nossa Senhora da Guia, descendo lá embaixo, lá em frente à praça. É a mais antiga. Essa ponte e essa igreja. (...) Já é bem antiga mesmo, bem, bem velha mesmo. Agora tá construindo outra igreja, tá terminando. Bonita!

(DONA MARCOLINA, 61 anos)

Quem já teve a oportunidade de andar pelo centro-oeste brasileiro, mais especificamente pelas localidades mato-grossenses ainda em desenvolvimento, percebeu que muitas comunidades ainda mantêm características dos seus antepassados e conservam um ar todo histórico nas ruas, casas e, especialmente, no falar. Apesar de possuir uma colonização de múltiplas etnias e regionalismos, esse cenário atrai a atenção dos estudiosos da língua que levantam hipóteses da manutenção de traços lingüísticos dos colonizadores dos séculos XVII e XVIII pelas peculiaridades percebidas no falar dos atuais habitantes deste pedaço do Centro-Oeste em destaque pela agricultura e potencial econômico.

Nessa perspectiva, nos lançamos!

Quiçá pareça comum dizer que as comunidades lingüísticas se formam a partir das vivências histórico-culturais, contudo, inúmeros estudiosos afirmam categoricamente que é possível determinar uma comunidade pelos traços lingüísticos destacados nessa, que personificam uma determinada cultura e vida social.

O mesmo acontece no *corpus* tomado para este trabalho: o falar dos moradores do Distrito Nossa Senhora da Guia.

Ao buscar informações sobre a localidade para então co-relacionar aos seus moradores e investigar seu linguajar para compreender sua história e seus traços lingüísticos, muitas imagens vêm à mente, bem como outras tantas perguntas que só poderão ser respondidas após a integração e aceitação do pesquisador à comunidade pesquisada.

Como pesquisadora em busca de informações que levem a caracterizar o falar desse distrito, ao adentrar em Guia percebe-se que o tempo parou apenas na casa dos moradores mais antigos, pois a presença jovem dos demais moradores garantiu o desenvolvimento local.

A visita aos guieneses idosos nos transporta, inquestionavelmente, para um século em que a religiosidade ditava as regras da boa convivência e determinava os costumes familiares. Entre uma palavra e outra a invocação ao Sagrado é constante e assegura que ali, naquele distrito, a religiosidade do povo é um traço relevante.

As palavras do seu Samuel – um de nossos informantes idosos da Guia – que não deixa de lembrar as figuras sacras a cada fala e ainda mantém a casa toda decorada com imagens de santos; a figura do oratório indispensável na entrada de todas as casas visitadas e as orações cantadas pelo seu Manoel – outro empolgado colaborador da nossa pesquisa – que prioriza as conversas religiosas às demais, nos levaram a um universo desconhecido e nos atentaram que há um mundo lingüístico incutido na fé que nós, principiantes aos estudos da língua vernácula, estamos nulos pelo simples (mas complexo, paradoxalmente) fato de vivermos entre a parafernália tecnológica e a atenção

às mudanças temporais, dispensáveis aos mais antigos que têm na oração a resposta para suas preocupações mais simples: alimentar-se, criar os filhos, viver com saúde e cultivar o Sacro no seio familiar e social.

“Imolar o Santo” parecia algo tão estranho a princípio que apenas quando começamos a ouvir o seu Manoel compreendemos que a devoção desta comunidade aos Santos Cristãos e ao poder conferido por essa fé é que os mantêm afastados dos males do mundo e conserva o seu linguajar.

Televisão? Rádio? Jornal? “Não, a gente não gosta de ver isso não senhora, porque só tem desgraça e coisa ruim” – a resposta do seu Samuel sintetiza o quanto esta comunidade preserva os hábitos familiares antigos e evita que a modernidade inadequada invada sua vida e transforme seu viver.

Para entender o *corpus* deste trabalho, não basta buscar nos registros históricos as informações públicas comuns. É necessário invadir, no sentido *lato* da palavra, a vida dos seus moradores e dedicar alguns longos minutos às conversas que permeiam a fantasia, os desejos realizados e os sonhos não concretizados no tempo de juventude, pois o trabalho de coleta oral provoca uma interação tal que torna o pesquisador um ouvinte-cúmplice da história de vida de cada entrevistado.

O Distrito Nossa Senhora da Guia, doravante nomeado apenas por *Distrito da Guia* ou *Guia*, é o local escolhido para nossa pesquisa. O falar de sua gente, o *corpus* lingüístico deste trabalho investigativo.

Guia é um local de rica história onde a arquitetura e a variante lingüística do local, remontam o tempo dos colonizadores que transformaram o cerrado num bom lugar para se viver e produzir.

2.3.1 O Distrito da Guia em Números, Fatos e Fotos

O Distrito Nossa Senhora da Guia traz em seus registros históricos a idade de 260 anos.

Guia, ademais de ser distrito de Cuiabá, se confunde com a história da capital porque sua localização às margens do Rio Coxipó-Açu fez do lugar ponto de parada para as tropas que navegavam por esse rio trazendo mercadorias para a capital e, conseqüentemente, desenvolvimento, colonização e expansão ao porto guiense.

Na busca por informações que possam contextualizar e situar este distrito da maneira mais fiel possível a sua história, todos os dados apresentados neste texto foram pesquisados e publicados por Aníbal Alencastro², no livro “Freguezia de Nossa Senhora da Guia”, obra que traz informações da criação e desenvolvimento do Distrito e do povo guiense.

Situado a 42km da capital cuiabana, Guia tem seu surgimento ligado às expedições chefiadas pelo Capitão-Mor Gabriel Antunes Maciel que, nas suas manobras em direção ao norte da capitania, navegou pela passagem que posteriormente deu origem ao Distrito. Este foi o primeiro caminho rumo ao norte.

Dom Rodrigo César de Menezes, Capitão General Governador da Capitania de São Paulo e o responsável pelas navegações da Vila de Cuiabá (hoje, Cuiabá – Capital de Mato Grosso), tinha como principal objetivo controlar o ouro da minas cuiabanas com vistas a uma melhor arrecadação aos quintos da Coroa Portuguesa. Adotava uma postura rígida com legislações rigorosas

² Ex-morador do Distrito de Nossa Senhora da Guia. Historiador do Arquivo Público de Cuiabá/MT e autor do livro “Freguezia de Nossa Senhora da Guia”.

que tolhiam qualquer possibilidade de crescimento econômico dos mineiros que trabalhavam para sua capitania e estes, por sua vez, entregavam todo o ouro em troca de alimentação.

O rigor extremista de Dom Rodrigo provocou a retirada de muitos mineiros que, em busca de novas possibilidades de vida, deixaram as minas cuiabanas e acomodaram-se nas redondezas da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, dando origem a novos arraiais e vilas. Nesse período surgiram pequenas localidades como Nossa Senhora da Guia.

Documentos diversos registram como possível data de surgimento da Guia o período correspondente entre os anos de 1736 e 1744, comprovando que o lugarejo apareceu no século XVIII – período em que Cuiabá ganhava atenção da Capitania Portuguesa e, conseqüente, desenvolvimento.

Como a maioria das cidades colonizadas durante o Império Português, Guia nasceu a partir da descoberta de algumas pepitas de ouro que deram lugar a um pequeno garimpo e atraíram alguns mineradores e suas famílias para o lugarejo. A extração deste minério não perdurou e os explorados ali já estabelecidos buscaram outras formas de manutenção e desenvolvimento local, fazendo do antigo porto sua morada.

Antes de ser nomeado de Distrito, Nossa Senhora da Guia recebeu o título de *Freguezia* – nome dado às vilas ou aos lugarejos que detinham maior poder político na época. A Lei Provincial de 1850, assinada pelo Comendador das Ordens de São Bento D’Aviz e da Rosa, João José da Costa Pimentel, emancipou Guia em *Freguezia*.

O vilarejo, nomeado de Freguezia Nossa Senhora da Guia, representava uma fatia importante da economia cuiabana, pois era um dos mais importantes produtores de açúcar e farinha da região.

No que se refere às ascendências de Guia, Alencastro sugere que o Distrito tem influência dos colonizadores nordestinos, mineiros e, especialmente, paulistas, dada a procedência de todas as expedições vindas à Cuiabá: São Paulo. Apesar de haver registros de povos indígenas aos arredores da Guia, não há evidências de sua interação com os colonizadores, bem como participação na expansão do local; porém, a mão-de-obra escrava usada nas fazendas e engenhos marca a mestiçagem que compõe Guia.

Ao ler os registros do traçado urbano, é interessante observar o lugar de destaque dado à igreja na distribuição territorial retomando a idéia de religiosidade presente no povo guiense e a um fator primordial das colonizações da época: a construção de uma capela para o estabelecimento dos religiosos que acompanhavam as capitânicas.

A capela de Nossa Senhora da Guia ocupava o centro da localidade, ponto no qual também foi construída uma praça para reunir os moradores. Tal localização propiciava as reuniões de amigos e as discussões acerca dos problemas a serem resolvidos na comunidade. A igreja era o referencial de fé, de organização social e um líder silencioso.

A primeira igreja de Guia foi construída de pau-a-pique no século XIX. Os anos foram alterando as condições físicas do local e quatro reformas resultaram na mudança do aspecto externo da Capela Nossa Senhora da Guia. Sua arquitetura interna, porém, foi mantida como patrimônio cultural. Até a conclusão da construção da nova igreja, a Capelinha da Guia manteve-se ativa

sob os olhares cuidadosos de seus moradores que compreendem o valor da manutenção da sua história. A antiga Capela Nossa Senhora da Guia se tornará, em breve, apenas um local para visitaço como patrimnio guiense, pois guarda objetos de riqueza histrica e cultural do sculo XVIII.

Vista externa da Capela Nossa Senhora da Guia e Altar da Capela antiga

Quanto à população da Guia, não há como registrar um número exato, pois o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) traz apenas informações da capital matogrossense – Cuiabá – município ao qual Guia pertence. A única informação existente, porém bastante desatualizada, está contida no livro de Alencastro que registra uma população de 3.438 habitantes, em 1992. O Censo 2004 informa que Cuiabá conta com 524.666 habitantes.³

O Distrito da Guia, mesmo sendo um lugar pequeno e com fortes características interioranas, busca alternativas que reúnem a população nos finais de semana e atraem os visitantes. A igreja antiga, os casarios e a ponte construída no início do século XX tornam-se pontos turísticos e locais de festas diversas que atraem os vizinhos cuiabanos e orgulham os moradores locais. Da mesma forma, os eventos públicos são momentos sociais bastante participativos; exemplo disso foi o desfile de fanfarras ocorrido como parte das comemorações ao aniversário da guia, apreciado numa das visitas de 2005.

Concurso e Fanfarras – parte da programação em Comemoração ao Aniversário da Guia

(set/2005)

³ <http://www.ibge.gov.br> – Cidades – Censo 2004. Acesso: 02 de setembro de 2005.

Casa de adobe – uma das construções típicas da Guia. Esta casa é de propriedade da informante Domingas. Ela mora na casa com o marido e dois filhos.

Casario de adobe construído pelos primeiros moradores. Este lugar é ponto turístico da cidade e é mantido como tal. Há famílias que moram nele; contudo, contribuem para conservá-lo e atendem aos visitantes interessados em conhecer o local e a arquitetura.

Alencastro (1993, p.22) se refere à ponte existente na comunidade e local de encontro mais popular da Guia, de maneira tão entusiasta que é possível compreender a valorização que os guienses dão à história que envolve seus antepassados e porque mantém tudo isso muito vivo em seus dias:

O projeto da Ponte de Guia data de 1907. Suas peças metálicas foram trazidas desmontadas, através de navios vindos da Europa, precisamente da Inglaterra. Sua Construtora foi a Empresa de David Rowell Engenheiros – London.

(...)

Esta peça de arte, construída no início do século, é uma verdadeira obra prima da arquitetura metálica inglesa.

Ponte de Guia datada de 1907 – vista lateral

Ponte de Guia datada de 1907 – vista frontal

As fontes de renda são limitadas e o Distrito tem sua economia baseada no extrativismo mineral (calcário), modesta agricultura, pecuária e artesanato.

Segundo um dos informantes, os principais empregadores de Guia são: a Caieira (empresa mineradora em funcionamento desde 1966) e o funcionalismo público. Aqueles que não estão trabalhando nestas duas organizações mantêm-se da pequena agricultura familiar ou trabalham na capital – Cuiabá.

O Distrito conta com Escolas Estaduais e Municipais oferecendo a educação básica e fundamental. Os registros indicam que sempre houve uma preocupação com a educação escolar dos guienses, uma vez que a primeira escola já surgia a princípios do século XIX.

3 A COLETA DE DADOS: PROCEDIMENTOS E INFORMANTES

Eu sou a moda porco, até hoje não tenho minha idade certa, não sei. Porque no nosso tempo não era como agora. Não importava com nada. (...) O quesito era crescer um pouquinho assim que é; era pra roça, era fiando algodão, era fazendo uma costura, era mexendo com a farinha, serviço de roça memo, serviço, e assim não precisava de nada, não tinha precisão nem de tá assinando nada, igual gado no campo. Ia vivendo, ia vivendo, ia; algum ainda importava de registrá, quem quisesse, p'á por num colégio. Era algum que interessava e arrumava filho pra estudá, mas a maioria não tava nem aí, principalmente menina, os pai nessa hora falava que menina não podia estudá porque ia aprender só p'á manda carta.

(DONA BENEDITA, 88 anos)

Selecionar informantes que possam contribuir na pesquisa pode parecer uma tarefa fácil quando se tem à disposição uma população aproximada de 4.000 habitantes, divididos entre zona urbana e zona rural. Contudo, não há tarefa das mais preocupantes do que esta, uma vez que o entrevistado tem parcela singular e insubstituível na determinação do resultado da investigação lingüística.

O trabalho aqui proposto pretendia, a princípio, entrevistar apenas aos moradores idosos da Guia e, a partir deles, colher o maior número possível de lexias com indicadores de manutenção, mudança ou variação semântico-lexical para serem investigadas a partir dos dicionaristas determinados para a pesquisa. Porém, para ampliar ainda mais o trabalho e perceber as possíveis e hipotéticas mudanças sofridas no falar dos guianenses ao comparar idosos *versus* jovens, ousamos criar um questionário a partir da conversa livre desenvolvida com o primeiro grupo (dos mais idosos) para ser aplicado a um segundo grupo de informantes (o dos moradores mais jovens) e assim

determinar as variações e mudanças lexicais ocorridas no linguajar pela alteração do grupo social a partir da idade.

O grupo I composto pelos informantes idosos não teve um questionário específico para responder, mas foi conduzido, imperceptivelmente, a discorrer livremente sobre sua vida, família, trabalho, infância e demais aspectos que achávamos necessário abordar ao longo da investigação.

Optamos pela conversa livre por acreditar que com este grupo específico encontraríamos maiores dificuldades em obter respostas a questionários previamente montados, pois pelos aspectos psicológicos que envolvem a idade, sempre é muito mais agradável e motivador falar de questões próprias da vida, contar as aventuras e as desventuras do que responder a um sem número de perguntas que talvez não correspondam a sua realidade.

A proposta, neste momento, era investigar se na população mais jovem da Guia havia também a manutenção de lexias antigas ou se a mobilidade deste grupo e o contato com os meios de comunicação e com a tecnologia já haviam provocado uma mudança lexical , constituindo um estado de variação no seu linguajar da comunidade.

As transcrições das conversas com os grupos entrevistados se somam aos anexos desse trabalho para evidenciar o processo realizado na Guia e dar autenticidade às lexias exploradas no capítulo seguinte.

3.1 CLASSIFICAÇÃO E DETERMINAÇÃO DOS INFORMANTES

Para selecionar o primeiro grupo de informantes que pudesse dar corpo à pesquisa e atender ao objetivo de todo o trabalho, partimos da proposta de seleção de informantes contida no Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB, 2001), priorizando aspectos que atendessem a nossa investigação.

Determinamos que a seleção do grupo de idosos obedeceria aos seguintes critérios:

- a. Número de 15 informantes;
- b. De ambos os sexos;
- c. Com idade superior a 55 anos;
- d. Nascidos no local e, preferencialmente, filhos de pais nascidos também na localidade;
- e. Com profissão definida e, se possível, sem necessidade de mobilidade;
- f. Analfabetos ou com grau de escolaridade mínimo (Ensino Fundamental incompleto).

Observados estes pré-requisitos nos lançamos em busca de moradores da Guia que nos recebessem e colaborassem.

Sabíamos das dificuldades que encontraríamos, pois nunca tínhamos estado na comunidade e aquele seria o primeiro contato com o local e com seus moradores.

Partimos do pressuposto que em toda a comunidade, por menor que seja, há um posto de saúde, uma igreja ou qualquer outro local público em que

se possa receber informações iniciais de seus cidadãos. Por estarmos num lugar muito pequeno acreditávamos que as pessoas se conheciam a ponto de nos ajudar indicando seus amigos e vizinhos.

Ao chegar à Guia nos deparamos com a Sub-Prefeitura. Estávamos diante do local ideal para informações iniciais.

Encontramos ali, em reunião, o subprefeito e seus assessores.

Ao esclarecer o que buscávamos e qual era nosso objetivo enquanto pesquisadores, um dos Assessores se dispôs a nos ajudar indicando o primeiro informante e levando-nos até sua casa.

Já tínhamos nosso primeiro contato!

Fomos à residência do Sr. Manoel e a partir dele a cadeia de entrevistados foi se formando e pudemos dar corpo à pesquisa lexical na Guia.

A pergunta que fazíamos ao nosso informante no final da conversa era sempre a mesma: “O Sr. (ou Sra.) conhece alguém com quem poderíamos conversar? Podemos dizer que o Sr. (ou Sra.) a (o) indicou?” Felizmente, todas as respostas eram positivas e garantiam a continuidade de nosso trabalho. Contudo, quando recebíamos uma resposta negativa, vislumbrávamos outro ponto freqüentado pela comunidade e íamos até ele em busca de auxílio.

Assim se constituiu a rede dos informantes idosos da Guia:

Sr. Maurício

Dona Nilza

Dona Chiquinha

O Sr. Mauricio e a Dona Nilza surgiram na nossa pesquisa pela insistência. Quando nos deparamos com um ciclo fechado e sem mais indicações, observamos ao nosso redor e batemos na casa dos nossos

informantes. Percebendo que eles se encaixavam no perfil que buscávamos, convidamo-nos a colaborar com o trabalho.

Para criarmos esta rede de informantes andamos por toda a Guia, pois cada um deles estava num ponto diferente da localidade.

Como queríamos explorar ao máximo o falar dos moradores de Nossa Senhora da Guia, nos dispomos a realizar as entrevistas na casa dos informantes por julgarmos importante deixá-los à vontade e tranquilos no espaço que reconhecem como seu e assim também visualizarmos o cenário em que estavam inseridos nossos personagens.

Mesmo tendo interferências de transeuntes, a casa do entrevistado passa a ser também um local para investigação porque ali estão as verdadeiras demonstrações do que julga importante para a sua vida e trabalho.

Por ser tratar de um trabalho que envolve pesquisa dialetológica e sociolinguística, atentamos ainda para as entrelinhas sugeridas nas conversas travadas com os informantes, uma vez que nestas falas poderiam aparecer elementos não declarados, mas que contribuiriam na formatação da pesquisa.

Para facilitar a identificação de nossos colaboradores, organizamos os dados pessoais em modo fichário para possibilitar ao leitor maior visualização do trabalho realizado no Distrito da Guia diretamente com seus moradores.

Após os dados pessoais dos informantes, alguns comentários e citações da própria conversa mantida com eles complementam a identificação do grupo.

Dona Augustinha

75 anos

Viúva

Do lar

Nascida no Distrito Nossa Senhora da Guia

Em 18 de junho de 1931

Analfabeta

Dona Augustinha nunca teve a oportunidade de freqüentar a escola porque quando criança precisava cuidar dos irmãos menores enquanto os pais trabalhavam na lavoura ou saiam em busca de barro para o fabrico de utensílios domésticos.

Advinda de uma família numerosa (sete irmãos), Dona Augustinha lembrou, durante a conversa, todas as dificuldades enfrentadas por ela e pelos irmãos para sobreviverem da lavoura pobre que os pais cultivavam e que produzia o pouco que comiam, vendiam ou trocavam pelos alimentos que não conseguiam cultivar.

Muito católica, na entrada de sua casa podemos ver um pequeno altar e muitos santos. Ao perguntar qual o Santo de sua devoção, Dona Augustinha diz não ter um Santo único, mas que é devota de todos e para cada um dedica uma oração especial. Ao longo da conversa ela intercede várias vezes aos santos cada vez que se refere a sua família ou conta algum fato de sua infância que a marcou pela tristeza e miséria.

Hoje nossa informante vive cercada pelos filhos. Todos muito pobres também foram “se achegando” no terreno comprado por ela e pelo marido e ali

formaram uma pequena vila que leva o nome do esposo de Dona Augustinha: Sr.Cipriano.

Dona Benedita

89 anos

Viúva

Do lar

Nascida no Distrito Nossa Senhora da Guia

Em 15 de abril de 1917

Analfabeta

Dona Benedita não possui nenhum documento que possa comprovar sua data de nascimento ou sua verdadeira idade.

Segundo ela, os pais, naquele tempo, não se preocupavam em registrar os filhos, pois acreditavam que isso apenas fosse necessário para o ingresso na escola ou para serviços fora da cidade e, sendo mulher, ela não precisaria destes documentos uma vez que permaneceria junto aos pais e para os serviços de casa.

Dona Benedita tem uma fala mansa, mas não sugere tranquilidade em nenhum momento. Fala com tristeza e amargura da doença da mãe e se mostra um tanto culpada por não ter ficado junto dela quando estava doente.

Pela narrativa de dona Benedita, sua mãe teve uma crise muito grande após o nascimento do irmão caçula (o que nomeamos hoje de depressão pós-parto) e enlouqueceu. Sem dinheiro e sem acesso aos cuidados médicos, a mãe foi ficando cada vez pior até que se perdeu no mato e morreu sozinha, muito tempo depois, abandonada pela família que já a julgava totalmente louca e fora de controle.

Apesar de falar baixinho e interromper a conversa, algumas vezes, para pequenos sorrisos lembrando das travessuras infantis, dona Benedita tem nos olhos uma tristeza difícil de descrever.

Muito cuidadosa com a casa e consigo mesma, fala com carinho dos filhos, noras e netos e faz questão de receber as pessoas com a casa limpa e muito bem organizada. É lúcida e esclarecida. Não demonstra fragilidade absoluta e parece ter ainda muita energia para enfrentar os dias atuais.

Mesmo com a idade bem avançada, mostra agilidade para tecer tapetes de retalho e ajudar nos serviços domésticos; diz fazer isso para se entreter, pois os filhos são muito atenciosos com ela e nunca deixam faltar qualquer coisa que seja.

Faço devagá, devagá, pra mim só empeíá tempo, encurtá dia... eu não güento ficá o dia intero só sentada, pensando, maquinando as coisa. Aí eu vô ali, encurto o tempo...

(Dona Benedita, 89 anos)

Dona Erotide

73 anos

Viúva

Do lar

Nascida no Distrito Nossa Senhora da Guia

Em 03 de junho de 1933

Analfabeta

Ao chegarmos à casa de dona Erotide, mesmo sem saber o que queríamos ou a que vínhamos, ela nos recebeu com uma enorme simpatia e carisma, nos pedindo para entrar e sentar.

Quando chegamos, ela varria o pátio da casa com vassoura feita com um tipo de erva do mato, pois era sábado e queria deixar a casa organizada para o final de semana.

Sentamo-nos no fundo da casa onde ela mantém sua primeira moradia naquele terreno, “casa de adobo”, justifica ela logo depois.

Ao longo da conversa fomos percebendo a docilidade desta senhora que acolhe filhos e netos numa casa de três pequenos cômodos aonde todos vão chegando e se acomodando para conversar.

As festas, os encontros, são todos realizados na casa de dona Erotide, até mesmo as festas beneficentes que ela organiza com seu filho “festeiro” (este título é dado aos que organizam as festas na Guia). Nossa segunda visita à casa da informante se deu exatamente no sábado em que estava toda a vizinhança preparando as comidas que seriam usadas à noite quando realizariam um baile com leilão (no terreno de dona Erotide) para ajudar a um vizinho com sérios problemas de saúde e sem condições para buscar auxílio médico.

Aí vai te festa, vai te o leilão, um bailinho, esse menino vem tocá aqui piano, aí vai trazê os instrumento dele pra tocá um bucadinho, pra ajudá né. Aí faiz o leilão, pega alguma coisa fiado aí ele paga né, porque num é tudo que dá, os tempero, essas coisa tem que tê. Maria, minha sobrinha memo, já deu cenora, deu mandioca, dá óleo, da galinha, comprô, ta tudo aí chuçada (...) aí tempera, dexe pará no tempero, frita, daí é galinha encapada, bate o ovo, tem cebolinha, tem sardinha, aí mistura bem, aí tá encapada, só num tem a lingüiça...

(DONA EROTIDE, 73 anos)

Preparativos para a festa que os vizinhos estavam organizando em prol de outro, doente.

Dona Erotide é uma cultivadora dos costumes antigos; tem uma grande quantidade de comadres e afilhados e aqueles que chegam enquanto conversamos, vêm até ela e “pedem a bênção” antes de qualquer outra coisa.

Nossa informante também mantém o hábito de lavar as roupas no rio que passa dentro do Distrito; segundo ela, muita gente faz isso na Guia para economizar água e também porque encontra as amigas para conversar durante o trabalho.

Católica desde criança, dona Erotide, como a maioria dos informantes da Guia, mantém um altar com os santos de devoção e mostra-se muito prestativa aos serviços da igreja da comunidade.

Sr. Manoel

95 anos

Casado

Agricultor

Nascido no Distrito Nossa Senhora da Guia

Cursou apenas a 1ª. série do Ensino Fundamental

O Sr. Manoel é uma figura lendária do Distrito da Guia.

Aos 95 anos, com surdez avançada, mas plenamente consciente e perspicaz a tudo o que se passa a sua volta, é o “tirador de reza” da comunidade. Todos os eventos de cunho religioso (batizados, festas comunitárias e funerais) têm a figura do Sr. Manoel na reza proferida aos Santos do dia.

É costume entre os mais antigos, segundo ele, comemorar o aniversário de uma pessoa de duas formas: com festa e com a reza. Nesta

reza se celebra o santo do dia do nascimento do aniversariante com cânticos e orações específicos deste santo.

Sr. Manoel tem um caderninho feito pela filha com todos os cânticos e orações, pois acredita que é sua responsabilidade repassar a profissão de “tirador de reza” para católicos mais jovens que queiram dar continuidade ao costume.

Angélica (filha do Sr. Manoel) mostrando o caderninho com as cantigas utilizadas pelo pai na rezas da comunidade. Este registro é feito por ela para que, com o falecimento do pai, a cultura não se perca e ela possa dar continuidade ao trabalho paterno.

O informante tem verdadeira paixão pelo que faz. Isso está evidente na simpatia como conduz nossa conversa para o assunto que mais lhe agrada: “as rezas” e sua importância para a comunidade. Mesmo atendendo aos nossos pedidos e comentando sobre sua infância na lavoura dos pais, sua vida com a esposa Celestina (91 anos) e todas as aventuras vividas nos tempos idos, ele não deixa de salientar a importância da oração para sua família e para a comunidade da Guia.

O Sr. Manoel já participou de muitas reportagens sobre a história e os costumes do Distrito Nossa Senhora da Guia e é o referencial dos demais moradores quando se trata de “resgate histórico”. Eventualmente sua foto e seus cânticos saem impressos em revistas e jornais.

Dona Geralda

79 anos

Separada

Tecelã

Nascida no Distrito Nossa Senhora da Guia

Analfabeta

Dona Geralda é uma pessoa muito simpática; fala manso, baixinho e com um acento cuiabano inconfundível; contudo, ao interlocutor desatento, dona Geralda esconde a história de uma mulher muito sofrida, com momentos de euforia negativa no seu discurso, especialmente quando fala do pai e deixa claro sua mágoa e tristeza pelas atitudes deste que a obrigou trabalhar na lavoura desde menina, não a deixou ir à escola por considerá-la “traíçoeira” e ainda a obrigou a casar-se com um rapaz que pouco conhecia por um comentário infantil e inseqüente feito pela prima que sempre a acompanhava.

Eu era quieta. Meu pai não quis me botá na escola porque disse que era dessas que joga pedra e esconde a mão e minha madrinha queria que eu fosse na escola e eu querendo ir e mamãe queria e “nom é demais de quieta, joga pedra e esconde a mão”. (...) Isso aí que ele me ensinou, mas na escola não.

(DONA GERALDA, 79 anos)

Nossa informante tem uma casa semi-pronta construída com a ajuda dos filhos onde reserva um lugar especial para os Santos de sua devoção e para o equipamento de fiar. Porém, é nos fundos da casa que dona Geralda passa a maior parte do seu tempo. Ali ela mantém sua antiga casa “de adobo” onde guarda objetos diversos e mantém sempre aceso seu fogão rústico feito de barro e mantido à lenha. Segundo ela, a casa nova é “só pra dormir e

receber as pessoas”, pois é naquele lugar no fundinho do terreno que prefere ficar.

Fogão, pia e utensílios domésticos utilizados por D.Geralda

Apesar da idade e dos problemas de saúde que demonstra ter, dona Geralda não permite que ninguém faça o serviço da casa, pois quer se manter ativa e ocupada.

Quando questionada sobre a vida conjugal e a história da família, dona Geralda assume um ar de mulher sempre lutadora e destemida. Enfrentou o abandono do lar pelo esposo quando os filhos ainda eram muito pequenos, com orgulho e coragem desconsiderados nas mulheres pela sociedade da época; nunca aceitou os pedidos do marido para voltar a viver com a família depois de anos desaparecido.

Ela se mostra uma mulher de fibra e se diz vitoriosa por ter conseguido que todos os filhos crescessem com saúde e fossem à escola.

Meu casamento foi esquisito, agora depois das carreira dos fio, minha fia, aí eu fiquei na roça, minha vida é roça, trabaiei, cabei de criá meus fio, vida de roça, lavá ropa, botei tudo na escola, pensei nos fio, eu num sei nada, mas meus fio aprende aí eu ia c'o guri mais véio na roça(...) Graças a Deus tão tudo

criado. Quem que ia fazê se não era eu, eu que tinha, o fio era meu, o pai já tinha ido, ia fica esperando o que?

(idem)

Sr. Samuel

86 anos

Casado

Juiz de Paz aposentado

Nascido no Distrito Nossa Senhora da Guia

Cursou a 1ª. série do Ensino Fundamental

A chegada à casa do Sr. Samuel causou uma certa estranheza, a princípio, pois a imagem serena e ao mesmo tempo sisuda daquele senhor sentado na cadeira em frente à casa, observando o movimento da rua e com um livrinho de orações no colo, não denotava a figura comunicativa, simpática e atenciosa que encontraríamos a seguir.

Nosso informante fala de todos os assuntos com riqueza de detalhes e memória fotográfica invejável. Tem recortes de jornais que falam de si como figura atuante na comunidade e do trabalho desenvolvido no Distrito da Guia como Juiz de Paz por longos anos.

Demonstra incansáveis vezes seu amor pela esposa, pela casa e por tudo o que ambos construíram ao longo da vida. Fala pouco da família, mas demonstra ter uma grande admiração pela figura do pai e por seus ensinamentos quando menino.

O ar romântico e melancólico evidenciado nas palavras, mas não na expressão séria do Sr. Samuel, estão também evidentes na ante-sala de sua casa; as paredes dividem espaço com figuras e imagens sacras, fotos da família dele e da esposa e cartazes políticos. O que mais chama atenção são

as lâmpadas com água colorida e flores que ficam penduradas no teto desta ante-sala, bem como as incontáveis imagens sacras, estilo folheto, penduradas no teto do quarto em frente.

Falante, mas também bom ouvinte, Sr. Samuel, a princípio, incorporou a figura do “juiz” e usou de formalidade ao conversar; postura essa que não perdurou, pois os fatos da vida e as aventuras como mascate o fizeram voltar a ser o homem simples de sempre e evidenciar um linguajar carregado de léxicos desconhecidos aos nossos ouvidos.

Ele contou a história de sua vida como mascate e depois como juiz de paz com muito orgulho, salientando trechos que merecem nossa atenção pela riqueza de informações que trazem e por reproduzirem essa pessoa saudosista e carismática.

(Profissão) Eu saia vendendo as coisas de casa em casa e aí ia conhecendo essas coisinha aí! *(referindo-se à esposa)* Eu vendia um perfume estrangeiro. Brisa da Lua. Colocava dentro da blusa, ficava lavava, passava o mês inteiro.

(Casamento e família) Nós digamos assim nesse assunto....nós digamos assim..eu robei a moça. Eu fui fala pra meu pai. Quando eu cheguei falei assim: meu pai eu vo casa. Agora..uiaí como assim? Ocê tem cadebar pra ocê se casa agora? Aí eu falei como não meu pai, eu sou filho de homem garantido e eu toda a vida fui trabalhador agora que tô assim pacatão, porque velho, doente né?! 85 anos que eu tenho dentro do trabalho, era serviço doméstico, não serviço doméstico é de muié, era serviço braçar e só de cartório 33 anos. Temos uns cinqüenta e tantos anos, mais o menos de casados. Nunca tivemos um filho. Só mais nós. Eu fiz promessa; me deu dó de minha irmã quando ela tava pejada e que foi dar a luz a uma criança e essa criança morreu, depois de moço, morreu afogado, meu afilhado; fiquei com dó dela... aí, aí, eu saí, ela morava numa fazenda, saí pra ficar lá no cerrado e disse assim: Senhor Jesus Cristo, a moça que eu casá com ela, num deixa nós adquirir filho de dó da muié, de sofrimento. E aí, esse padre, um velho que tinha aqui me deu um livro. A senhora desculpa de eu expressar essas palavra, mas como a senhora é gente fina, é gente boa e eu sou um pai de família, vou expressar pra senhora alguns dizeres em torno do casamento. Disse ele: todas as senhora tem suas doença que dá na lua certa, então nessa doença é perigoso

manter contato com o marido porque fica grávida, não tem conversa e nós, com esse pedido que eu fiz, nós tem cinqüenta ano de casado e num tem filho. O pessoar caçoa de nós aqui, mas aí tem outra família chama, a mulher chama Rosangela e o marido Sirvio. Professor e professora aqui na Guia num tem filho nem filha. Aqui do otro lado tem um fazendo já morreu, Luiz Nunes e a mulher chamava Aozone de Arruda. Morreu sem ter filho. Então são essas conseqüência. Mas me deu muita dó da irmã. Ela ta viva, mora bem aqui perto. Graças a Deus.

(SAMUEL, 86 anos)

Dona Luisa

77 anos

Casada

Do Lar

Nascida na comunidade Terra Vermelha – Distrito Nossa Senhora da Guia

Em 21 de agosto de 1929

Analfabeta

Dona Luisa é esposa do Sr.Samuel.

A princípio, o único informante que buscávamos ali era o Sr.Samuel, contudo, a presença de dona Luisa durante todo o tempo de nossa conversa e sua visível vontade de falar, de participar e de contar de seus sonhos, de sua infância, de suas conquistas, nos fez dedicar mais algum tempo a aquele casal e também ouvir o que ela tinha a nos dizer.

Dona Luisa nos contou dos pais, da infância, do casamento feito às pressas com o Sr.Samuel e das particularidades destas fases de sua vida:

E aí com essa mascataria dele ele me achou lá pra lá...Terra Vermelha... aí eu gostei dele, eu gostei dele, ele tamém me gostó, gostó de mim. Eu era moça esse tempo, mocinha nova. Cherosa, carinhosa, era mocinha nova, aí eu gostei dele, eu gostei dele e ele tamém gosto de mim, aí nois casemo. Não, muito tempo não (*namoro*). Nós somo bem casado, nós semo casado no religioso, no civir, no cartório... tudo certinho. Não me alembro nem qual padre que fez nosso casamento.

Samuer não pediu (*a “mão em casamento” para os pais dela*).
Nóis fugiu. Nóis fugiu porque já tava com pressa né.

Eu tava com pressa. Me robô, num espero aprontá assim
porque nós já tava com pressa.

(DONA LUISA, 77 anos)

Ao falar de escola, nossa informante falou de seu maior sonho:
freqüentar uma escola, aprender a ler e a escrever. Não o fez quando menina
porque os pais não deixaram e depois de casada e adulta não encontrou
formas de fazê-lo.

Minha infância? Se tivesse colégio pra lá, onde eu morava,
minha infância era no colégio pra mim sê gente agora; eu já
falo assim. (...) Eu que fui criada no cerrado nunca fui no
colégio. Lá num tinha, lá num tinha colégio...

(DONA LUISA, 77 anos)

Desafiada por nós a realizar seu sonho hoje numa escola que
oferece alfabetização de adultos, ela nos disse que só quer se dedicar ao
marido e à casa e que não tem mais condições de aprender nada, porque “a
cabeça já não é tão boa quanto antes”.

Talvez a vida de casada a tenha feito desistir do sonho. A
independência da mulher, sua saída de casa para estudar ou trabalhar são
atitudes não tão bem recebidas assim pelas pessoas de sua época e com o
marido num bom trabalho e sabendo ler e escrever, a acomodação a levou ao
abandono do sonho.

Sr. Angélico

60 anos

Viúvo

Aposentado e Cantador de Cururu

Nascido em Terra Vermelha, Distrito Nossa Senhora da Guia

Em 13 de dezembro de 1945

Analfabeto

Este informante foi o único não entrevistado na própria casa, pois mora com os filhos e raramente pára em casa. Nós o encontramos na casa do amigo – Sr.Egídio, ensaiando o cururu para a festa da comunidade que aconteceria dias depois.

Pessoa muito simples, prefere cantar a conversar. Falou pouco, mas as informações oferecidas por ele contribuíram para a formatação do vocabulário final deste trabalho.

Amigo desde a infância do Sr.Egídio, pediu ao companheiro que ajudasse a contar as aventuras da época de jovens cantadores de cururu nos bailes da comunidade.

Sr.Egídio

78 anos

Viúvo

Agricultor aposentado e Cantador de Cururu

Nascido no Distrito da Guia

Em 01 de setembro de 1928

Analfabeto

Muito comunicativo e simpático, Sr.Egídio é um dos poucos cantadores de cururu da Guia.

Aprendeu a cantar cururu com o pai, acompanhando-o nos bailes que faziam na comunidade e onde era tradição cantar e dançar o cururu e o siriri.

Nossa conversa foi intercalada com as músicas típicas do *cururu*, acompanhadas do som abafado da viola de cocho e da melodia ditada pelo instrumento improvisado com um prato de lata e um garfo, imitando o que chamamos hoje de reco-reco.

Além de cantador de cururu, Sr.Egídio é um mantenedor das tradições locais. Guarda com zelo, num canto da sala, o Santo de sua devoção que sempre é usado nas orações que a comunidade faz para *imolar o santo*. Além disso, ele mantém num caderninho antigo todas as orações e cantigas de sua época que são usadas nas festas típicas realizadas na Guia.

Pequeno oratório no canto da sala da casa do Sr.Egídio. O santo na (?) é usado nas procissões e nas rezas da comunidade.

Dona Maria Lina

73 anos

Viúva

Aposentada

Nascida em Brota, Acorizal, em 08 de janeiro de 1933, veio pra Guia com 5 anos de idade.

Alfabetizada (cursou apenas a 1ª. série do Ens. Fundamental)

Dona Maria é outra personalidade de Nossa Senhora da Guia.

Como freqüentou apenas a 1ª. série na escola, aprendeu a ler e a escrever de verdade, segundo ela, pelo rádio ouvindo um programa da capital que se dedicava a isso todas as noites.

Mora próximo à igreja e à praça e, mesmo tendo imensas dificuldades de locomoção, pois tem as duas pernas quebradas e atrofiadas, mantém uma horta nos fundos da sua casa que garantem parte de sua alimentação. Ela mora sozinha e a casa tem apenas dois cômodos, de chão batido e paredes de adobe.

Pessoa muito simples, bastante sofrida e amarga nas palavras, dona Maria gosta de ser ouvida e de demonstrar sua devoção à Nossa Senhora, ao Menino Jesus e aos santos católicos.

Dedicou-se por muito tempo aos serviços da Igreja, cuidando da limpeza e organização da primeira capela construída no local, datada do séc. XIX.

Após sofrer um acidente e ter suas duas pernas quebradas em vários pontos, submeteu-se à cirurgia para colocação de pinos e viu suas atividades se limitarem a um sofá colocado num canto da casa. Pela dificuldade de se

locomover e sem parentes próximos para auxiliá-la, dona Maria Lina se reservou e se limitou aos trabalhos domésticos.

Durante toda a nossa conversa, a informante se colocou numa posição defensiva, acusando filhos e ex-marido da atual situação em que vive e de toda a tristeza existente em sua vida.

Foi a entrevista mais difícil de ser feita. Foram 2 horas de conversa longa para conseguir abstrair desta mulher de muitas histórias e dores, informações que se somassem ao nosso trabalho.

Apesar disso, os léxicos utilizados por ela nos foram muito ricos e proveitosos.

Sr. Maurício

67 anos

Divorciado

Pedreiro aposentado

Nascido no Distrito da Guia

Em 21 de setembro de 1938

Alfabetizado (cursou até a 2ª. série do Ens. Fundamental)

O Sr. Maurício é uma das figuras mais tranquilas de Guia. Sentado em sua cadeira de balanço, na varanda da casa, conversou sem pressa e contou sua história de vida com riqueza de detalhes, enfatizando que aprendeu a profissão sozinho porque era muito teimoso. Os pais queriam que ele fosse lavrador como eles, mas Sr. Maurício preferiu o serviço de pedreiro porque poderia conhecer mais pessoas e *viajar para outros lugares fora da Guia*.

Divorciado do primeiro casamento e vivendo com uma nova companheira, o porte físico de nosso informante nos dá indícios de quanto trabalho ao longo da vida já realizou. A casa, recém construída, tem sua colaboração direta na obra e é seu maior orgulho, porque tem toda a comodidade que sempre quis para si e para a família.

Dona Nilza

55 anos

Viúva

Do lar

Nascida no Distrito da Guia

Em 08 de novembro de 1950

Ens. Fundamental incompleto (cursou até a 5ª. série)

Dona Nilza nos olhou com desconfiança e só ganhamos sua simpatia muito tempo depois de termos iniciado nossa conversa.

Mulher de atitudes calmas e ponderadas, dona Nilza foi nos contando sua história na Guia e de sua família, destacando-se como uma mulher muito batalhadora e com o verdadeiro espírito de “chefe de família”.

Com pausas longas entre as falas cada vez que interferíamos na conversa, dona Nilza parecia buscar na memória os fatos que marcaram sua vida e selecionar aquilo que registraria no nosso gravador.

Dona Luiza

82 anos

Viúva

Do lar

Nascida na Guia, em 16 de setembro de 1923

Analfabeta

Dona Luiza é das pessoas mais carismáticas, bem-humorada e simpática que encontramos na Guia.

Sempre sorrindo, muito atenta aos cuidados consigo e com a casa, nos recebeu sem cerimônias e receio na sua casa de duas peças onde a sala é também cozinha e quarto do irmão com deficiência mental e seu quarto fica num cantinho apertado.

Viúva por três vezes, contou sua história de vida como se fosse uma narrativa figurada em algum livro recheado de bom humor nas partes mais trágicas e doloridas e, com isso, colaborou imensamente para a classificação dos léxicos aqui trabalhados.

Depois que esse morreu (*referindo ao segundo marido*) veio uns home querendo casá comigo, mas eu não queria não. Meus filho dizia: pára de faze fita, mamãe, a senhora ta sozinha e vai fica aí sem faze nada...

Aí fui mora com um que apareceu. Ele era rico, tinha muito gado que enchia o curral e ainda sobrava pra fora.

(DONA LUIZA, 82 anos)

Sua eloquência foi grande e muito bem-vinda à entrevista.

Sua narrativa, uma completa diversão aos nossos ouvidos curiosos pelas histórias de fantasmas, espíritos vagando e toda a mistura de crenças, fé e religiosidade possíveis.

Dona Marcolina

61 anos

Do lar

Viúva

Nascida no Distrito Nossa Senhora da Guia

Analfabeta

Chegamos à casa de dona Marcolina sem conhecê-la e apenas com uma indicação de dona Geralda.

A casa simples e construída rusticamente, nos sugeria que ali vivia um bom informante para nossa pesquisa.

Dona Marcolina nos recebeu com cara de “poucos amigos” e tivemos de insistir para conseguir que ela aceitasse conversar um pouco conosco. Contudo, esta rejeição durou apenas os 10 minutos iniciais de nossa conversa, pois quando ela percebeu que apenas queríamos ouvi-la e conhecê-la um pouco mais através de sua história de vida, sentiu-se à vontade e pudemos extrair muitas coisas desta nossa informante.

Abandonada pelos pais logo após o nascimento, Dona Marcolina fora criada pela avó materna e teve uma infância muito sofrida e marcada pelas carências de todo o tipo. Com isso, constituiu-se uma mulher forte para enfrentar as problemáticas da vida, dura nos sentimentos e firme nas decisões. Com os netos, porém, derrete-se e eles estão sempre por perto.

Alguns trechos podem resumir as características psicológicas desta informante:

Eu gostava de brincar de boneca de sabuco. Naquele tempo não existia assim boneca comprada, aí, eu juntava aquele sabuco já seco, eu brincava mais sozinha porque não tinha criança pra brincar, né. Eu brincava mais só.

Os prato era de madeira, é tudo de madeira, não tinha prato comprado, era só de madeira; aí nós ia comia, junto c'minha vó.

Esse quando eu morava com outras pessoa já depois que minha vó morreu. Depois que minha vó morreu que passei com outras pessoa, fazia o prantio do arroz, feijão, mandioca, milho. Fui pra casa de outra pessoa. Daí acabó a infância; aí num tinha mais tempo de brincá mais, era só serviço. Duas hora da manhã, levantava, ia lavá mandioca, ia ralá, ou então ia socá a massa pra coá pra quem ia fazê a farinha, né?! Bardiava água na cabeça, do corgo. Num brincava mais, num tinha tempo pra nada mais de brincadeira, tinha vontade, né, mas não podia, porque eles não dexava.

(DONA MARCOLINA, 61 anos)

Dona Chiquinha

56 anos

Do lar

Casada

Nascida no Distrito da Guia, em 08 de abril de 1950.

Em fase de alfabetização (Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos – EJA)

Dona Chiquinha tem uma espontaneidade muito grande. Pastora de sua igreja, fala com voz alegre e motivada.

Sua tranquilidade, intermediada por sorrisos simpáticos, ajudava a tornar nossa conversa descontraída e sem interrupções.

Convidada a falar conosco por uma vizinha, ela prontamente nos atendeu e logo salientou que estava estudando. Era sábado e ela precisava fazer as tarefas de casa, pois estava na escola participando do programa de alfabetização de jovens e adultos e estava muito feliz, afinal, realizava seu grande desejo de aprender a ler e a escrever.

Todas as informações dadas por esta informante enriqueceram nosso trabalho, porque suas histórias e afirmativas vinham carregadas de sentimentalismo e alegria de viver.

Finda a busca, entrevista e formatação dos dados dos idosos, partimos para a seleção do segundo grupo de informantes – o dos jovens da Guia – que, como salientado anteriormente, complementariam a pesquisa numa atividade espécie de experimento, onde as lexias coletadas no falar desse grupo por meio das entrevistas dirigidas com um questionário previamente estruturado nos forneceriam elementos lingüísticos para especular a variação ocorrida de um grupo idoso para um grupo mais jovem, provenientes da mesma comunidade.

Assim, não nos apegamos a tantos detalhes como no primeiro grupo e a descrição aqui feita é muito mais sucinta e direta, pois foram entrevistados apenas cinco moradores para uma amostragem de como seria o trabalho de comparação do falar dos idosos X falar dos jovens da Guia.

Para selecionar este grupo, delimitamos como requisitos:

- a. Idade máxima de 45;
- b. Ambos os sexos;
- c. Alfabetizados e com um grau de escolaridade igual ou superior ao Ensino Fundamental;
- d. Com profissão definida.

Pretendíamos trabalhar com um público realmente jovem, contudo, pela limitação cultural e educacional que o Distrito demonstra, raros são os jovens que permanecem na localidade. Dessa forma, abrimos mais a idade

limite na tentativa de encontrar moradores capazes de se tornarem informantes para essa amostragem.

Perfil de nossos informantes do segundo grupo:

Dito

44 anos

Autônomo

Casado

Nascido na Guia, em 11 de junho de 1962

Filho de pais guienses, lavradores.

Ens.Fundamental incompleto (cursou até a 6^a. série)

Domingas

38 anos

Do lar

Amigada

Nascida no Distrito da Guia, em 09 de março 1968

Filha de pais guienses, lavradores

Ens.Fundamental incompleto (cursou até a 7^a. série)

Mora na casa que foi cedida pela avó, feita de adobe e que representa a arquitetura antiga do Distrito.

Chico

42 anos

Funcionário Público

Casado

Nascido no Distrito da Guia, em 30 de maio de 1964.

Filho de pais guienses, agricultores

Ens.Superior incompleto (cursou o 1^o. semestre de Letras)

Iraci

25 anos

Do lar

Casada

Nascida na Guia, em 24 de julho de 1980.

Filha de pais guienses, agricultores.

Ens.Fundamental incompleto (cursou até a 7ª. série)

Sirlei

29 anos

Do lar

Separada

Nascida na Guia, em 09 de dezembro de 1976.

Filha de pais também nascidos no Distrito da Guia, agricultores.

Ens.Fundamental completo

Após a aplicação do questionário para este grupo de informantes, sempre abríamos espaço para uma narrativa livre onde o entrevistado pudesse discorrer sobre algum aspecto de sua vida que lhe fosse importante e tivesse marcado sua história.

Poucos foram os que aproveitaram este espaço, mas aqueles que o fizeram nos deram a oportunidade de destacar lexias que não haviam sido ditas durante a entrevista dirigida e que poderiam ser agregadas à lista de vocábulos já existente. Essas lexias fazem parte das tabelas que construímos a partir da investigação com os dois grupos sócio-culturais da Guia.

O questionário utilizado para este grupo foi formatado a partir das respostas obtidas nas conversas livres efetivadas com os informantes idosos da Guia.

O objetivo estava posto e para que pudéssemos atingi-lo elaboramos um instrumento que nos auxiliasse na tarefa de identificar as palavras e expressões utilizadas pelos moradores jovens do Distrito. Falaremos mais detalhadamente desse questionário no capítulo a seguir.

4 ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL NO DISTRITO NOSSA SENHORA DA GUIA

Ao nos dispormos a trabalhar com o léxico abstraído do falar de um povo ou grupo social, estamos nos propondo a compreender como se dá o processo de aquisição desta ou daquela lexia no conjunto de palavras que forma o seu vocabulário e que significado tem para a constituição histórica da comunidade lingüística, como ressalta Biderman (2001, p.14):

O léxico de uma língua natural por ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história.

Para tal, nos apoiamos nas ciências que se dedicam ao estudo *do falar* buscando aporte nos recortes abstraídos da Dialetologia, da Sociolingüística e, por fim, da Lexicologia para então analisar as lexias a que nos desafiamos.

Leite (2003, p.28) chama atenção para a importância da língua no recompor histórico de uma sociedade e cita Benveniste (1989, p.100) para reforçar esta idéia:

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. (...) O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura.

Tendo a língua como objeto de investigação e de compreensão dos povos, culturas e sociedades que a utilizam, precisamos, sobretudo, identificar em que momentos e em que processos lingüísticos são expressadas estas ou

aquelas palavras para então lançar mão de conclusivas acerca da época de utilização e primeiros registros.

Isso quer dizer que não há formas de assegurar o uso de um termo específico ou de um léxico numa comunidade em estudo quando não o analisamos no contexto de utilização. Observemos estas afirmativas:

Os testemunhos que a língua dá deste ponto de vista [do vocabulário] só adquirem seu valor se lês forma ligados entre eles e coordenados à sua referência. (BENVENISTE, 1989, p.100)

Afirmamos que o léxico só pode ser adequadamente interpretador quando analisado a partir do contexto em que foi enunciado, ou seja, a partir de sua enunciação, da relação produto (enunciado) / processo (enunciação). (LEITE, 2003, p.29)

Pautados nestas afirmativas, iniciamos nossa análise do *corpus* designado para esta pesquisa: *o falar do moradores de Nossa Senhora da Guia*, embasados nos dicionaristas que se dedicaram ao estudo, classificação e registro dos termos existentes na língua portuguesa na sua variante brasileira.

Conhecedores do número de lexicógrafos existentes, entre eles Trabalharemos com os seguintes lexicógrafos observando a ordem cronológica de edição de suas obras:

1. Pe. Raphel Bluteau - 1712;
2. Antônio de Moraes Silva – 1813;
3. Frei Domingos Vieira – 1871;

4. Laudelino Freire - 1922;
5. Francisco Júlio Caldas Aulete - 1948;
6. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - 1986;
7. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar – (Houaiss) 2001
8. Francisco S. Borba - 2002

Optamos por estes dicionaristas para trabalhar com as várias fases da língua portuguesa, uma vez que aí estão dicionários que trazem os léxicos do séc. XIX, XX e XXI.

As acepções serão reproduzidas aqui tal qual encontram-se nos dicionários, sem modernização ortográfica ou qualquer correção e adequação. Dessa forma, pretendemos garantir a melhor compreensão do processo realizado na análise das lexias.

4.1 CLASSIFICAÇÃO E ESCOLHA DAS LEXIAS:

Para facilitar o trabalho de catalogação e análise das lexias, antes mesmo de iniciarmos as entrevistas com os moradores idosos da Guia, retomamos a proposta de coleta lexical existente no ALiB e nomeamos os campos semânticos que pretendíamos investigar direcionando, imperceptivelmente, as conversas com os informantes.

Iniciávamos a entrevista perguntando sobre a vida de nossos informantes quando criança e a partir de então, íamos traçando uma linha do tempo e propondo conversas sobre casamento, trabalho/vida profissional, costumes antigos, lendas ouvidas pelos pais e avós, formação da família e

criação dos filhos, bem como, aspectos relativos à comunidade guianense, de forma a atender os campos semânticos pretendidos e abstrair dessas conversas, o maior número possível de informações que agregassem dados à nossa investigação.

Vencida a etapa de entrevistas – que duravam em média 1h30min por informante - transcrevemos as informações que julgamos imprescindíveis à pesquisa e a partir dessa transcrição, abstraímos os léxicos e os classificamos de acordo com os campos pré-determinados, quais sejam:

- Habitação;
- Atividades domésticas e profissionais;
- Alimentação e cozinha (utensílios);
- Corpo humano, saúde, ciclos de vida;
- Atividades agropastoris;
- Jogos e diversão infantis;
- Convívio e comportamento social; e
- Religiões e crenças.

Neste grupo de um sem número de lexias, re-classificamos aquelas que julgamos mais pertinentes ao estudo para: 1º.) criar o questionário a ser aplicado aos moradores mais jovens da Guiana como objeto simulado de contraprova da manutenção ou variação semântico-lexical; 2º.) para proceder com uma análise fidedigna ao contexto de utilização e com aporte dos dicionaristas.

Foram re-classificadas cinquenta e duas palavras compreendendo todas as variações utilizadas para uma mesma entrada. Destas palavras,

organizamos o questionário utilizado com os informantes mais jovens da Guia, composto de trinta e três perguntas que abrangem os campos semânticos descritos anteriormente e atendem as lexias analisadas.

Observemos o questionário aplicado aos informantes jovens:

Campo Semântico: HABITAÇÃO

1. *Adobe/abodo/barrote*

Do que (e como) eram construídas as casas antigamente aqui na região?

2. *Tapera*

Como você chama uma casa velha, descuidada e com aspecto de abandonada?

3. *Brequetê*

Que nome você dá a um local retirado da cidade, geralmente na zona rural, com aspecto velho e abandonado?

4. *Baburro/bamburro/bamburral*

Quando algum local público está tomado pelo mato, você quis que aquele local está um ... ?

Campo Semântico: ATIVIDADES DOMÉSTICAS/PROFISSIONAIS

5. *Pajar/Pajear/Apajear*

Que nome você dá a atividade de cuidar dos irmãos menores ou de outras crianças dando-lhes toda a atenção e atendendo as suas necessidades?

6. *Mascatear*

... atividade de venda de diversos produtos feita de porta em porta?

7. *Mascate*

... profissional que realiza esta atividade?

Campo Semântico: ALIMENTAÇÃO E COZINHA (utensílios)

8. *Tapuru/Tucurum/Tucuru/Tacuru*

... ao local feito com três pedras (*mímica*) onde se colocam as panelas para cozinhar os alimentos no meio do mato?

9. *Bateinha/bateia*

.... tigela de madeira feita artesanalmente e usada como prato?

10. *Gamela*

... recipiente também confeccionado artesanalmente (na madeira ou no barro) e utilizado para colocar os alimentos?

11. *Almoço/quitute*

Que nome você dá a brincadeira de crianças de preparar comidinhas e simular as refeições?

12. *Afogado/Refogado*

... ao preparado de carne ou legumes, geralmente, cozido no vapor da panela com pouco óleo e água?

13. *Chuçada/temperada*

Quando você vai preparar um assado, antes de colocá-lo no fogo, usa condimentos (salsinha, cebola, alho, pimenta, sal) para deixar mais saboroso. Que nome você a isso? Como você diz? “Vou o assado.”

14. *Encapada*

Como se chama a carne ou o frango passados num preparado de farinha, sal e ovos e, em seguida, frito?

Campo Semântico: CORPO HUMANO/SAÚDE/CICLOS DA VIDA

15. ***Tonto/doido/variado***

Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva e precisa até ser internada no hospício ou ter cuidados especiais?

16. ***Pejada/Grávida***

Quando a mulher está esperando um bebê. Você diz que ela está...? Você conhece outros nomes?

Campo Semântico: ATIVIDADES AGROPASTORIS

17. ***Carravascá/baburro/espinheiro***

Como se chama o mato com muitas plantas espinhosas e que dificultam o acesso de pessoas e/ou animais?

18. ***Caititu/Catitu***

... tipo de prensa que come a mandioca durante o preparo da farinha?

19. ***Pititi***

Como se chama o objeto usado para secar a mandioca ralada durante o preparo da farinha?

Campo Semântico: JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

20. ***Burrica***

Que nome você dá ao brinquedo feito com uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e brincam girando de um lado ao outro? (*mímica*)

Campo Semântico: VIDA URBANA

21. ***Coletivo/carro/ônibus***

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso

dentro da cidade?

Campo Semântico: CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

22. *Cabedal*

Nome dado ao patrimônio material, intelectual ou moral de uma pessoa?

23. *Dolenta*

Que nome você dá à pessoa que sente muita dó, pena de tudo e de todos?

24. *Atropelar*

... quando você quer muito alguma coisa ou precisa que façam algo que você pediu, fica falando insistentemente até que o atendam. Que nome(s) você dá a isso?

25. *Espiar/vigiar*

... quando você quer que alguém olhe alguma coisa que lhe chamou atenção. Você diz a pessoa: "... aquilo!"

26. *Sondar/perguntar*

Quando você quer saber algo, você... (para alguém)?

27. *Ladino/esperto*

O que se diz de uma pessoa muito atenta e esperta que não perde nenhuma oportunidade?

28. *Aranzel/gritaria*

A pessoa que está muito nervosa tem atitudes descontroladas de choros, gritos e ataques físicos. Quando a pessoa tem essas atitudes, você diz que ela está fazendo um ... ou uma...?

29. *Majar/Manjar*

... quando você suspeita de algo que é confirmado logo em seguida (questões

pessoais e/ou profissionais), você diz que já estava... sobre aquilo?

30. ***Pacato***

Que nome você dá à pessoa que é parada, muito calma e tranqüila em todas as situações?

Campo Semântico: RELIGIÃO E CRENÇAS

31. ***Quinzena***

... ato religioso que se realiza a cada duas semanas, com rezas, cânticos e reuniões populares?

32. ***Imolar***

... rezar para o santo do dia com oração específica e cânticos?

33. ***Portador***

... pessoa que traz recados diversos, geralmente, enviados por autoridades civis e/ou religiosas?

Do universo pretendido (75% do número de informantes idosos), foram entrevistados cinco moradores (25%) para o segundo grupo de investigação, chegando-se a um total de 20 entrevistados.

4.2 TABELAS DE OCORRÊNCIAS LEXICAIS:

O trabalho de análise exige a determinação de um termo entre as escolhas lexicais feitas pelos informantes como entrada e a exposição de suas ocorrências e variantes. Desse modo, determinamos como entrada as palavras com maior ocorrência entre os informantes idosos, bem como, aquelas que nos causaram maior estranheza no momento de recolha. As variantes dessas lexias, foram determinadas a partir da utilização entre os dois grupos: o dos idosos e dos jovens.

Faz-se necessário esclarecermos, contudo, a escolha por algumas lexias com apenas uma ocorrência entre os informantes. Esses termos compõem nossa análise por uma razão que consideramos plausível: as conversas com o grupo dos informantes idosos foram conduzidas de acordo com o interesse e objetivos propostos para este trabalho, porém, não houve um questionário direto que forçasse o entrevistado a fazer essa ou aquela escolha lexical, como já salientado. Dessa forma, mesmo com nossa condução indireta aos assuntos que nos eram relevantes, muitos termos não foram repetidos por um grupo de pessoas e sim utilizados por uma única pessoa e sua estranheza ao grupo de vocabulários que conhecemos e seu contexto de utilização pelo entrevistado nos levaram a optar por seu acréscimo e registro nessa pesquisa.

A análise das escolhas lexicais feitas pelos informantes do Distrito da Guia e a acepção dicionarizada investigada compõem o item seqüente a este, no entanto, para se chegar ao estudo que propomos, foi imprescindível criar um quadro que nos trouxesse informações parciais e facilitasse o trabalho. Para tanto, realizamos as tabelas expostas abaixo dividindo os termos abstraídos das entrevistas em campos semânticos com:

1. vocabulário de entrada (designado a partir do número de ocorrências);
2. número de ocorrências do termo de entrada entre o grupo dos idosos;
3. variantes utilizadas entre os idosos (termo e número de informantes que utilizaram referida variante);
4. ocorrências registradas entre o grupo dos informantes jovens com atenção para o número de informantes que fizeram uso dessa escolha lexical.

Há de se destacar ainda que alguns termos não denotaram variação entre os grupos pesquisados e nesses utilizamos hífenes (--) para indicar a inexistência da lexia.

Tabela 1 – Campo Semântico: HABITAÇÃO

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
ADOBO	02	Adobe	01	Adobo	03
		Barrote	01	Barrote	01
				Barro	01
TAPERÁ	04	Taperinha	01	Casa abandonada	02
				Tapera	02
				Barraco	01
BREQUETÊ	01	--	--	Brequetê	01
				Não souberam responder	02
				Tapera	02
BABURRO	02	Baburrero	01	Lugar sujo	02
				Não souberam responder	03

Tabela 2 – Campo Semântico: ATIVIDADES DOMÉSTICAS E PROFISSIONAIS

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
PAJAR	02	Zelar	01	Cuidar	02
				Ser babá ou Trabalhar de babá	03
MASCATEAR	04	--		Vender	04
				Mascatear	01
MASCATE	04	--	--	Mascate ou Vendedor	03
				Autônomo	02

Tabela 3 – Campo Semântico: ALIMENTAÇÃO E COZINHA (e utensílios)

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
QUITUTE	02	--	--	Comida	01
				Almoço ou quitute	02
				Almoço	01
				Quitute*	01
AFOGADO	03	Refogado	01	Refogado	01
				Afogado	02
				Não souberam responder	02
CHUÇADA	01	--	--	Temperada	05
ENCAPADA	03	--	--	Encapado	01
				Empanado	02
				Não souberam responder	02
TACURU	04	Tapuru	01	Tacuru	02
		Tucuru	01	Tapuru	01
		Tucurum	01	Fogo de Lenha	01

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
				Não soube responder	01
BATEIA	02	Bateinha	01	Não souberam responder	05
GAMELA	03	--	--	Potinho	01
				Gamela	02
				Não souberam responder	02

(*) Para o Sr.Dito QUITUTE é sinônimo de comida para brincadeira de criança.

Tabela 4 – Campo Semântico: CORPO HUMANO, SAÚDE e CICLOS DE VIDA

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
TONTO	02	Variada, ruim da cabeça	01	Louco	02
				Ruim da cabeça	01
				Deficiente ou Retardado	02
GRÁVIDA	04	Pejada	01	Grávida	01
				Grávida ou Prenha	03
				Gestante	01

Tabela 5 – Campo Semântico: ATIVIDADES AGROPASTORIS

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
CARRAVASCÁ	01	Espinheiro Baburro	01	Espinheiro	02
				Trincheira	02
				Espinhhal	01
CAITITU	03	Catitu	01	Prensa	02
				Sicuri	01
				Picha	01
				Não soube responder	01
PITITI	03	--	--	Moinho	01
				Pititi	03
				Não soube responder	01

Tabela 6 – Campo Semântico: JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
BURRICA	06	--	--	Balanço	01
				Burrica	01
				Não souberam responder	03

Tabela 7 – Campo Semântico: VIDA URBANA

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
ÔNIBUS	02	Coletivo	01	Ônibus ou Coletivo	05
		Carro	02		

Tabela 8 – Campo Semântico: CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
CABEDAL	02	--	--	Riqueza	01
				Boa condição	01
				Bens	03
DOLENTA	01	--	--	Que tem pena	02
				Caridosa	01
				De bom coração	02
ATROPELAR	02	--	--	Insistir	02
				Pedir	01
				Afobar	02
ESPIAR	04	Vigiar	01	Olhar	04
				Observar	01
SONDAR	02	Procurar	01	Perguntar	05
LADINO	03	Esperto	02	Esperto	01
				Safado	02
				Malandro	01

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
				Peralta	01
ARANZEL	01	Gritaria	01	Loucura	01
				Nervoso	02
				Com distúrbio	01
				Quem faz ruindade	01
MAJAR	01	--	--	Adivinhar	01
				Desconfiar	02
				Imaginar	01
				Espiar	01
PACATO	02	--	--	Parado	01
				Lento	01
				Sem iniciativa	01
				Pessoa sonsa	02

Tabela 9 – Campo Semântico: RELIGIÃO E CRENÇAS

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variante entre o grupo dos idosos	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos idosos	Ocorrências no grupo dos jovens	Nº. Ocorrências das variantes no grupo dos jovens
QUINZENA	02	Reza	02	Quinzena	01
				Reza	01
				Oração	01
				Terço	02
IMOLAR	02	--	--	Rezar	03
				Fazer novena	01
				Não soube responder	01
PORTADOR	03	--	--	Mensageiro	01
				Coroinha	01
				Não souberam responder	03

As palavras contidas em cada tabela/campo semântico acima descritas foram utilizadas como lexias a serem investigadas nos dicionários determinados para este trabalho.

Delas, formatamos tabelas onde destacamos a lexia/entrada, explicitamos o contexto de utilização entre os informantes idosos e destacamos as variações ocorridas no primeiro grupo trazendo, por fim, as acepções dicionarizadas. Sempre a primeira palavra a ser pesquisada nos dicionários é aquela determinada como entrada (identificada na coluna pelo sinal =); na seqüência, as demais.

Após montagem das tabelas com todas as acepções encontradas nos dicionários pesquisados, apresentamos uma análise retomando o contexto de utilização da lexia pelo informante e seu valor semântico, a partir dos dicionaristas.

4.3 AS LEXIAS, ACEPÇÕES DO DICIONARISTAS E ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL:

Este sub-capítulo se constitui da análise das escolhas lexicais realizadas pelos informantes idosos da Guia.

As lexias serão observadas a partir do contexto de utilização da recolha vocabular, das variações ocorridas no grupo de pesquisa e as acepções trazidas pelos dicionaristas.

Os critérios para confecção das tabelas com as acepções dos dicionários, observam:

- manutenção fidedigna do conteúdo registrado nos dicionários sem modernização de termos;
- destaque (*itálico*) para as variações pesquisadas a partir da lexia de entrada quando não há registro desta;
- as lexias de entrada obedecem a coleta oral no grupo dos idosos sem modificação de nenhuma ordem na reprodução escrita (fonética, fonológica ou lexical);
- todas as informações trazidas pelos lexicógrafos quanto a lexia analisada serão transcritas na tabela (verbos, substantivos, adjetivos, advérbios e outros);
- somente as acepções condizentes à lexia de entrada serão transcritas.

1) Entrada: ADOBO

Contexto de utilização:

“Era só eu e minha vó que morava. (...) nesse tempo não era assim levantado como é hoje. Não existe mais casa levantada de **adobo**, né?! Tempo de vovó era assim, era maderá fincada assim. Fincava as travessa assim de lado no chão. Aí vinha com aquelas maderá tudo cortado e ia empiando assim daquelas tudo amarrado e ia empiando assim pra fecha e aí as porta também era assim, enfiadinha as maderá

na porta. Tudo montado na madeira; a cobertura de banda era de paia de acurê, outra vez nós pegava paia de arroiz na roça pra tapa tudinho, de banda, a cobertura também de cima de paia de acurê.”

(Dona Marcolina)

Variação no grupo dos idosos:

- Adobe

“Naquele tempo fazia rancho na mata grande, na roça; onde fazia roça, fazia rancho de paia de acuri. Era uma casa feita de pau c’o barro, casa de **adobe**, e cubria com a paia de acuri.”

(Dona Benedita)

- Barrote (barreado)

“Era de **barrote barriado**, do barro fazia c’umas madeira; aí já fincava c’o capim, sapê. Naquele tempo só era de sapê, capim, paia de acurê. O marido meu, ele trançava a paia, ficava bem trançadinha.”

(Dona Augustinha)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Adobo	<i>Adôba ou adôbe</i> Grilhão ou outra pri[s]ão da feição do ladrilho ou adôbe.	<i>Não há registros</i>	Vid. <i>Adoba</i> s.f. ant. Gilhão, cadeia, algema. Também se escreve <i>adobe</i> , <i>adova</i> , <i>adoba</i>	s.m. Ar. <i>At-tob</i> . O mesmo que <i>adôbe</i> ²	s.m. o mesmo que <i>adôba</i> . [Adôba] s.f. o mesmo que <i>adobe</i> .	1.V. <i>adobe</i> ¹	1 ato ou efeito de adobar 2 m.q. ¹ <i>adobe</i>	<i>Adobe/adobo</i> Tijolo cru, seco ao sol: <i>Como o adobe, que é o tijolo cru seco ao sol.</i>
Adobe	E[s]pecie de ladrilho gro[ss]o, não cozido ao fogo, mas [s]eco ao [s]ol.	<i>Adôbe</i> s.m. tijolo de barro quadrado. V. <i>Adoba</i> , e <i>Adôva</i> .	s.m. (Do árabe <i>at tobi</i> ; tijolo ou ladrilho de terra argilosa, secco ao sol) Ladrillo grosso e não cosido ao fogo, mas secco ao sol, misturado com palhas para dar maior coesão às molleculas argilosas.	s.m. Ar. <i>At-tob</i> . Tijolo grande, não queimado; tijolo cru.// 2. Seixo arredondado que se encontra no leito dos rios; seixo rolado. [ADÔBA] s.f. Ar. <i>At-tob</i> . O mesmo que <i>adôbe</i> ²	s.m. tijolo grosso e não cozido ao fogo mas simplesmente sêco ao sol, e às vezes, misturado com palha para melhor se ligar e não estalar.	Pequeno bloco semelhante ao tijolo, preparado com argila crua, secada ao sol, e que também é feito misturado com palha, para se tornar mais resistente; tijolo cru	tijolo grande de argila, seco ou cozido ao sol, às vezes acrescido de palha ou capim, para torná-lo mais resistente. Derivação: por metonímia. construção feita com esse tijolo	(Vide anterior)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Barrote	Viga pequena que [s]erve de [s]ustentar o taboado, ou a[s]folhado de huma ca[s]a.	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	1.Peça de madeira, com cerca de 17 x 7cm de seção, maior que o caibro e menor que a vigota, na qual se pregam as tábuas dos assoalhos e tetos, usada também em armações de sobrelojas, coberturas, etc	Rubrica: construção. peça de madeira de seção reduzida, us. para fixar assoalhos, forros etc.	Trave grossa e curta que sustenta forros, ripados, soalhos.

- ADOBO e ADOBE:

Os lexicógrafos Vieira, Freire, Aulete, Ferreira, Houaiss e Borba registram *adobo* e *adobe* como palavras sinônimas para configurar *tijolo de barro cozido ao sol*. Bluteau e Silva, por sua vez, registram apenas *adobe* nessa acepção.

Ao analisar o contexto de utilização da palavra pelos informantes da Guia e as acepções dicionarizadas, evidenciamos uma variação de significado, uma vez que os informantes usam a palavra *adobo* (ou *adobe*) como sinônima do tipo de construção existente na época de sua infância e não como material utilizado para este fim.

Há de se ponderar, contudo, que há muito os falantes da língua portuguesa (na sua variante brasileira) utilizam-se de alterações semânticas para atribuir um novo significado à palavra pela proximidade de idéias que ela evoca (metonímia).

Assim, registramos as lexias *adobo* e *adobe* como uma variação semântico-lexical exercida pelos informantes pesquisados.

- BARROTE:

Nos quatro dicionaristas que registram a palavra (Bluteau, Ferreira, Houaiss e Borba) há manutenção da acepção utilizada pela informante que descreve a construção de sua casa simplificando na expressão “barrote barriado” os materiais utilizados para levantar as paredes, ou seja, barrote - as madeiras usadas na formação da estrutura/esqueleto e o barro, já citado pelos demais informantes, para finalizar o trabalho e formar uma parede que evite a entrada de chuvas e frio.

Aqui, há evidências de manutenção semântico-lexical do termo utilizado.

2) Entrada: TAPERÁ

Contexto de utilização:

“Você tira tudo os anjo da guarda, os santo tudo, o anjo menino.. que ele ganhô de uma velinha que morreu...olha pega tudo esse santo e pega o retrato reproduzido de mamãe e de papai e seu também e leva pra sua casa nova...porque lá tem luz, tá craro e aí tá tudo escuro. Ele cozinha lá, dorme lá, mas a **taperinha** tá lá que mamãe dexô!”

(Dona Luisa)

“Morei aqui no Taquaral da Bahia. Agora lá tá tudo **taperá**. Vim pra cá criança. Eu era quieta. Meu pai não quis me botá na escola porque disse que era dessas que joga pedra e esconde a mão e minha madrinha queria que eu fosse na escola (...).”

(Dona Geralda)

“Ah! É lá pras banda onde morava meus pai. Hoje virô tudo uma **taperá**. (...).”

(Dona Nilza)

Varição no grupo dos idosos:

- O uso do diminutivo pela informante Luisa evidencia apenas variação estilística.

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Tapera	<i>Não há registros</i>	Bras. Quinta, ou fazenda que algum tempo se grangeou, e que depois se abandona, e deixa fazer mato, ou sapezal	s.f. Termo do Brazil. Quinta, ou fazenda, que algum tempo se grangeou, e que depois se abandona, e deixa fazer matto, ou sapezal, por cançada	s.f. Terreno de poisio.// 2. Fazenda abandonada e invadida pelo mato, depois de ter sido cultivada. //3. Casa velha e abandonada. //4. Lugar ruim e feio. Adj. Diz-se da casa ou prédio deshabitado.// 2. Atoleimado, tonto, amalucado.	(Bras.) habitação abandonada. Povoação ou casa em ruínas. Lugar feio e desolado.	1.Habitação ou aldeia abandonada. 2.Casa arruinada. 3.Fazenda inteiramente abandonada e em ruínas	1. Aldeamento ou povoação abandonada 2. Residência ou fazenda em ruínas, tomada pelo mato 3. Derivação: por extensão de sentido. qualquer local destruído, de mau aspecto	1.Casa arruinada ou em mal estado. 2.Lugar ruim, lugarejo 3.Resto abandonado

- TAPERA:

A presença da lexia *tapera* não nos causa maior estranhamento, pois ainda hoje é utilizada por muitos falantes como sinônimo de lugar sujo e abandonado.

Os lexicógrafos (com exceção de Bluteau) registram *tapera* no mesmo contexto de utilização dos informantes da Guia, ressaltando o aspecto de abandono e desolação dado à casa ou ao lugar que recebe esta designação.

Registro evidente de manutenção semântico-lexical da palavra no vocabulário dos informantes da Guia.

3) **Entrada:** BREQUETÊ

{variante fonética de BREGUETE ou BREGUEÇO}

Contexto de utilização:

“Eu nasci e criei logo ali, não foi aqui dentro da Guia, mas era logo ali; é parte da Guia. Depois eu me mudei, foi lá um lugar, um **brequetê** pra cá.”

(Dona Benedita)

Variação no grupo dos idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Brequetê	<i>Não há registros</i>	<i>Bregueços</i> s.m. pl. Bras. Roupa usada e velha. Cacarecos.	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Breguesse</i> – Adj. Brás. BA e MG. Diz-se de, ou pessoa impertinente. <i>Breguesso</i> – s.m. Brás. Traste sem importância; bagatela	Uso informal. m.q. <i>Bregueço</i> Bregueço substantivo masculino Regionalismo: Brasil. Uso: informal. 1 roupa velha e usada 2 cacareco, quinquilharia, traste 3 objeto pessoal, pertence; qualquer objeto 4 Regionalismo: Ceará. coisa complicada, atrapalhada	Bregueces Objetos, coisas, bugigangas

- BREQUETE, BREGUEÇO ou BREGUECE

Para analisar esta lexia, pela falta de registro nos dicionários, buscamos as palavras mais próximas que poderiam ter sido corrompidas pela informante durante a oralidade. Encontramos e trabalhamos com os vocábulos: *breguete* (m.q. *bregueço*) e *breguece*, pois ambos dão idéia de *objetos velhos, quinquilharias*.

Ao retomarmos a fala da informante, partindo da existência de variação lexical, verificamos o uso da lexia por extensão de significado.

Eu nasci e criei logo ali, não foi aqui dentro da Guia, mas era logo ali; é parte da Guia. Depois eu me mudei, foi lá um lugar, um **brequetê** pra cá.

Questionada sobre a palavra utilizada durante a narrativa, Dona Benedita acrescentou:

Não tem aquela caiera ali? Foi pra lá da caiera um poco; um poco tempo, mas tudo fazendo parte da Guia. Depois eu mudei pra cá e daí que fico memo aqui dentro.

Entre os informantes mais jovens da Guia, o vocábulo, na sua forma variante – *brequetê* - foi utilizado por um informante, o que nos leva a entender que esta palavra não está distanciada do léxico diário dos moradores do Distrito, contudo, é pouco verbalizada.

A variante utilizada pela informante e as acepções dicionarizadas nos levam a ponderar que temos o uso da lexia por extensão de significado e, por isso, uma variação semântico-lexical.

4) **Entrada:** BABURRO

{variante fonética (desnasalização) de BAMBURRO}

Contexto de Utilização:

“Essa Guia antes de fazê essa praça, aqui era um **baburro**, um mato.”

(Dona Maria Lina)

Variação no Grupo dos Idosos:

- **Baburrera** {variação fonética de BAMBURRAL}

“Cuiabá conheci ele era uma **baburrera**. Era uma **baburrera** por todo o canto dessa cidade.”

(Sr.Manuel)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Baburro	<i>Não há registros</i>	s.m. Bot. Vegetação arbustiva com aspecto de chavascal, pela sua densidade; charravascal muito sujo, muito emaranhado.	<i>Não há registros</i>	s.m. Lat. <i>Banurrus</i> . O mesmo que <i>bambúrrio</i> . s.m. Vegetação arbustiva, com aspecto de chavascal por sua densidade; charravascal muito sujo, muito emaranhado.	s.m. (Bras. Mato Grosso) charravascal, mato emaranhado.	Bamburro ¹ s.m. Bras. MT 1. Vegetação arbustiva que, de tão densa, lembra um charravascal. 2. Mato emaranhado.	Bamburro ² m.q. <i>Bamburral</i> ('terreno')	V. <u>bambúrrio</u> <i>Bambúrrio/</i> <i>Bamburro</i> [Abstrato de estado] Facilidade na extração de farta quantidade de ouro.

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Bamburral	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Bamburrál:</i> s.m. Logar lenteiro aonde ha herva de pasto.	<i>Não há registros</i>	s.m. Logar lenteiro onde ha herva de pasto.	s.m. 1. V. bambual 2. Bras. Planta labiada. 3. Bras. CE, vegetação imprópria para a alimentação do gado. 4. (...) 5.(...) 6. Bras. PA e MT. Vegetação arbustiva que nasce à margem dos rios e só a custo pode ser atravessada, por causa do emaranhado de cipós.	substantivo masculino Regionalismo: Brasil. 1 m.q. <i>bambual</i> 4 Rubrica: botânica. Terreno de solo alagadiço, com vegetação pobre, emaranhada, pouco aproveitado para a pecuária ou outros fins; bamburro	V. <u>bambual</u> <i>Bambual/ bambuzal</i> Nm Bosque ou mata de bambus.

- BAMBURRO/BABURRAL

As lexias utilizadas pelos informantes evidenciam variação lexical com desnasalização no primeiro vocábulo (de *baburro* para *bamburro*) e mudança da lexia no segundo informante (de *baburrero* para *bamburral*).

Ao analisar a fala do informante Sr.Manuel, ponderemos a existência (mesmo que inconsciente) de um neologismo provocado pelo acréscimo do sufixo –eiro (com exclusão da semivogal *i*) na palavra *baburro*, tendo assim: *baburro + eiro = baburreiro*.

Trazendo os lexicógrafos para a discussão, o vocábulo *bamburro* está registrado como sinônimo de lugar coberto pelo mato e por plantas que produzem um emaranhado de difícil acesso.

Francisco Borba, no entanto, não registra a lexia nessa acepção e traz outras indicações de substantivo que de nada se assemelham ao vocábulo no contexto utilizado por Sr.Manuel e Dona Maria Lina.

Se pensarmos na perspectiva dos lexicógrafos que registram *bamburro* e *bamburral*, teremos:

- manutenção semântico-lexical com variação por desnasalização da palavra *baburro/bamburro*;
- mudança lexical em *baburrero* por colocação de sufixo no vocábulo corrente entre os informantes (*baburro*).

5) **Entrada:** PAJAR {variação de PAJEAR ou APAJEAR}

Contexto de Utilização:

“la pra roça c’minha mãe **pajá** Marina, minha irmã, a tratar deles, faze eles durmí; amarrava a rede num apulero, é porque criança é leve, né?! Aí pra mim balançá eles, cantá pra eles, pra eles durmí e minha mãe c’papai ia carpi lá, fazê a pranta.”

(Dona Maria Lina)

Variação no Grupo dos Idosos:

- Zelar

“A nossa brincadeira de criança era poca. Nós tinha de **zelá** pelos irmão menor, cuidá deles, fazê eles durmi, dá de comê, essas coisa.”

(Dona Chiquinha)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Pajar	<i>Não há registros</i>	<i>Apajear – v.tr. (de pagem) Servir de pagem a.</i>	<i>Apagear – s.m. (De pagem com o prefixo da índole da língua e a terminação verbar “ar”) Servir de pagem.</i>	<i>Apagear – v.tr.dir. De a + pagem + ear. Servir de pagem a, acompanhar como pagem. //Adubar, lisonjear.</i>	<i>Apagear – v.tr. servir de pagem a. (Registrado no dicionário do autor publicado em 1958): (Bras. SP) carregar, vigiar, cuidar de (criança)</i>	<i>Pajear 1.Apajear. 2.Bras. Tomar conta de, vigiar (criança, e, p. ext., ironicamente, adulto). [Conjug.: v. frear.]</i>	<i>Pajear Transit. direto 1. m.q. <i>apajear</i> Transit. direto 2.Regionalismo: Brasil. cuidar de, vigiar (criança) transitivo direto 3. Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: ironia. tomar conta de (adulto)</i>	<i>Pajear 1. Tomar conta; servir de pajem; vigiar. 2. Servir, bajular</i>

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Zelar	<i>Não há registros</i>	Ter zelo por, vigiar com o máximo cuidado ou interesse. //Cuidar com desvelo, diligência e exatidão.	v.a Tratar com zelo, procurar com zelo.	v.tr.dir. De zelo + ar. Ter zelo por; vigiar com o máximo de cuidado ou interesse. //3. Cuidar com desvelo, diligência e exatidão.	v.tr. ter zelo por; vigiar com o máximo cuidado, interesse ou ciúme. //Cuidar com desvelo, diligência e exatidão.	(Do B.-lat. Eclesiástico <i>zelare</i>) 1. Ter zelo por. 2. (...) 3. (...) 4. (...) 5. Tomar conta de alguém com maior cuidado e interesse.	verbo transitivo direto e transitivo indireto 1 ter zelo por; vigiar, proteger, tomar conta de (alguém ou algo) com toda a atenção, cuidado e interesse; velar transitivo direto e transitivo indireto 2 interessar-se por, administrar, defender ou tratar de (algo) com empenho, diligência, precisão; velar transitivo indireto 3 tomar precaução; tomar medidas (para que algo se realize a contento ou para evitar algo) transitivo direto 4 demonstrar ciúmes para com (alguém)	Cuidar com interesse ou solicitude; tomar conta com cuidado ou interesse.

- PAJEAR ou APAJEAR

Nossa informante da Guia fez uso da corruptela de *pajar* para indicar uma das atividades realizadas quando criança que era a de cuidar dos irmãos menores e prestar-lhes toda a assistência necessária.

Ao buscarmos referida lexia nos dicionários, evidenciamos ser esta uma variação a partir de *pajear* ou *apajear* (ou ainda APAGEAR).

Verbo transitivo direto, *pajear* é registrado como um regionalismo brasileiro por Aulete, Ferreira e Houaiss e está em conformidade com o contexto utilizado pela informante.

Os dicionaristas destacam o verbo como ato realizado especificamente com/para crianças.

Pela conformidade evidente entre a acepção dicionarizada e o contexto de utilização, temos a manutenção semântico-lexical da lexia *pajear* registrada pela primeira vez no século XIX⁴.

Esta lexia hoje está modernizada para *babá* com uso evidente no vocabulário dos informantes mais jovens.

- ZELAR

A lexia pode ser tratada como sinônima de *pajear* tendo em vista o contexto de utilização registrado na investigação e sua acepção dicionarizada.

Mesmo denotando manutenção semântico-lexical não há evidências dessa palavra no vocabulário corrente dos informantes mais jovens do Distrito da Guia.

⁴ Lexia datada de 1881, por Houaiss, com a seguinte informação bibliográfica: *Francisco Júlio Caldas Aulete Morreu em 1878, deixando por concluir sua maior obra, o Dicionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa (= CA¹). Este veio a lume em 1881, encarregando-se de sua conclusão Antônio Lopes dos Santos Valente. Em 1925 saiu a sua segunda edição (= CA²); em 1948 a 3a (=CA³). A edição foi publicada, no Brasil, em 5 vol. (1958) com atualização e revisão de Hamílcar de Garcia (= CABr). Uma 2a edição desta obra (= CABr²) saiu em 1964 e uma terceira (= CABr³) em 1974.*

6) Entrada: MASCATEAR

Contexto de Utilização:

“Samué **mascateaba**, ele lidava com mascataria. Ele **mascateaba** roupa, cascalho.”

(Dona Luisa)

“Sempre aparecia um povo **mascateando**. Se vendia de tudo porque não tinha como saí pra compra, né?!”

(Dona Chiquinha)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Mascatear	<i>Não há registros</i>	v.intr. Bras. Ser mascate, ser vendedor ambulante de fazendas, miudezas, jóias, etc.	<i>Não há registros</i>	v. intr. De <i>mascate + ear</i> . Vender fazendas pelas ruas; exercer profissão de mascate.	v.intr. (Brasil) vender fazendas pelas ruas. <i>(Registrado no dicionário do autor publicado em 1958):</i> v. intr. (Bras.) exercer a profissão de mascate; vender fazendas e quinquilharias pela rua.	verbo intransitivo. Bras. 1.Exercer a profissão de mascate. Verbo transitivo direto. 2.Vender (mercadorias) pelas ruas. [Conjug.: v. <i>frear</i> .]	Regionalismo: Brasil. transitivo direto e intransitivo vender (mercadorias) a domicílio; comerciar na qualidade de mascate	Vender pelas ruas ou na zona rural, de porta em porta.

- MASCATEAR

Os lexicógrafos Freire, Silva, Aulete, Ferreira, Houaiss e Borba registram a *lexia* no mesmo contexto evidenciado pelos informantes, sendo essa palavra sinônima da atividade exercida pelo vendedor ambulante ou autônomo.

Os autores Bluteau e Vieira, por sua vez, não registram a *lexia*.

Ao verificarmos o vocabulário mais usual entre os falantes jovens da Guia, verificamos a utilização corrente do verbo *vender* para descrever a atividade exercida por aqueles que saem de porta em porta oferecendo produtos variados. Há apenas uma evidência de *mascatear*.

Este dado nos leva a ponderar que:

1. No grupo dos idosos há a manutenção semântico-lexical do vocábulo;
2. No grupo dos moradores mais jovens, contudo, há dois casos: manutenção semântica e variação lexical – pelo processo de modernização do termo – inovando *mascatear* para *vender*.

7) Entrada: MASCATE

Contexto de Utilização:

“Era **mascate**. Eu saía vendendo as coisa de casa em casa e ia conhecendo essas coisinha aí. (...) Eu tinha charrete e tudo. Enchia de mercadoria.”

(Sr.Samuel)

“No tempo que morava com meus pai, tinha muito **mascate** por aqui. Esse povo que sai vendendo as coisa de porta em porta nas casa.”

(Dona Nilza)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Mascate	<i>Não há registros</i>	s.m. (de <i>Mascate</i> , pop.) Bras. Vendedor ambulante de fazendas, miudezas, jóias de pechisbeque, etc.	s.m. Vendedor ambulante	s.m. De <i>Mascate</i> , n.p. Mercador ambulante que percorre as ruas e estradas a vender objetos manufaturados, panos, jóias, etc.	s.m. (Brazil) vendedor ambulante. <i>(Registrado no dicionário do autor publicado em 1958):</i> s.m. (Bras.) vendedor ambulante de fazendas e quinquilharias.	substantivo masculino. Bras. 1. Mercador ambulante que percorre as ruas e estradas a vender objetos manufaturados, panos, jóias, etc.: 2. A mercadoria por ele vendida.	Regionalismo: Brasil. 1 mercador ambulante, vendedor que oferece mercadorias a domicílio; bufarinheiro 2 Derivação: por extensão de sentido. Qualquer uma dessas mercadorias	Vendedor ambulante que percorre ruas e estradas a vender objetos manufaturados.

- MASCATE:

Ao grupo de lexicógrafos que registrou a lexia *mascatear* – anteriormente analisada – se soma Vieira ao dicionarizar a palavra *mascate* como sinônima de *vendedor ambulante*. Todos trazem a informação ainda, de ser um *regionalismo brasileiro*.

Ao analisarmos a utilização desta lexia no grupo dos informantes idosos temos a evidente manutenção semântico-lexical do termo.

Contudo, um dado novo se soma a esta análise: enquanto *mascatear* não havia sido mantida como vocábulo corrente no grupo dos informantes jovens da Guia tendo sido utilizado por apenas um desses, a lexia *mascate* está mais evidente no grupo sendo utilizada por três informantes o que, mais uma vez, exprime a manutenção do termo entre esse grupo.

8) Entrada: QUITUTE

Contexto de Utilização:

“Nóis brincava lá tinha um cerradinho, tinha um galpãozinho, lá nóis barria, nóis barria bem limpinho, fazia **quitute**. (...) Sabe o que que é o **quitute**? É comida, armoço, lá debaixo de um pau na sombra.”

(Dona Luisa)

“Criançadinha, na minha época, brincava com os brinquedo que tinha. As menina brincava de casinha, de faze comidinha, **quitute**...”

(Dona Chiquinha)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Quitute	Não há registros	s.m. (do quimbundo <i>kitute</i> , indigestão) Bras. Iguaria delicada, acepipe, petisco.	Vid. Paparicho (Termo popular. Guizado apetitoso, conhecido no Brasil pelo nome de quitute.)	s.m. iguaria delicada; paparico, acepipe. //2. Meiguices, carinhos	s.m. O mesmo que paparicho (comida do Brasil chamada também de quitute) (Registrado no dicionário do autor publicado em 1958): (Bras.) s.m. iguaria delicada, paparico, acepipi. (Fig.) meiguices, carinhos, quindins.	substantivo masculino. 1. Angol. Bras. V. <i>petisco</i> (1). 2. Bras. Fig. Meiguices, carinhos, quindins.	Regionalismo: Brasil. 1 Uso: informal. comida refinada; acepipe, petisco 2 Derivação: por metáfora. o que agrada, atrai, deslumbra; encanto, meiguice, sedução	Petisco

- QUITUTE

Ao tomarmos o contexto de utilização da lexia QUITUTE nas falas dos informantes idosos da Guia e confrontá-lo com as acepções dicionarizadas, evidenciamos uma variação semântico-lexical, uma vez que nenhum dos lexicógrafos registra a palavra na mesma acepção trazida pelas informantes, a de: *comida feita durante a brincadeira de criança*.

Outro dado que nos leva a entender que para os moradores da Guia esta palavra denota *comida/brincadeira infantil* é a utilização dela na fala dos informantes mais jovens quando inquiridos sobre: o nome dado à brincadeira de crianças de preparar comidinhas e simular as refeições.

Dos cinco entrevistados, três se utilizaram da palavra *quitute* para responder a este questionamento, sendo que o informante Dito ainda fez a seguinte ponderação: *almoço* – para refeição das crianças e *quitute* para brincadeira que elas fazem.

Nesta perspectiva retomamos a informação anterior de que a lexia *quitute* apresenta uma variação semântico-lexical quando analisada no contexto amplo de utilização na variante da Língua Portuguesa, ressaltando, contudo, que esta palavra pode vir a ser um regionalismo possível de ser comprovado após um estudo mais aprofundado com os moradores da Guia em comparação aos falantes de outras regiões brasileiras.

Borba registra a lexia como uma palavra derivada por metáfora e que designa aquilo que agrada, atrai. Se pensarmos na acepção por extensão de sentido, de significado, poderemos sugerir que a brincadeira infantil de cozinhar alimentos é denominada de *quitute* pela atratividade que produz nas crianças que dela participam.

Essa análise, porém, não modifica o quadro de variação semântico-lexical já posto, apenas sugere uma nova perspectiva de compreensão do termo.

9) Entrada: AFOGADO

Contexto de Utilização:

“Nóis fazia assim que dá pro gasto, né?! Fazia **refogado** de carne, macarronada de frango, fazia lingüiça bastante, fritava, ensopado, **afogadão**, coloca batata, tem muitos que coloca banana, coloca mandioca...”

(Dona Erotide)

“Nóis temo vergonha de oferecer armoço pra gente estranha, porque tem motivo, espera aí: feijão, nós tem, arroiz, carne frito, tá aí, carne **afogado**, ovos, mas tudo sem sar por causa da pressón.”

(Sr. Samuel)

Variação no Grupo dos Idosos:

- **Refogado** (*vide Dona Erotide*)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Afogado	E[s]pécie de guizado. Carneiro afogado. <i>Vervecis caro júri incoeta.</i>	s.m. Guisado de qualquer pescado, carne, hervas cosidas em agua com adubos.	s.m. (Da baixa latinidade <i>adfocatus</i> , posto ao fogo) Guizado de qualquer pescado, carnes, hervas, cozido em água com adubos, abafando a panella em que se coze. Vid. <i>Refogado</i>	adj.P.p.de <i>afogar</i> . Apertado ao pescoço, que vai até o pescoço (em oposição a <i>decotado</i>)//2. Abafadiço, abafado.//3. Baixo, convulsivo, entrecortado.//4. Asfixiado, morto por submersão.//5. Afundado, entranhado, desaparecido.// 6. Entregue, dado, possuído, mergulhado.// 7. Sobrecarregado , oprimido.// 8. Apertado, envolvido, rodeado.	adj. Que se afogou.	[Part. De <i>afogar</i> ²] Substantivo masculino. 1. Cul. <i>Refogado</i>	13. Rubrica culinária: m.q. <i>refogado</i>	[Classificar de nome humano] 1. Que se afogou [Qualificador de nome concreto] 2. Sufocado, asfixiado 3. Envolvido, mergulhado 4. Embutido, encravado 5. Submerso 6. Embebido : <i>panquecas afogadas na manteiga derretida. Fizeram escaldado com pirão afogado na pimenta.</i>

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOAUISS	BORBA
Refogado	<i>Não há registros</i>	<p>1. adj (de <i>refogar</i>) Repassado em gordura ou azeite a ferver com cebola e outros temperos.</p> <p>2. s.m. Molho que se faz refogando cebola, tomate e quaisquer condimentos para deitar a comida. //Preparado culinário com esse ou outro molho semelhante dentro da qual se cose; guisado.</p>	<p>Part. pass. De Refogar. S.m. A comida que se refoga.</p>	<p>adj.Pp. de <i>refogar</i> Repasado em gordura ou azeite a ferver com cebola, tomate e outros adubos.</p> <p>s.m. Molho que se faz refogando cebola, tomate e outros adubos, para deitar na comida.</p>	<p>adj. repassado em gordura ou azeite a ferver com cebola, tomate e outros adubos. //s.m. molho que se faz refogando cebola, tomate e outros adubos, para deitar a comida.</p>	<p>[Part. de <i>refogar</i>] Substantivo masculino. Cul. 1. Mistura de vários temperos como, por ex., tomate, cebola, alho, cheiro-verde, passados na gordura fervente para dar às comidas um determinado sabor. 2. P.ext. Prato feito com refogado; afogado. 3. Molho feito com temperos refogados.</p>	<p>adj. 1. que se refogou; repassado em mistura feita de gordura e temperos diversos (alho, sal, cebola etc.) Substantivo masculino: 2. alimento cozido junto com essa misturas de temperos.</p>	<p>adj. [Qualificador de nome concreto não-animado] 1. que foi passado na gordura quente. [Concreto] 2. Mistura de vários temperos e ingredientes comestíveis passados na gordura quente.</p>

- AFOGADO

O termo é registrado por todos os dicionaristas tomados para esta investigação, com algumas variações:

- Os lexicógrafos Bluteau, Silva, Vieira, Ferreira e Houaiss registram *afogado* como nome dado ao tipo de alimento preparado abafado, cozido em água e com condimentos variados; o mesmo que *refogado*.
- Freire traz várias acepções, contudo, nenhuma dirigida ao termo culinário aqui utilizado.
- Borba também registra diferentes acepções e apenas uma delas sugere o termo culinário.
- Aulete registra o termo unicamente como adjetivo de *que se afogou*.

Ao tomarmos as acepções dicionarizadas e as confrontarmos com os contextos onde a lexia foi utilizada, tendo ainda o conhecimento prévio de que *refogado* é o alimento preparado com diferentes temperos e imerso em molho, ponderamos:

- Há evidente manutenção semântico-lexical na fala dos moradores da Guia do termo culinário *afogado* já registrado por Bluteau em 1712 e por Morais Silva, em 1798;
- Numa análise sob a perspectiva de Freire e Silva, o termo pode ainda ter sido utilizado por derivação – extensão de sentido, sendo entendido como alimento afogado/imerso no molho e condimentos.

- REFOGADO

Palavra sinônima de *afogado* e registrada por Ferreira, Houaiss e Borba, ganha caráter de termo modernizado e de maior evidência entre os falantes da variante da Língua Portuguesa.

No Distrito da Guia, contudo, mesmo entre os informantes mais jovens houve apenas um registro desta lexia. Da mesma forma, entre os idosos apenas um informante usou *refogado*.

10) Entrada: CHUÇADA {de CHUÇAR ou CHUCHAR}

Contexto de Utilização:

“Aí faiz o leilão, pega alguma coisa fiado, aí ele paga, né, porque num é tudo o que dá. Os tempero, essas coisa tem que tê! Minha nora deu cenora, deu mandioca; alguns dá óleo, da galinha; tá tudo aí **chuçada**, temperada.”

(Dona Erotide)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Chuçada	<p><i>Chuçar</i> – Vid. <i>Chuço</i></p> <p><i>Chuço</i> – he hum páo comprido, ~q nem choapa em cima, & no cabo outro ferro agudo, a que chamaõ <i>Encontro</i></p>	<p>s.f. (de <i>chuço</i>) Golpe de chuço ou instrumento semelhante.</p> <p><i>Chuçado</i> - adj. e p.p. (de <i>chuçar</i>). Ferido com chuça ou chuço.</p>	<p><i>Chuçada</i>, s.f.</p> <p>(De chuça, com o suffixo “ada” como facada, de faca) Golpe de chuça – Ferida de chuço.</p>	<p>s.f. De chuço + ada. Golpe de chuço ou instrumento semelhante.</p>	<p>s.f. Golpe ou impulsão dada por um chuço ou com outro instrumento de ponta. //F. chuço + ada.</p>	<p>[De <i>chuço</i> + -<i>ada</i>’]</p> <p>substantivo feminino.</p> <p>1. Golpe de chuço ou de instrumento semelhante.</p>	<p>substantivo feminino.</p> <p>1. golpe ou investida com chuço ou objeto semelhante.</p> <p>Derivação, sentido figurado</p> <p>2. estímulo enérgico, incitamento, aguilhoada.</p>	<p>[Abstrato de ação]golpe com chuço; cutucada.</p>

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Chuchar	<i>Não há registros</i>	v.t. (do lat. <i>Suctare</i>) Chupar, sugar. //Tocar, catocar.	<i>Chuchar</i> – v.a. (Etymologicamente identico ao francez, <i>sucer</i> que vem d'uma forma latina <i>suctiere</i> , de <i>suctus</i> ; cp <i>chocho</i>) Sugar, chupar – <i>chuçar</i> o sangue.	v.tr. Lat. Hip. <i>Suctiare</i> . Chupar, sugar. //Tocar, catocar.	v.tr. (pop) chuchar, sugar.	<i>Chucar</i> ² S.m. Vara ou pau armado de agulhão ou choupa ¹ . 2. Ant. Arma composta duma ponta de ferro encaستada num bordão.	<i>Chuchar</i> ² – verbo Uso: informal. transitivo direto 1 incitar a raiva de; chuçar; cutucar transitivo direto 2(...) 3 Regionalismo: Brasil. pôr, meter bitransitivo 4 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. aplicar com força; impingir bitransitivo	[Compl. Do nome concreto] Mamar; chupar.

- CHUÇADA

É comum ouvir nas conversas informais entre os cuiabanos, o verbo CHUÇAR como indicativo de qualquer movimento feito no sentido de *ferir* com objeto pontiagudo.

Nesta mesma acepção registram Ferreira, Houaiss e Borba quando se referem ao termo como resultado de “golpe de chuço ou de instrumento semelhante”.

Nossa informante ao falar do leilão que organizavam na sua casa para arrecadar dinheiro para um vizinho que estava doente citou alguns alimentos preparados para esse fim. Nessa fala ela se utilizou da lexia *chuçada* para dizer que todos os temperos que haviam arrecadado ou comprado já estavam com a carne, em molho, prontos para o cozimento. Constatamos isso ao analisar o trecho:

*Minha nora deu cenora, deu mandioca; alguns dá óleo, da galinha; tá tudo aí **chuçada**, temperada.*

Pela compreensão do contexto utilizado, para Dona Erodite a expressão em destaque resume o preparo dos alimentos.

Ao inferirmos os moradores mais jovens, contudo, não ouvimos o termo *chuçada* como resultado de “alimento temperado, preparado” e sim como “ferimento feito na carne a ser assada para que ela receba o tempero preparado”.

Desse modo, ponderamos que:

- para a informante idosa, *chuçada* é, por extensão de sentido, a forma do alimento pronto para ir ao fogo para ser assado ou cozido com todos os condimentos necessários;
- para os informantes mais jovens da Guia, *chuçar* é simplesmente perfurar a carne, enquanto que *temperar* é mergulhar a carne *chuçada* nos condimentos preparados.

Há um contexto de manutenção semântico-lexical se compreendermos que para Dona Erotide *chuçar* nada mais é que o resultado do alimento perfurado com chuço ou outro objeto pontiagudo (faca etc) e temperado, por entender

que não haveria necessidade de perfurá-lo caso não houvesse condimentos a serem usados ali.

Outra conclusão que podemos chegar é a de que para nossa informante é desnecessário e repetitivo dar maiores explicações quando se diz *chuçada* pois a palavra por si só, no contexto utilizado, denota o processo a ser feito no alimento para prepará-lo para o cozimento.

11) Entrada: ENCAPADA

Contexto de Utilização:

“(...) aí tempera, dexe pará no tempero, frita, daí é galinha **encapada**, bate o ovo, tem cebolinha, tem sardinha, aí mistura bem, aí tá encapada.”

(Dona Erotide)

“Sim! Fazia de tudo um pouco: (...) galinha **encapada** passada nos ovo batido e na farinha e depois fritava.”

(Dona Nilza)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Encapado	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	v.a. (De em, e capa) Pôr capa, cobrir, envolver fazendo alguma fazenda em um envoltório.	adj. P.p. de <i>encapar</i> . Metido ou envolto em capa. //2. embrulhado. //3. revestido. //4. encoberto, escondido.	s.m. (Bras.) mercadoria expedida com um envoltório de aniagem (do v. <i>encapar</i>) meter ou envolver em capa, embrulhar.	<i>Não há registros</i>	adjetivo 1. que se encapou; que foi envolvido com capa Substantivo masculino Regionalismo: Brasil. 2. mercadoria despachada, envolvida em aniagem	adj. [Classificador do nome concreto não animado] Recoberto com capa.

- ENCAPADA

A lexia ENCAPADA está dicionarizada pela maioria dos lexicógrafos desta investigação como *pôr capa*, *envolver em capa algo*.

Ao analisarmos a utilização desse vocábulo pelos informantes da Guia, verificamos o contexto culinário que faz uso da palavra para referir-se a um tipo de carne (galinha) preparada aos pedaços e envolta num creme de ovos batidos com sal e, em seguida passada na farinha para ser frita. A isto chamaríamos, habitualmente, de “à milanesa”.

Nenhum dos dicionaristas que registram a lexia apresentam-na na categoria culinária.

Assim, compreendemos que o uso de *encapada* se dá por derivação - extensão de sentido, uma vez que o alimento preparado na mistura de ovos batidos e farinha, ganha um tipo de *capa* ao ser frito; temos, desse modo, uma variação semântico-lexical.

12) Entrada: TACURU

Contexto de Utilização:

“Brincava de boneca, panhava pedaço de cuia pra fazê; tinha panelinha que cozinhava no **tacuru**. Botava foia dentro e fazia de conta que era comida. E aí passava...”

(Dona Geralda)

“Naquele tempo ia pro mato trabaiá e levava as panela de barro pra cozinhar no **tacuru**.”

(Dona Nilza)

“Eu vi muito mamãe cozinhando no **tacuru** que se fazia no meio do mato onde tava prantando.”

(Dona Chiquinha)

Variação no Grupo dos Idosos:

- TAPURU

“Nóis cozinhava na panela de barro feito assim no **tapuru** com três pedras – **tapuru** é de pedra, falava **tapuru**... É ter pedra: um pra cá, um pra lá e um pra qui. Aí pra cozinhar fazia o fogo, apanhava a lenha e fazia o fogo. Nóis cozinhava nesses **tapuruzinho**.”

(Dona Marcolina)

- TUCURUM

“(...) tudo limpinho lá debaixo do arvoredado. Aí nós fazia **tucurum** pra lá, outro pra cá e botava a panela, botava, fritava carne, botava o arroz.”

(Dona Luísa)

- TUCURU

“Nesse tempo não usava nem fogão, era **tucuru** de pedra.”

(Dona Augustinha)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Tacuru	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<p><i>Tacurú</i>¹ s.m. Montículo de terra argilosa semiesférico ou cônico, atingindo às vezes a altura de 2 metros, formado sôbre a base do ninho do cupim abandonado.</p> <p><i>Tacurú</i>² s.m. O mesmo que <i>tacuruba</i>.</p> <p><i>Tacuruba</i> s.f. Tupi <i>itacuruba</i>. Trempe, formada por três pedras soltas, em que se assenta a panela.</p>	<p>1. sm. (Bras.) o mesmo que <i>tacuruba</i></p> <p><i>Tacuruba</i> (Bras.) trempe formada por três pedras soltas em que assenta a panela.</p>	<p>[Do tupi.] substantivo masculino. 1.Bras. S. MT V. <i>cupim</i> (2). Substantivo masculino. 1.Bras. F. apocopada de <i>tacuruba</i>:</p>	<p>substantivo masculino Regionalismo: Brasil. m.q. <i>tacuruba</i> ('tripé')</p>	<p><i>Nm</i> Montículo de terra fofa feita por cupins, especialmente em lugares úmidos ou alagadiços, chegando a atingir mais de um metro de altura.</p>

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Tapuru	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Tapurú</i> s.m. O mesmo que <i>taperú</i> . //2. Incômodo animal parasitário que ataca as pessoas menos asseadas.	s.m. (Bras.) nome de duas euforbiáceas da Amazônia e Maranhão.	[Do tupi] substantivo masculino. 1.Bras.Zoo. V. <i>bicheira</i> (2.) [Var., no N. e N.E.: <i>taperú</i>] 2.Bras.N.E. O bicho de fruta.	substantivo masculino 1. Rubrica: entomologia. m.q. <i>bicheira</i> ('designação comum') 2. Rubrica: entomologia. Regionalismo: Mato Grosso. m.q. <i>cupim</i> ('designação comum')	<i>Nm</i> Larva de insetos que depositam ovos em bicheira.
Tucuru	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	substantivo masculino Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. m.q. <i>tucuruva</i>	<i>Não há registros</i>
Tucurum	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>

- TACURU

Lexia registrada em Freire, Aulete, Ferreira e Houaiss como sinônima de *tacuruba*: trempe formada por três pedras soltas em que se assenta a panela (Freire, 1957); esta palavra nos dá idéia de um tipo de fogão rústico feito com três pedras postas em forma de triângulo que possibilitavam assentar panelas e nelas preparar os alimentos necessários. O mesmo significado trazido pelos informantes da Guia.

Borba registra *tacuru* como “casa de cupins”.

As variantes de *tacuru* (*tapuru*, *tucuru* e *tucurum*) colhidas entre os informantes evidenciam:

1. Uma possível variação fonético-fonológica, sem registro lexicográfico para *tucuru* e *tucurum*;
2. O uso de *tapuru* ou por variação fonético-fonológica ou por extensão de sentido - metonímia. A palavra, segundo HOUAISS, é um regionalismo de Mato Grosso e, tanto este lexicógrafo como Borba, apresentam-na como sinônima de *cupim*. Se observarmos os cupinzeiros espalhados pelo cerrado mato-grossense teremos a mesma impressão de vermos um tripé formado com uma base larga afunilada no alto.

Tomando essas informações, bem como, retomando os contextos de utilização da lexia e suas acepções dicionarizadas, concluímos que:

TACURU – é um regionalismo brasileiro com evidente manutenção semântico-lexical;

TAPURU – lexia usada por metonímia ou ainda como uma variação fonético-fonológica de *tacuru*.

TUCURU e TUCURUM – variações fonético-fonológicas de *tacuru*.

13) Entrada: BATEIA

Contexto de Utilização:

“Os prato era de madeira, é tudo de madeira, não tinha prato comprado; era só de madeira; aí nós ia e comia junto c’minha vó, uma **bateia** assim de madeira. Era tipo uma **bateinha** assim redondinha assim, o povo costumava fala gamela, toda de oreinha de lado.”

(Dona Marcolina)

“Gostava de come fedjão intero; cozinjava aquele fedjão aí eu tirava, botava na **bateia** com petxê e comia. Eu gosto mais do cardo.”

(Dona Geralda)

Variação no Grupo dos Idosos:

- **Bateinha** (*vide Dona Marcolina*)

Variação estilística

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Bateia	Báttega de Agoa (termo ru[s]tico). Vid. Aguaceiro. Entre os ru[s]ticos, [s]e diz <i>báttega</i> , entre os marinheiros, aguaceiro.	<i>Batéa</i> s.f. Vaso como alguidar de madeira, com fundo afunilado, ou cônico; serve para lavagem do ouro, que fica no fundo, quando se lava a terra mineral, com que as piscas, e folhetas estão misturadas.	<i>Báttega</i> s.f. (Do árabe <i>bateja</i> , prato corvo, gamella) vaso como bacia, para serviço de mesa.	s.f. Vaso como o alguidar, de madeira, com o fundo afunilado ou cônico, o qual serve para a lavagem das areias auríferas ou cascalho diamantífero.	s.f. vaso de madeira em forma de alguidar, que serve para lavagem das areias auríferas.	[Do ár. <i>Batya(t)</i> , poss.] substantivo feminino. 1. Gamela de madeira que se usa na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero.	substantivo feminino. Rubrica: termo do garimpo. Recipiente de madeira ou metal, de fundo cônico, onde cascalho, minério ou aluvião são revolidos, em busca de pedras e metais preciosos.	<i>Nf</i> Gamela afunilada de madeira em que se lavam areias auríferas ou cascalhos diamantíferos.

- BATEIA

Registrada por todos os lexicógrafos tomados para esta investigação, *bateia* (*bátega* ou *batéa*) quer dizer: vaso ou prato de madeira utilizado para lavagem das areias auríferas; objeto comum nos garimpos e entre os garimpeiros.

As informantes idosas da Guia fizeram uso dessa lexia no contexto culinário, descrevendo-a como utensílio usado para substituir o “prato comprado” inexistente para as famílias da época.

Segundo elas, a *bateia* era talhada na madeira pelos próprios usuários (seus pais, mães, tios ou irmãos) e as crianças menores comiam junto com os mais velhos, pois não havia prato para todos: “aí nós ia e comia junto c’minha vó”.

Nesta perspectiva, retomamos a história de constituição do Distrito da Guia para buscarmos elementos que justifiquem a utilização de um objeto da garimpagem no dia-a-dia doméstico.

Sabemos pela história que os primeiros colonizadores a se fixarem nessas terras foram os garimpeiros e suas famílias em busca do sonho de riqueza produzido pelo ouro, logo após a descoberta de algumas pepitas deste minério às margens do Rio Coxipó-Açú.

Com este panorama constituído, muitos objetos específicos da garimpagem foram ganhando outras utilidades como é o caso da *bateia*, devido a pobreza que se instalava no local gerada pela escassez do ouro e grande quantidade de pessoas vivendo dele.

Concluímos, desse modo, que *bateia* foi introduzida ao vocabulário culinário pelos garimpeiros que, além de utilizarem o objeto nas suas atividades profissionais, o produziam para o uso doméstico.

Ao inferirmos, contudo, os informantes mais jovens da Guia, percebemos que eles não realizaram a lexia em suas falas em nenhum momento, ignorando, por completo, a existência de tal objeto no lista dos utensílios domésticos atuais.

Por fim, temos duas situações formuladas:

1ª. partindo da acepção dicionarizada por Vieira *bateia* é, de fato, uma bacia para serviço de mesa e, assim, entre os informantes idosos da Guia se mantém como um elemento comum ao seu vocabulário;

2ª. se observarmos os demais lexicógrafos, porém, apontaremos o uso de *bateia* como utensílio doméstico por derivação: extensão de sentido (metonímia).

14) Entrada: GAMELA

Contexto de Utilização:

“Na nossa época era tudo muito simples. Não tinha esses prato que tem hoje. Pra quase tudo se usava **gamela** feita na madeira.”

(Dona Chiquinha)

“(...) era tipo uma bateinha assim redondinha assim, o povo costumava falá **gamela**, toda de oreinha de lado.”

(Dona Marcolina)

“Ele vortô no otro dia com uma carreta pra carregá nossos trem tudo. Veio pronto com a carreta, dois boi, canga. Peguei as **gamela**, os tacho, o pilão...”

(Dona Luiza)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Gamela	<i>Gamella</i> Va[s]o de pao côncavo, ou tronco va[s]ado, comprido em que comem os porcos.	<i>Gamélla</i> s.f. vaso de páo como alguidar, ou concavo por igual em redondo para banhos ou lavar o corpo; para dar de beber às bestas, &c.	<i>Gamella</i> s.f. (do latim <i>camella</i>) Vaso de madeira semelhante ao alguidar, para tomar banhos, para dar de beber às cavalgadas. Vaso de madeira rectangular, cujo uso é para amassar o pão, servindo de barco para os galopins andarem na água, e para os outros usos.	<i>Gamella</i> s.f. Lat. <i>Camella</i> . Vasilha em forma de tigela muito grande ou alguidar, ordinariamente de madeira, em que se dá de comer aos porcos e outros animais, e serve também para banhos, lavagens e outros fins. //3. Vasilha em que comiam antigamente em comum soldados, marinheiros, escravos e gente semelhante; escudela grande. //4. <i>Lus.</i> O mesmo que prato.	s.f. vasilha em forma de tigela muito grande, ordinariamente de madeira. Vasilha em que comiam antigamente em comum soldados, marinheiros, escravos e gente semelhante.	[Dim. De <i>gama</i> ² .] substantivo feminino 1. Zool. Pequena corça. [Do lat. Vulg. * <i>gamella</i> , cláss. <i>Camella</i> , 'certo vaso de madeira'] Substantivo feminino 1. Vasilha de madeira ou de barro, com a forma de alguidar ou de escudela grande, us. Para lavagem (4) e/ou para dar comida aos animais domésticos.	substantivo feminino 1. vasilha de madeira ou de barro, de vários tamanhos, em forma alguidar ou quadrilonga, us. Para dar de comer aos porcos, para banhos, lavagens ou outros fins.	<i>Nf</i> [Concreto] 1. vasilha rasa de madeira ou barro [Abstrato de estado] 2. reservatório; manancial.

- GAMELA:

Pelas acepções dicionarizadas, *gamella* (*gamella* ou *gamélla*) é um vaso de madeira, um tipo de bacia, utilizada para banho e para dar de comer e beber aos animais.

Freire, Aulete e Houaiss citam ainda que a vasilha era usada para banhos, lavagens e outros fins, bem como, onde comiam em comum soldados, marinheiros, escravos e gente semelhante.

Vieira acrescenta que *gamela* é um vaso de madeira retangular usado para amassar o pão.

Freire, mais uma vez, traz a informação de que *gamela* vem do lusitano e significa o mesmo que prato.

A estas últimas acepções nos fixamos em nossa análise.

Pelas informantes, *gamela* é um utensílio doméstico utilizado para fazer os alimentos e também como prato fundo. Talhado na madeira de modo rústico, a *gamela* é, ainda hoje, objeto indispensável nas cozinhas do Distrito da Guia.

Vislumbramos, desse modo, a manutenção semântico-lexical do termo, o qual também é utilizado pelos informantes mais jovens da localidade e confirma o uso corrente no vocabulário de jovens e idosos do Distrito.

15) Entrada: TONTO

Contexto de Utilização:

“Esse meu irmão aí é **tonto**, mas nunca me incomodô. Aí eu falei pra ele: ‘olha eu não posso dexá esse meu **tonto** aí, sozinho. Ele vai comigo.’”

(Dona Luiza)

“Tenho nove fio, só menina. Tem essa aí que é **tonta** e preciso cuidá dela toda a vida. Tem bisneto. Tem uma fia que tem trei homi, num tem fia. Tem otra fia minha que tem uma fia e dois homi. Tem uma que tem uma fia e quatro guri.”

(Dona Augustinha)

Variação no Grupo dos Idosos:

- Variada/ ruim da cabeça

“Aí então minha mãe ficô **ruim da cabeça** e eu foi criado c’meu pai e minha vó. Ela ficô **variada**.”

(Dona Benedita)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Tonto	<i>Não há registros</i>	adj. De juízo lezo com os annos.	adj. De juízo leso com os annos.	Adj. e s.m. Contr. De <i>atônito</i> . Diz-se do indivíduo que está com tonturas. //2. Que não está em si; perdido da cabeça; atarentado, atônito. //3. Maluco, parvo, tolo, doido, demente.	<i>Não há registros</i>	[De or.express., poss.] adjetivo 1. Que tem tontura; zonzo 2. Aturdido, estonteado, atordado, azoinado, zoina, zonzo; 3. Idiota, alocado. 4. Simplório, ingênuo. 5. V. <i>tolo</i> Substantivo masculino 7. V. <i>tolo</i>	adjetivo e substantivo masculino 1. que ou o que tem ou sente tonturas 2. que ou o que não está em si ou que é atarantado, atônito 3. que ou o que é maluco, doido, tolo, demente 4. que ou o que é simplório, ingênuo Adjetivo Regionalismo: Brasil Embriagado, toldado	<i>adj.</i> [Qualificador de nome animado] 1. que tem tontura; zonzo. 2. aturdido, atordado 3. simplório; ingênuo; tolo 4. embriagado 5. quem é tolo, ingênuo.

- TONTO

Com exceção de Bluteau e Aulete que não registram a lexia, os demais lexicógrafos trazem *tonto* na mesma acepção utilizada pelas informantes, ou seja, de pessoa com *juízo leso, que não está em si, perdido da cabeça, alucado, maluco, doido, demente*.

Por estes sinônimos, temos a evidente manutenção semântico-lexical da palavra incorporada ao vocabulário dos informantes idosos, porém, não no dos mais jovens que usam vocábulos como: *louco, ruim da cabeça, deficiente ou retardado* para dar significância à palavra inquirida.

- VARIADO/RUIM DA CABEÇA

Incorporado ao vocabulário de *tonto*, *variado* e *ruim da cabeça* são palavras sinônimas dessa lexia e representam o estado mental do indivíduo.

16) Entrada: GRÁVIDA/PEJADA

Nesta entrada será trabalhada a lexia *pejada* - mesmo sendo utilizada por apenas um informante – por considerarmos a mais expressiva no contexto da investigação, já que a palavra *grávida* – verbalizada por quatro informantes – compõe o vocabulário atual.

Contexto de Utilização de PEJADA:

“Me deu dó de minha irmã quando ela tava **pejada** e que foi dar a luz a uma criança e essa criança morreu. Saí pra ficar lá no cerrado e disse assim: ‘Senhor Jesus Cristo, a moça que eu casá com ela, num deixa nós adquiri filho’, de dó da muié. De sofrimento.”

(Sr.Samuel)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Pejada	<i>Não há registros</i>	<i>Pejado</i> p.pass.de Pejar. V. Ocupado. (...) // Prenhe [PEJAR] v.at. <i>Pejar a mulher</i> , v.n. conceber, ficar prenhe, emprenhar-se.	<i>Pejado</i> part.pass. de <i>pejar</i> . Ocupado, prenhe, grávido [syn. Pejado, prenhe]	adj.Fem. De <i>pejado</i> Diz-se da mulher e da fêmea dos animais, em estado de prenhez.	s.f. fêmea prenha <i>Pejado</i> ad. Cheio, carregado. //Diz-se da mulher ou da fêmea dos animais no estado de gravidez.	<i>Pejado</i> Adj. 1. Que sente pejo, envergonhado, acanhado. 2. Repleto, cheio. 3. Diz-se da mulher ou douta fêmea em estado de gestação.	<i>Pejado</i> adjetivo 1 que tem pejo, vergonha; envergonhado, tímido 2 que tem a capacidade completa; carregado, cheio, repleto 3 diz-se de mulher ou animal fêmea prenhe	<i>Pejado</i> Adj. [Qualificador de nome humano ou abstrato] 1. Cheio, repleto; carregado [Classificador de nome humano no feminino] 2. em estado de gestação

- PEJADA

O adjetivo tomado como sinônimo de grávida e verbalizado pelo Sr.Samuel, apesar de sua aparente estranheza, evidencia manutenção semântico-lexical e está dicionarizado por todos os lexicógrafos.

Palavra registrada pela primeira vez por A.G. Cunha no *Índice do Vocabulário do Português Medieval*, em 1986, a lexia aparece uma única vez nas inquirições no Distrito da Guia, mas chama a atenção do ouvinte/leitor.

Nosso informante - Sr.Samuel – temendo não ser compreendido, logo ao verbalizar a lexia tratou de modernizá-la durante a explicação do que era esta condição de *pejada*: “Pejada... é grávida, prenhe. Minha irmã tava pejada, esperando um filho.”

De todo modo fica evidente sua opção por *pejada* ao longo do discurso e por isso nosso interesse em investigar o uso corrente deste vocábulo na localidade.

Os informantes mais jovens quando inquiridos, contudo, não realizaram esta lexia e se fixaram no uso do termo mais popularizado: *grávida*. Mesmo havendo insistência para perceber uma possível troca de termo provocada pela entrevista, ficou evidente que *pejada* é um termo do vocabulário dos idosos e não dos jovens da Guia.

17) Entrada: CARRAVASCÁ

{variante fonética de CARRASCAL, CHAVASCAL ou CHARRAVASCAL}

Contexto de Utilização:

“Essa Guia, antes de fazê essa praça aqui, era um baburro, um **carravascá** bem feio. Um **carravascá** memo. Tinha aquela **espinhera** de guá, pedregoso, tudo quanto era porcaria.”

(Dona Maria Lina)

Variação no Grupo dos Idosos:

- Espinheiro/Baburro (*vide Dona Maria Lina*)

Obs.: Evitaremos a repetição do termo **baburro** [variante fonética – desnasalização – de **bamburro**], pois este já foi tratado nos termos anteriores.

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Carravascá	<p><i>Carrascal</i> Carra[s]cal. Campo de carra[s]cos.</p> <p><i>Carrasco</i> Carrasco ou carra[s]queiro. Planta, & espécie de [s]arça [s]empre verde, co folhas picantes ao redor, co tronco muito forte, & muito duro, que por [s]er madeira, de que ordinariamente [s]e fazem carros, [s]e chama carra[s]co. Dá hũa folha miudinha, compridinha, & áspera.</p>	<p><i>Carrascal</i> s.m. (de <i>carrasco</i>) Sementeira de carrascois ou lugar onde há muitos carrascos; mata carrasquenha. //Bras. Carrasco, carrasqueiro, terreno árido onde apenas se encontra vegetação enfezada como a das caatingas. O mesmo que <i>carrascaria</i> e <i>carrasqueira</i>.</p>	<p><i>Carrascal</i> s.m. (de <i>carrasco</i>, com suffixo “al” como <i>abobaral</i>, de <i>abóbora</i>, <i>cential</i>, de <i>centeio</i>, <i>faval</i>, de <i>fava</i>, etc.) Sementeira de carrascos; lugar em que há muitos carrascos.</p>	<p><i>Carrascal</i> s.m. Mata de carrasqueiros. //2. o mesmo que <i>carrasqueiro</i>. //3. emaranhament o</p>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<p><i>Carrascal</i> substantivo masculino Rubrica: fitogeografia. Regionalismo: Nordeste do Brasil. m.q. ¹<i>carrasco</i> ('formação')</p>	<p><i>Carrascal</i> <i>Nm</i> Terreno com mata rala e enfezada; carrasco</p> <p><i>Carrasco</i>₂ <i>Nm</i> Terreno pedregoso, com vegetação baixa e rala</p>

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
	<i>Charrascal</i> <i>Não há registros</i>	<i>Charrascal</i> s.m. (de <i>charro</i>) Bras. Forma intermediária entre mato e campos, também se chama <i>charravascal</i> e <i>chavascal</i> .	<i>Charrascal</i> <i>Não há registros</i>	<i>Charrascal</i> <i>Não há registros</i>	<i>Charrascal</i> <i>Não há registros</i>	<i>Charrascal</i> <i>Não há registros</i>	<i>Charrascal</i> subs. masculino Regionalismo: Centro-Oeste do Brasil. terreno agreste, aberto ou com vegetação mais ou menos densa; charrasqueiro	<i>Charrascal</i> <i>Nm</i> Campo de vegetação mediana e rasteira

[illegible]

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
	<p><i>Chavascal</i></p> <p><i>Não há registros</i></p>	<p><i>Chavascal</i> s.m. (de <i>chavasco</i>¹) Baiúca imunda; pocilga, chiqueiro. //Moitado. //Terra de má qualidade e pouco produtiva. Bras. Pântano, trançado de raízes, alagadiço sem atoleiros, cheio de vegetação. //O mesmo que <i>charravascal</i>. //Formação de árvores esuias, agregadas em terrenos pantanosos. //Moita de espinheiros e outras plantas silvestres.</p>	<p><i>Chavascal</i> s.m. (De <i>chavasco</i>, com suffixo “al”) Chiqueiro, fazenda de má terra oara pães, e lançada a pasto.</p>	<p><i>Chavascal</i> s.m. De <i>chavasco</i>¹ + al. Baiúca imunda, pocilga, chiqueiro.</p>	<p><i>Chavascal</i> Terra de má qualidade para cearas e lançada a pasto.</p>	<p><i>Chavascal</i> s.m. 1. Lugar imundo: chiqueiro 2. Terra estéril 3.Mata de espinheiros e outras plantas silvestres; <i>charrasqueiro</i> 4. Bras. MT. <i>Charravascal</i></p>	<p><i>Chavascal</i> subs. masculino 1 terra improdutiva, estéril; chavasqueira 2 mata de espinheiros e outras plantas silvestres; chavasqueiro 3 (...) 4 Rubrica: fitogeografia. Regionalismo: Mato Grosso. m.q. <i>charravascal</i></p>	<p><i>Chavascal</i> Nm Terra estéril ou mata de espinheiros</p>

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Espinheiro	Planta que da e[s]pinhos. Alvar. Planta a[ss]i chamada, porque dá bicos, ou e[s]pinhos & e[s]tá todo coberto de huma carepa, ou lanugem, alva. He huma e[s]pecie de cardo. Lança hum talo mais gro[ss]o que o dedo pollegar, cheio de espinhos, vestido de humas folhas, mayores que a mão, & rematados com huns frutos, ou cabecinhas, compo[s]tas de folhas, pó[s]tas humas [s]obre as outras, cada uma dellas com [s]eu bico, ou e[s]pinho. Su[s]tentaõ e[s]tas cabecinhas huns ramalhetes de flores purpurcas & ás vezes brancas. (...)	s.m. (de <i>espinho</i>) Bot. Planta espinhosa vivaz, da família das ramnáceas.	s.m. Termo da botanica. Genero de plantas dicotyledomeas, da família das romneas que contem varias espécies.	s.m. De espinho + eiro. Bot. Planta espinhoso vivaz, da família das ramanáceas.	s.m. (bot.) planta espinhosa vivaz (<i>paliurus aculeatus</i>), da família das ramnáceas, conhecida tambem por espinho de Christo.	s.m. Bras. Armaz. Arbusto das rutáceas de casca fina, com saliências corticentas, flores verde-amareladas, pequenas, dispostas em espigas axiliares, e fruto e folhas considerados comentícios.	substantivo masculino Rubrica: angiospermas. 1 arbusto ou árvore pequena (<i>Zanthoxylum pterota</i>), da fam. das rutáceas, de casca fina, cinzenta, ramos com espinhos recurvados, folhas imparipenadas, e pequenas flores verde-amareladas, em espigas axilares; arranha-gato [Nativa das Guianas e Amazônia, a casca, frutos e folhas têm uso medicinal e como condimento.	Nm Arbusto de casca fina e medicinal, com saliências corticentas.

- CARRAVASCÁ {variante}

Ao buscarmos a lexia tal como foi verbalizada pela informante, nos deparamos com a sua inexistência e, mais uma vez, nos dedicamos a encontrar termos que pudessem denotar o uso de uma variante.

Neste intento, registramos os termos que mais se aproximavam da descrição feita por Dona Maria Lina sobre o terreno da Praça da Guia, obtendo:

1. **CARRASCAL** (por todos os lexicógrafos)
2. **CHARRASCAL** (por Silva, Houaiss e Borba)
3. **CHARRAVASCAL** (por Silva, Freire, Aulete [apenas na edição de 1958], Ferreira e Houaiss)
4. **CHAVASCAL** (por Silva, Vieira, Frerie, Aulete, Ferreira, Houaiss e Borba)

Numa significação ampla, todos esses termos se referem ao tipo de vegetação com espinheiros e plantas emaranhadas de difícil acesso; terreno ruim para o cultivo.

Nessa mesma acepção encontramos a palavra na fala da informante.

Fazendo uso da informação trazida por Houaiss de que *chavascal* é o mesmo que *charravascal* e é um regionalismo do Cento-Oeste do Brasil – Mato Grosso, concluímos que **carravascá** é uma variante dos termos anteriores com alteração fonético-fonológica na sílaba inicial, seguida de eliminação da consoante final, típico dos falantes de baixa escolaridade.

Assim, ponderamos que a lexia aqui analisada trata-se de uma variação lexical com evidente manutenção semântica e corrobora ainda com a afirmativa do lexicógrafo quando se refere ao termo como um regionalismo do Estado de Mato Grosso.

- ESPINHEIRO

Ao observar o uso do termo na fala da informante, bem como sua acepção nos dicionários, concluímos se tratar de uma lexia com manutenção semântico-

lexical, uma vez que dona Maria Lina usa de tal palavra para descrever o tipo de vegetação que havia no local e tornava-o um charravascal.

18) Entrada: CAITITU

Contexto de Utilização:

“Relei mandioca. Era no, num tem aquele negócio que come a mandioca? Como se chama? **Caititu**... é, **caititu**. É um negócio que põe a mandioca assim e ele come. É como escaroçador também de cana, de moê cana, ele tem um escaroçador.”

(Dona Luisa)

“**Caititu** é uma caixinha, uma roda no meio que tem bastante buraquinho e ponta e então um pega aqui na roda e vai arrodiando e a máquina que vai arrodiando põe a mandioca nele e aqui é assim, é só massa.”

(Sr.Samuel)

“Nóis secava a mandioca, uma coava e otro cascava ele, relava a base de **caititu**. **Caititu** é igual uma máquina, ele é uma ralinho furadinho assim, aí então que tinha a manivela e abre ele assim; fizemo muita farinha, lá nós fazia tudo e levava em Cuiabá. Foi criado na farinha.”

(Sr.Angélico)

Variação no Grupo dos Idosos:

- Catitu

“Eu fazia farinha. Ainda lembro.... se acha uma mandioca ainda sei fazê. Descasca, pela ele, torrava e era no ralo. Não é esses povo que mexe com o **catitu**, um negócio que é igual a liquidificador.”

(Dona Benedita)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Caititu	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	1. (...) 2. Engenho para fazer farinha, movido a mão e formado de um cilindro de madeira, ao longo do qual se adaptam serrilhas metálicas.	s.m. (Bras.) Cilindro do aparelho de ralar mandioca.	[Do tupi] substantivo masculino. Brasil. 1. (...) 2. Peça principal do aparelho de ralar mandioca: um cilindro de madeira ao longo do qual se adaptam serrilhas metálicas, com uma das extremidades conformada em roldana de gorne para a passagem da correia ou corda que imprime a rotação; rotede.	substantivo masculino Regionalismo: Brasil 1. nos aparelhos de ralar mandioca ou outros produtos, a peça principal, cilíndrica, à qual se adaptam serrilhas metálicas e que tem uma das extremidades em forma de roldana para através dela, se imprimir movimento de rotação; rodete, cevador.	<i>Nm</i> [Animado. Não-humano] 1. (...) 2. (...) 3. Engenho para fazer farinha ou ralar mandioca, movido a mão e formado de um cilindro de madeira, ao longo do qual se adaptam serrilhas metálicas.
Catitu	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	s.m. (Bras.) O mesmo que <i>caititu</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>

- CAITITU

Registrada pelos lexicógrafos Freire, Aulete, Ferreira, Houaiss e Borba como objeto utilizado no processo de produção da farinha, a lexia *caititu* traz acepção dicionarizada no mesmo sentido apresentado pelos informantes, evidenciando a manutenção semântico-lexical do termo; os dicionaristas registram-no como um regionalismo do Brasil.

Caititu é um termo peculiar na fala dos moradores idosos da Guia, contudo, não expressivo nos informantes mais jovens, uma vez que, pela história contada pelos informantes do primeiro grupo, muitos deles participaram ativamente do processo de feitura da farinha de mandioca que exigia o uso do *caititu*, enquanto que os mais jovens não participaram desta atividade agrícola.

- CATITU

Variante fonética pela eliminação da semivogal; a lexia está registrada apenas por Aulete e significa o mesmo que *caititu*.

19) Entrada: PITITI

Contexto de Utilização:

“Aí tem um **pititi**, aí tem uma prensa assim... **pititi** pra secá a massa pra fazê a farinha. Relá a massa e enche esse **pititi**. Era um negócio assim, feito dessa grossura, feito de umbunda do mato que a gente faz, aí faz um jacazinho assim, tiotiteia a boca dele e pra enchê de massa. Aí tem uma prensa, um pau, igual furado como esse aí, uma maderá. Aí faz um buraco nele e arruma outro pau de gancho e põe esse **pititi**; põe ele e vai tocando umas poça, uns estoro assim nesse varão pra fazê o tiro, pra escorrê a água; uma prensa mesmo(...).”

(Dona Benedita)

“Nóis botava mandioca, descascava com a faca, ralava no ralo de mão; aí pega aqui, quebra a mandioca, aí secava no **pititi**, socava no pilão e aí torrava e vendia farinha boa.”

(Sr. Egídio)

Variação no Grupo dos Idosos:

- Não há registros

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Pititi	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>

- PITITI

Diferentemente das lexias anteriores que se apresentam como variações de palavras já dicionarizadas, *pititi* não está registrado e nem possui palavras semelhantes que possam indicar variações fonéticas ou lexicais.

Por se tratar de uma palavra incomum aos nossos ouvidos, quando Dona Benedita usou a lexia, pela primeira vez, indagamos o que significava e para que era usado esse objeto na produção da farinha. Nossa informante, então, faz uma breve descrição do *pititi*. Vejamos:

Era um negócio assim, feito dessa grossura, feito de umbunda do mato que a gente faz, aí faz um jacazinho assim, tiotiteia a boca dele e pra enchê de massa. Aí tem uma prensa, um pau, igual furado como esse aí, uma madeira. Aí faz um buraco nele e arruma outro pau de gancho e põe esse pititi; põe ele e vai tocando umas poça, uns estoro assim nesse varão pra fazê o tiro, pra escorrê a água; uma prensa mesmo.

Com base nesta fala compreendemos ser o *pititi* um tipo de prensa movido a força humana que usa um sistema giratório que vai apertando a mandioca moída no caititu, para extrair toda a água e deixá-la como pasta para o processo seguinte que é o da sova no pilão.

Apesar de não haver registro nos lexicógrafos, há de se considerar, contudo, que *pititi* compõe o vocabulário da atividade agrícola – neste caso, a produção da farinha, pois em outras situações esta lexia não foi usada.

Poderíamos fazer uma relação de termos referentes à produção da farinha de mandioca se tomássemos as falas dos nossos informantes idosos. Vejamos:

Caititu ou Catitu = moedor da rama de mandioca

“Catitu, um negócio que é igual ao lidificador.” (Dona Benedita)

Pititi = prensa

“Aí tem um pititi, aí tem uma prensa assim, pititi pra secá a massa pra fazê a farinha.” (Idem)

Pilão = sovador

“Quando vê que já tá seco vai com essa massa pro pilão, tira, bota no pilão, soca, côa, e aí vai torrã.” (Ibidem)

FORNALHA = forno de barro

“Aí tem a fornalha, assenta aí, p’tocá lenha nele, p’torrã, p’fazê a farinha.” (Dona Benedita)

Como não possuímos elementos que nos indiquem se esta lexia é uma manutenção, mudança ou variação semântico-lexical, ousaremos dizer que, ao vocabulário dos leigos na produção agrícola, *pititi* é uma inovação e sinônima de prensa rústica, enquanto que para os produtores da farinha, a lexia nada mais é que uma palavra corriqueira e que compõe seu vocabulário habitual.

20) Entrada: BURRICA

Contexto de Utilização:

“Nóis brincava de **burrica** também. E arrodia de lá pra lá e depois vinha por aqui, lá pra lá assim, mas nóis brincava disso. Pois, explico: senta um lá na ponta e otro aqui na outra ponta e daqui que manda; fica rodando, né?! A gente, mamãe falava assim: ‘óia, voeis fica com essa arrodiação aí vai até gunitá, larga disso!’ Gostava de arrodia, esse que era o tempo bom.”

(Dona Luísa)

“Eu brincava também de **burrica**. Gurizadinha tudo. **Burrica** é um pauzinho assim dessa artura fincado; cortava a imbauvera – é uma árvore fofo, então fazia um buraco bem no meio e assentava no moronzinho fincado e sentava um na ponta, equilibrava assim certinho e arrodia. De acordo com o tamanho da madeira fazia a velocidade e a rotação era grande; quando era pequena a rotação era pequena. Eu fiz muito isso, eu brincava também.”

(Sr.Samuel)

“Brincava de boneca, de casinha; fazia boneca de sabuco; fazia ropinha pra aprendê a costurá, cortá ropinha, aí nóis fazia porque num tinha boneca, depois foi aparecendo. Balanço, senta dos, um pra lá e otro pra cá e aí vai rodando, aí se um cai o otro cai porque ele fica rodando; isso é **burrica**.”

(Dona Erotide)

“Nóis brincava com a criançadinha que vivia por perto, mas não tinha muita gente pra brincá porque as casa era tudo meio longe. Brincava de faze cercadinho, comidinha e de balançá na **burrica**.”

(Dona Chiquinha)

Variação no Grupo dos Idosos:

- Não há registros

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Burrica	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	s.f. (De burra, com suffixo "ica") Burra pequena	s.f. Burra pequena. 4. Aparelho para divertimento infantil formado por uma travez horizontal que gira sobre um eixo vertical; jangalamaste.	<i>Burra</i> ¹ Cavalete em que os serradores sustêm a madeira que estão serrando. <i>Burraca</i> Jogo popular	substantivo feminino 1. Dim. de <i>burra</i> 2. Bras. PE V. <i>gangorra</i> ¹	substantivo feminino 1. burra pequena; burrinha (animal) 2. Rubrica: Idulogia Regionalismo: Pernambuco m.q. ¹ gangorra ('prancha')	<i>Não há registros</i>

- BURRICA

Registrada pela maioria dos lexicógrafos, *burrica* tem diferentes acepções, mas é em Freire, Ferreira e Houaiss que encontramos a palavra dicionarizada conforme o sentido expresso pelos informantes idosos da Guia: o de *brinquedo de criança*. Freire é o que melhor reproduz essa condição de *burrica* para *brinquedo*.

Tipo de gangorra feito rusticamente para divertir e distrair as crianças, *burrica* era um brinquedo comum entre os informantes idosos no seu tempo infantil. As emoções provocadas por esse balanço feito de madeira são traduzidas por Dona Luísa:

Pois, explico: senta um lá na ponta e otro aqui na outra ponta e daqui que manda; fica rodando, né?! A gente, mamãe falava assim: ‘óia, voceis fica com essa arrodição aí vai até gumitá, larga disso!’ Gostava de arrodiá, esse que era o tempo bom.

Ferreira e Houaiss registram ainda que *burrica* é um regionalismo do Brasil – Pernambuco.

A história do Distrito da Guia registra que a descoberta dos veios auríferos nas terras matogrossenses motivaram a vinda não apenas da capitania de São Paulo, mas como de outras (Rio de Janeiro, Minas Gerais e Nordeste) para essas terras; assim, cremos que *burrica* é um termo trazido por esse grupo quando da povoação e colonização do Distrito e mantido ainda hoje no vocabulário corrente dos informantes idosos.

21) Entrada: ÔNIBUS*

Contexto de Utilização:

“Ele só vem à noite posá em casa e cedo ele vai pro serviço; trabaia tudo e à noite ele vem num **carro** que leva bastante gente pra estudá à noite... É **ônibus**, é ônibus. O prefeito colocou um **coletivo** aí pra nós mas fico bom e é bem baratinho.”

(Dona Luísa)

“Ele gastava dinheiro no cabaré e de **carro** pra lá e pra cá. Um dia tava tão mal que foi pegá **o carro** e caiu de cara na estrada e morreu.”

(Dona Luíza)

Variação no Grupo dos Idosos:

(*) A palavra ÔNIBUS foi usada como entrada pelo número de ocorrências, contudo serão trabalhadas as lexias CARRO e COLETIVO por terem sido usadas concomitantemente à entrada e por destacarem-se como mais usuais entre as informantes.

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Carro	Carruagem de carga tirada por boys. Co[s]ta de leito, chaveiros, fueiros, chamaceiras, me[s]as, cadeas, cavaletes, gatos, burros, xalmas, pernas, rodas, rodeiras, caimbas, eixo, tamoeiros, relhos, brochas, canga, cangalhos.	<i>Carro</i> s.m. Instrumento de carregar, consta de rodas, leito, apeito.	Carro coberto, o que é fechado com coberta para conduzir gente. No estilo levado, e ainda às vezes no familiar, toda a espécie de carruagem, trem, etc	s.m. Veículo de rodas, para transporte de pessoas ou carga.	s.m. qualquer viatura	[Do lat. <i>Carru</i> , de or. célt.] 1. veículo de rodas para transporte de pessoas ou carga 2 (...) 3 (...) 4. Veículo ferroviário destinado ao transporte de passageiros [Sin., lus., nesta acepç.: <i>carruagem</i> . Cf. <i>vagão</i> (1)]	substantivo masculino 1.veículo que se locomove sobre rodas, para transporte de passageiros ou de cargas 2.veículo de motor a explosão, destinado ao transporte de passageiros ou de cargas; 3.vagão ferroviário ou metroviário que se destina a transportar passageiros; carruagem	<i>Nm</i> 1. veículo de rodas, de tração animal, para transporte de carga ou pessoas. 2. (...) 3. automóvel/ veículo/ viatura para transporte de poucas pessoas.

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Coletivo	<i>Collectivo</i> (termo grammatical) Colle[c]tivus, um, Quintil, Os nomes cole[c]tivos [s]ao aqueles, que, no [s]ingular [s]ignificação multidão, como, povo, gente.	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	ou <i>Collectivo</i> adj. lat. <i>Collectivus</i> . Que abrange muitas cousas ou pessoas.	adj. Que compreende, abrange muitas pessoas ou muitas coisas, ou lhes diz respeito.	[Do lat. <i>Collectivu</i>] Adj. 1. que abrange ou compreende muitas coisas ou pessoas. 2. Pertencente a, ou utilizado por muitos. Substantivo masculino 6. Bras. Veículo de transporte coletivo.	adjetivo 1 que compreende ou abrange muitas pessoas ou coisas, ou que lhes diz respeito; pertencente a um conjunto de pessoas ou coisas 2 que pertence a ou é utilizado por um número considerável de pessoas; que pertence a um povo, a uma classe, a um grupo Substantivo masculino 4 Regionalismo: Brasil. veículo para transporte coletivo (ônibus, bonde etc.)	<i>Nm</i> [Concreto] 5. Veículo de transporte da população

- CARRO ou COLETIVO

As lexias *carro* e *coletivo* foram usadas pela informante no sentido de *transporte público* e como sinônimas de *ônibus*.

Os lexicógrafos registram estas lexias com a seguinte acepção:

Carro – carruagem ou veículo para transporte de pequena quantidade de pessoas;

Coletivo – veículo para transporte da população; transporte coletivo como ônibus, trem, etc (Ferreira, Houaiss e Borba)

No aspecto semântico, o termo *carro* está modernizado e hoje se refere, quase que unicamente, ao transporte de pequeno número de passageiros. Porém, se tomarmos como referência nessa lexia parte das acepções registradas pelos dicionaristas, encontraremos o uso do termo por extensão de sentido conforme o contexto de utilização da informante – transporte público de pessoas/passageiros.

Nesta perspectiva, teremos a manutenção semântico-lexical de *carro* enquanto transporte de passageiros e sinônimo, por extensão, de *ônibus*.

No caso do vocábulo *coletivo* há maior similitude entre o contexto de verbalização do termo pelos informantes e as acepções dicionarizadas, dispensando comentários mais extensos. Temos, neste termo, a evidente manutenção semântico-lexical.

Vale ainda destacar que, essa lexia foi mais expressiva entre os idosos da Guia e denotou maior ocorrência no vocabulário dos falantes.

22) Entrada: CABEDAL

Contexto de Utilização:

“Eu cheguei pro meu pai e falei assim: meu pai eu vô casá! ‘Agora? Uai como assim? Ocê tem **cabedar** pra casá agora?’ Aí eu falei: meu pai, eu sô filho de homem garantido!”

(Sr.Samuel)

“Ele morava lá perto, ele sempre ia lá em casa. Mas sabe que foi um namoro assim, de relampio, porque eu namorava mas papai e mamãe num queria porque ele num tinha **cabedar** pra casa, eu ia lá ele mandava nós ia compra leite, aí nós lá, aí quando foi um dia um cunhado meu trato com ele pra me arroba; aí ele foi lá e me arrobô.”

(Dona Augustinha)

Variação no Grupo de Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Cabedal	Cabedal, cabedal ou cabedaes. Bens, Riquezas	<i>Cabedal</i> s.m. O capital, principal, oposto a rendas e frutos da fazenda. O grosso dos díizimos, pão, vinho, azeite, oposto a <i>miunças</i> // Os bens, haveres, o que temos para viver, subsistir, tratar, negociar a vida.	s.m. (Alteração de capital, mudando-se, como de regra, o “p” medial em “b” e “t” medial em “d”, é a fôrma verdadeiramente e portuguesa, do fundo da língua, em quanto <i>capital</i> é apenas uma fôrma que veio pelo vehiculo da erudição) O capital, os fundos em opposição às rendas, juro, fructo. {CABEDAES} pl. Dinheiros, propriedades, recursos, posses, materiaes.	s.m. B.lat. <i>capitale</i> . Conjunto de cousas de valor; bens, riquezas, capital.// 2. Conhecimentos ou dotes morais. // 3. Estimação que se faz de pessoas ou cousas.// 4. Fundo de dinheiro, recurso, poder. // 5. Qualquer cousa que serve de objeto de comércio.	s.m. acumulação de coisas de valor; capital, bens; riqueza, dinheiro. F.B lat. <i>Capitale Cabedar</i> v. intr. (Alent.) caber em sorte, tocar por sorte.	[Do lat. <i>capitale</i> , por via popular.] Substantivo masculino. 1.O conjunto dos bens que formam o patrimônio de alguém; riqueza, acervo. 2.Patrimônio constituído em dinheiro; capital.	substantivo masculino 1. Posses materiais ou recursos financeiros; bens, riquezas, haveres (tb. us. no pl.) 2.Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: termo jurídico. patrimônio ou capital (esp. em dinheiro) de pessoa física ou jurídica; ativo ou fundo social de empresa	<i>Nm</i> [Abstrato de estado] 1. (...) 2. capital; riqueza. 3. conhecimento; saber.

- CABEDAL

Ao verificarmos as acepções dicionarizadas do termo *cabedal* temos a clara manutenção semântico-lexical da palavra sinônima de riqueza, bens, posses, recursos financeiros pessoais.

Neste mesmo sentido nosso informante – Sr.Samuel – faz uso do vocábulo referindo-se aos dizeres do pai. Cabe-nos aqui uma indagação se este termo é de fato utilizado pelo informante ou se apenas foi mencionado durante a lembrança do questionamento do pai quando da exposição de sua vontade de casar.

Ao analisarmos, contudo, a fala de Dona Augustinha se questionamento se dissipa, pois nos deparamos mais uma vez com a *lexia* e aí evidenciamos se tratar, de fato, de um termo que compõe o vocabulário dos idosos da Guia, modernizado pelos informantes jovens que verbalizam *riqueza, bens, dinheiro* quando indagados sobre as posses de um indivíduo.

23) Entrada: DOLENTA

Contexto de Utilização:

“Eu lembro quando ela deu cria, aí eu fui cuidá porque eu era muito **dolenta** assim, né? É tinha muita dó assim.”

(Dona Marcolina)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Dolenta	<i>Não há registros</i>	adj. (do lat. <i>Dolente</i>) que revela dor ou que a sente; doloroso. //Magoado, sentido, triste, lamentoso, lastimoso.	<i>Não há registros</i>	adj. lat. <i>Dolents, entis</i> . Que revela dor. // 2.Magoado. // 3.Lastimoso, lamentoso	adj. Doloroso, aflitivo, lastimoso: <i>dolente</i> é a sorte de um ancião que morre sem filhos. F. lat. <i>dolentia</i>	adj. 2g. Que manifesta dor; magoado; lamentoso; lastimoso.	adjetivo de dois gêneros 1 que sente e/ou expressa dor; lamentoso, magoado, queixoso 2 Derivação: sentido figurado. semelhante à expressão de dor 3 Rubrica: música. de caráter triste	adj. [Qualificador] 1. magoado; lamentoso. 2. que revela dorlência ou lamento.

- DOLENTA

Variante de *dolente*, a lexia *dolenta* imprime a condição de pessoa lamentosa, lastimosa e está dicionarizada por seis lexicógrafos (Silva, Freire, Aulete, Ferreira, Houaiss e Borba).

Nesse sentido adjetivado também nossa informante faz uso do termo ao dizer que, quando criança, sentia muita pena dos animais que viviam em sua casa - **eu fui cuidá porque eu era muito dolenta assim, né?** – e por conta disso, dispensava atenção necessária aos bichinhos.

Dolente é um adjetivo de dois gêneros (ou comum de dois) e sua distinção de gênero está marcada pela anteposição dos artigos. Isso posto, observamos que na fala de Dona Marcolina há uma alteração do sufixo **–e** por **–a** (*dolente* para *dolenta*) que denota a tentativa da informante em concordar o sujeito com o adjetivo, inconscientemente: **eu** (feminino) **era muito dolenta** (adjetivo feminino).

Assim, ponderamos haver aqui uma lexia com manutenção semântica e variação lexical.

24) Entrada: ATROPELAR

Contexto de Utilização:

“Eu não queria mais morá naquela casa aí comecei a **atropelá** meus fio. **Atropelo** daqui, **atropelo** dali, até que me compraram uma casinha aqui bem na Guia.”

(Dona Luiza)

“Eu queria saí pro mundo e meu pai num dexava. Então eu aprendi a fazê uns serviço de servente de pedrero e tanto **atropelei** meu pai que ele me dexô saí pra trabaiá aqui e ali.”

(Sr.Maurício)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Atropelar	<i>Atropellar</i> Pi[s]ar com os pés. (vem dos cavallos, quando vão de tropel, derrubando com os pés, & pi[s]ando tudo).	<i>Atropellar</i> v. at. Ajuntar em tropel numa pequena tropa, ou corpo. Fazer tropelias, derribar, calcar os pés, como gente que vai fazer mal.// Seguir de mui perto.// andar rápida, acceleradament e.//Fig. Deprimir, opprimir. V.g. atropellar a <i>authoridade</i> , o <i>direito</i> , as <i>leis</i> , <i>alguém</i> , a <i>verdade</i> ; desprezar.// <i>Atropellar-se</i> a gente apinhoar-se, arrebanhar-se em desordem, pisando-se.	<i>Atropellar</i> Passar por cima, irromper, desobedecer, não attender a dificuldades ou jurisdição.	v.r.v. De <i>a</i> + <i>tropel</i> + <i>ar</i> . Pisar passando por cima e metendo debaixo dos pés.// 2. Empurrar, acotovelar, calçar (passando com rapidez e precipitação).// 3. Vencer atropeladament e.//4. Reunir em tropel, encontrar-se confusamente.// 5. Fazer correr com grande velocidade.	v.tr. trilhar, calcar, pisar passando por cima e metendo debaixo dos pés ou (por ext.) das rodas de um veículo. (Fig.) Não fazer caso de, desprezar. // Empurrar, acotovelar, calcar – v.pr. derrubar-se, passarem precipitadament e uns por cima dos outros.	[De <i>a</i> ² + <i>tropel</i> + <i>-ar</i> ² .] Verbo transitivo direto. 1.Fazer cair, derrubar, por impacto, passando ou não por cima e em geral machucando, provocando contusões leves ou graves: 4.Atormentar, torturar, afligir, mortificar: 5.Falar ou agir abruptamente, como que atropelando.	verbo transitivo direto 1. (...) 2(...) 3(...) 4.fazer (algo) mal, sem cuidado, sem ordem ou apressadament atamancar 5.Derivação: sentido figurado. causar atordoamento a; aturdir 7 Derivação: sentido figurado. fazer perder ou perder a coerência, a lógica, a coesão (diz-se de palavras, idéias etc.)	V [Ação-processo] [Compl:nome] 1. confundir; baralhar. 2. derrubar com ímpeto, passando por cima ou chocando-se. 3. aturdir; afligir 4. provocar confusão; desorganizar 5. confundir [Ação] [Compl: nome] 9. apressar

- ATROPELAR

Termo corrente na fala de muitos matogrossenses, *atropelar* sugere a insistência de alguém sobre outra pessoa para ser atendido naquilo que muito quer.

Dicionarizado por Ferreira, Houaiss e Borba como *aturdir, atormentar, afligir com derivação por sentido figurado*, a lexia imprime a mesma acepção trazida pela informante: *a de falar ininterruptamente até conseguir o que se deseja*.

Se analisarmos os demais lexicógrafos, poderemos dizer que as acepções registradas por eles também sugerem este sentido de *atropelamento* seja ele de ordem física ou psíquica, mas que, de certa forma, causa transtorno.

Houaiss vai ainda mais longe na acepção de *atropelar* quando registra que, por derivação – sentido figurado, a palavra traduz a perda da coerência, da lógica, da coesão de idéias.

Exatamente neste sentido que nossa informante – Dona Luiza – faz uso do vocábulo.

O termo, entre os mais jovens, aparece modernizado para *insistir, afobar, pedir*. Mesmo assim mantemos a idéia de manutenção semântico-lexical tendo em vista as falas informais que registram a lexia e asseguram seu uso corrente.

25)Entrada: ESPIAR

Contexto de Utilização:

“ Aí diz que chegô um veinho c’chapeuzinho véio na cabeça todo franzidinho, cotovelo arranhado; diz que Antônio deu pro olho pro companheiro dele e esse véio que não era bem gente, bom, diz que Antônio pegô o prato de comida e deu pro veinho, aí diz que Antônio e o otro companheiro só ficô **espiando** mas não viu a hora que esse veinho dobrô o cotovelo, assim dobrô o cotovelo e comeu a comida tudinho; lambeu o prato; lobisomem; diz que o veinho comeu tudo a comida que lambeu e saiu quem nem cachorro e nem ‘Deus lhe pague’ falô; e daí diz que saiu. Lobisomem, é lobisomem, não é outra coisa.”

(Dona Luísa)

“Aí ele **espiô, espiô** e falô o que tinha pra falá.”

(Dona Luiza)

“Um dia fui no cemitério fazê uma reza pra um defundo de uma família aqui da Guia que pediu e vi uns home fazendo coisa errada lá. Fiquei só **espiando**. Lá num é lugar disso; é lugar de oraçom.”

(Sr.Manoel)

“Ela saiu e foi lá na irmã dele e eu aqui me **espiei** um vestido que a irmã tinha me dado; me **espiei**, me **espiei**... e agora, que ropa eu faço? Vô fazê godê! Vô montá mais o meno pra uma muié. (...) Dobrei o pano e fiz, **espiei** e cortei, foi no olho e vô costurá, tudo na mão.”

(Dona Geralda)

Variação no Grupo dos Idosos:

- Vigiar

“Ela começô aí, tava junto c’meu pai, mas aí ela já começô a fica enfesadinha no rio, saia pra lavá ropa, depois já falava que pegava que via não sei quem, é homi de olho vermelho **vigiando** ela, via não sei quem jogando pedra, falava aquelas bobage.”

(Dona Benedita)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Espiar	Ob[s]ervar o que [s]e pa[ss]a.	<i>Não há registros</i>	v.a. (do germânico: antigo, alto alemão <i>spehon</i> ; alemão <i>spahen</i> dinamarquez <i>spaa</i> ; inglês <i>to spy</i> ... palavras que significam ver) Espreitar, procurar, descobrir com o fim de fazer dano, o que alguém faz, diz; os passos, acção, ditos de outrem. Por extensão. Observar com atenção, tratar de descobrir, de penetrar.	v.r.v. Ant. Al. <i>spehon</i> . Vigiar secretamente (o que alguém faz ou diz)// 2. Espreitar. //3. Observar muito atentamente.// 4. Aguardar (ocasião oportuna)	v.tr. espreitar secretamente, pesquisa as ações de (alguém) para por elas proceder de certa forma; observar (o que qualquer faz ou diz); espreitar (ocasião oportuna)// F. ant. al <i>spehon</i> (observar)	[Do gót. <i>spaihôn</i> .] Verbo transitivo direto. 1.Observar secretamente; procurar descobrir, com o fim de fazer danos, as ações de; espionar. 2.Olhar, observar furtivamente, disfarçadamente 3(...) 4.Bras. Cabo-verd. Observar, olhar: Verbo transitivo indireto. 5.Espiar ¹ (2). V. tr.direto e circunstancial. 6.Olhar, verificar: Verbo intransitivo. 7.Observar secretamente; espionar.	verbo transitivo direto 1.observar secretamente, com o intuito de obter informações; espionar transitivo direto e intransitivo 2.olhar às escondidas transitivo direto 3.esperar, aguardar (ocasião); espreitar transitivo direto 4.Regionalismo: Brasil. olhar, ver transitivo direto e transitivo indireto 5.Regionalismo: Brasil. dar uma espiadela	V. [Ação] 1. observar; olhar; 2. observar atenta e secretamente [Compl:nome abstrato ou oraçãp conjuncional] 3. examinar; verificar

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Vigiar	<i>Não há registros</i>	v.t. (do lat. <i>Vigilare</i>) Estar de vigia, vigília ou sentinela a; examinar, ver, observar com muita atenção.	v.a. (Do latim <i>vigilare</i>) Espiar, observar, desvelado, desperto, e sem dormir.	v.r.v. Lat. <i>Vigilare</i> . Estar de vigília ou sentinela a. //Estar desperto; estar atento; velar. //Espreitar, observar. //Atende a; atentar em; observar com desvelo.	v.tr. espionar, espreitar, observar. //Attender a, attentar em.	v.t.d. 1. Observar atentamente, estar atento a: atentar em. 2. Observar ocultamente, espreitar 3. Velar por 4. Bras. Procurar, campear	verbo transitivo direto 1.observar com atenção; estar atento a 2.observar secreta ou ocultamente; espreitar, espionar 3.cuidar com atenção, olhar por; velar 4.fazer fiscalização de; controlar, verificar 5.permanecer atento, alerta ou desperto	V. [Ação] [Compl: nome] 1. olhar; observar; 2. tomar conta; cuidar 3. velar 4. regulamentar 5. espreitar

- ESPIAR

Ao analisarmos os contextos de utilização da lexia *espiar* entre nossos informantes evidenciamos o uso desse vocábulo no sentido de *observar, olhar com atenção, espreitar o que se passa ao redor*.

Nesta acepção também registram os lexicógrafos que traduzem ainda a idéia de *vigiar, olhar disfarçadamente*.

O verbo, mesmo modernizado no segundo grupo de informantes da Guia – o dos mais jovens – coloca-se como um termo com manutenção semântico-lexical, em virtude da significância da palavra no contexto de uso dos informantes e as acepções dicionarizadas.

- VIGIAR

Verbo sinônimo de *observar, espiar, espreitar*, é o termo mais corrente entre os falantes jovens.

Este termo foi usado por Dona Benedita no sentido de *observar de longe as atitudes da mãe*, mas poderia ter sido substituído por *espiar* – vocábulo corrente entre o grupo dos idosos, sem perda de seu significado – valor.

Vigiar e *espiar* são verbos com sentidos sinônimos, porém, com datação diferenciada (*espiar* – s.XV; *vigiar* s.XVIII)⁵ o que sugere a modernização do primeiro termo em relação ao segundo.

⁵ Houaiss, Dicionário da Língua Portuguesa

26)Entrada: SONDAR

Contexto de Utilização:

“Fui e lá e **sondei** eles pra vê se tinha trabaio na construcom. Eles dissero que eu precisava de ajudante e comecei assim, como ajudante de pedrero.”

(Sr.Maurício)

“Aí ele começô a me **sondá** pra vê se eu queria ir morá com ele. **Sonda** daqui, dali e as criança dizia: ‘vamo mamãe, é home bom, vai cuidá da gente.”

(Dona Luiza)

Variação no Grupo dos Idosos:

- Procurar

“Quando eu quero saber alguma coisa vô lá e **procuro**, né? Num fico esperando. Vô até a pessoa e **procuro** o que eu quero saber! Num gosto de enrolação.”

(Dona Chiquinha)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Sondar	Tentear, & tomar fundo com a [s]onda. Sondar o vao	v. at. Examinar a altura do mar, ou rio, lançando a sonda.// fig. <i>Sondar o ânimo, o coração</i> , tentar, descobrir o que está oculto nelles.; sondar as tensões; sondar <i>a profundidade do preceito</i> . <i>Vieira</i> , sondar hum homem, procurar conhecer o seu caráter, princípios, índole. <i>Eufr.</i> 1.1 sondar o negocio; sondar a consciência.	v.a Examinar a altura do mar, rio, lançando a sonda. <i>Sondar</i> um homem – procurar conhecer o seu caráter, principio, indole, etc. Figurativamente : SONDAR o animo, o coração e tentar descobrir o que está occulto n'elles.	v.r.v. De sonda + ar. Reconhecer por meio de sonda a profundidade de (a água), a natureza de (um terreno); examinar ou verificar com a sonda. //Tratar de conhcer ou de averiguar, empregando meios cautelosos; investigar, inquirir. //Observar às ocultas, espionar.	Tentear, tratar de conhecer, de averiguar, empregando meios cautelosos (“Sondar uma pessoa”)	[De <i>sonda</i> + -ar ² .] Verbo transitivo direto. 4.Avaliar, calcular, estimar. 5.Procurar, conhecer. 6.Investigar, explorar, perscrutar. 7.Inquirir com cautela.	verbo transitivo direto 1.examinar ou explorar (algo) com sonda 2. verificar por meio de sonda a profundidade de uma massa líquida, a natureza de um terreno etc. 3.tentar conhecer (algo ou alguém), empregando meios cautelosos; investigar, tentar, averiguar transitivo direto e intransitivo 4.observe às ocultas; espionar	V. [Ação] 1. examinar cuidadosamente 2. pesquisar; investigar 3. procurar. 4. procurar conhecer; procurar saber 5. (...) 6. inquirir

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Procurar	Solicitar. Procurar o bem de alguém. Procurar fazer alguma cou[s]a. Procurar por alguém. <i>Vid.</i> Perguntar por alguém. Procurar. Bu[s]car. Fazer diligências para de[s]cobrir. Procurar alguma cou[s]a para [s]i.	v.t. (do lat. <i>Procurare</i>) Fazer diligência por encontrar, esforçar-se por achar; buscar, indagar.	v.a. (Do latim <i>procurare</i>) Exercer o officio de procurador. Buscar, fazer diligência por achar; Negociar, adquirir, obter. Perguntar.	v.r.v. Lat. <i>Procurare</i> Fazer diligência por encontrar; esforçar-se por achar, buscar, indagar.	v.tr. buscar, indagar, fazer a diligência por encontrar. //Indagar, investigar, examinar, analysar. //Pretender, tentar, desejar. //Perguntar.	(Do lat. <i>Procurare</i>) 1. esforçar-se por achar; buscar; catar 2. Pedir com instância, pretender, solicitar 3. (...) 8. Indagar, investigar, pesquisar, inquirir 9. (...) 12. Procurar saber, indagar, perguntar.	Verbo transitivo direto 1.executar as ações necessárias para tentar encontrar (algo) 2.tentar conseguir, ir atrás de 3.esforçar-se para alcançar (algo) 4.fazer pesquisa para descobrir (algo); investigar, pesquisar, buscar transitivo direto e bitransitivo 8.tentar atrair ou adquirir; granjear, buscar	V. [Ação] 1. esforçar-se para achar; buscar 2. (...) 3. (...) 4. (...) 5. (...) 6. dirigir-se; ir ter com

- SONDAR

Registrado pelos lexicógrafos, o verbo *sondar* indica tentativa de conhecer algo ou alguém por meio de averiguações e investigações, empregando meios cautelosos para tal.

Assim também os informantes da Guia denotam compreender o uso da palavra quando a verbalizam no contexto de *procurar saber, conhecer, investigar*.

O termo *sondar* – quando se refere a outrem - indica/sugere a curiosidade presente no ato, a tentativa de descobrir algo sem perguntar diretamente à pessoa aquilo que se deseja saber; a investigação através de informações adquiridas informalmente ou indiretamente.

Se analisarmos mais profundamente a fala de nossos informantes, poderemos, inclusive, avaliar o grau de envolvimento emotivo dos indivíduos da ação: “Aí ele começou a me sondá pra vê se eu queria ir morá com ele. Sonda daqui, dali e as criança dizia: ‘vamo mamãe, é home bom, vai cuidá da gente.’” (Dona Luiza)

Assim, por sua evidente ocorrência na fala dos moradores idosos e a perceptível coerência com os registros nos dicionários, concluimos que *sondar* é uma palavra de ação com manutenção semântico-lexical.

- PROCURAR

Registrado pelos dicionaristas com diferentes acepções, *procurar* significa, entre outras coisas, *perguntar, investigar, pesquisar*.

Se pensarmos na forma como usamos a palavra atualmente, veremos que o ato de *procurar* nada mais é que pesquisar sobre algo ou alguém e, desse modo, a manutenção do termo se faz evidente.

Ao confrontarmos o contexto de utilização da lexia pela informante da Guia com o registro nos dicionários, comprovamos a similitude do termo nestas duas fontes de análise.

27)Entrada: LADINO

Contexto de Utilização:

“Eu, gente besta de uma vez; criança que não sei o que que entende. Não como hoje. Hoje a gente é **ladino**, né? Naquele tempo era tudo bobo.”

(Dona Benedita)

“O que lembro é que ele ensinava a trabaiaá, a lidá com o gado. Ele ensinava como trabaiaava com o gado, como que tirava o leite, fazia o queijo, tudo ele ensinava. Meu pai era um home **ladino** pro trabaio c’o gado.”

(Sr.Manoel)

“Ele era **ladino** nos negócio; ninguém passava a perna nele.”

(Dona Luiza)

Variação no Grupo dos Idosos

- ESPERTO

“A criançadinha hoje é tudo **esperta**, né? No meu tempo nós só fazia que os pai mandava e não respondia pros pai como eles faz hoje.”

(Dona Chiquinha)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Ladino	Ladino. Nas He[s]panhas [s]e deo antigamente e[s]te nome, aos que aprendiaó melhor a lingua Latina, & como e[s]tes taes eraõ tidos por homens de juízo, & mais di[s]cretos, que os outros, hoje dão os portuguezes e[s]te me[s]mo nome aos E[s]trangeiros, que fallão melhor a [s]ua língua, ou a Negros que [s]aõ mais e[s]pertos, & mais capazes para o que [s]e lhes encomenda. Vid. De[s]tro.	adj. (do lat. <i>Latinu-</i> , latino) Ant. Legítimo, puro, latino. //Manhoso, finório, astuto, espertalhão. //Vivo, esperto, gracioso.	adj. (Corrupção de Latino) Legítimo, oriundo da lingua latina. Loc.Fig. <i>homem</i> ladino; homem astuto, fino diligente.	adj. lat. <i>Latinus</i> Astuto, manhoso, finório, ardilloso. //Ant. latino.	adj. (ant) latino; puro, legítimo. //Astuto, manhoso, finório, espertalhão.	[Do lat. <i>Latinu.</i>] Adjetivo. 1.Intelectualmente fino. 2.Astuto, manhoso, esperto; finório:	adjetivo e substantivo masculino 1 diz-se de ou indivíduo que revela inteligência, vivacidade de espírito; esperto 2 (sXV) diz-se de ou indivíduo cheio de manhas e astúcias; espertalhão, finório	adj. 1. astuto; manhoso; esperto. <i>N</i> 2. pessoa manhosa e esperta

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Esperto	Acordado, como quando dizemos, toda a noite e[s]tive e[s]perto. Vid. Acordado	<i>Não há registros</i>	Part.pass. de Espertar. Vivo, activo, fino. Vid. <i>Experto</i>	v.r.v. Ant. Al. <i>Spehon</i> . Vigiar secretamente (o que alguém faz ou diz)// 2. Espreitar. //3. Observar muito atentamente.// 4. Aguardar (ocasião oportuna)	adj. Acordado, desperto (Fig.) ativo, inteligente (falando de pessoas)	[Do lat. Vulg. <i>Expertu</i> (v. <i>espertar</i>).] Adjetivo. 1.Acordado, desperto. 2.Inteligente, fino, arguto 3.Enérgico, vigoroso 4.Espertalhão (1). 5.Forte, vivo: 6.Quase quente: 7.Bras. Gír. V. <i>bacana</i> (1). Substantivo masculino. 8.Espertalhão (2): <i>O mundo é dos espertos</i> . [Cf. <i>experto</i> .]	adjetivo 1.m.q. <i>desperto</i> ('acordado') Derivação: sentido figurado: inteligente, perspicaz, arguto, ladino 4. Derivação: sentido figurado: que age com rapidez e eficiência; ativo, enérgico, ligeiro 5.m.q. <i>espertalhão</i> 6.morno, quase quente (diz-se de banho, água) 7.Regionalismo: Brasil. Uso: informal. m.q. <i>bacana</i> Substantivo masculino 8.indivíduo espertalhão	<i>adj.</i> 1.ativo; desperto 2.astuto; ardiloso 3.vivo; inteligente 4. (...) 5.habilidoso; ágil 6. (...) 7. (...) <i>N</i> 3. quem é astucioso ou ardiloso; espertalhão

- LADINO

A lexia está registrada por todos os lexicógrafos.

Enquanto em Bluteau encontramos uma acepção que denota *pessoa inteligente, detentora do saber*, nos demais lexicógrafos temos a lexia registrada como sinônima de *pessoa esperta, astuta, vivaz e que usa de sua possível inteligência para mostra-se astuta e manhosa*, dando caráter pejorativo à palavra.

Analisando o contexto de utilização do vocábulo *ladino* por cada um dos nossos informantes, ponderamos que:

- Para dona Benedita *ladino* é sinônimo de esperto, atento, curioso, de quem não se deixa enganar facilmente pelos demais: “Eu, gente besta de uma vez; criança que não sei o que que entende. Não como hoje. Hoje a gente é ladino, né? Naquele tempo era tudo bobo.” O adjetivo tem expressão positiva e indica a necessidade, segundo a informante, de entender as coisas que se passam a sua volta.

- Sr. Manoel usa a lexia como um qualificativo do pai por quem demonstra admiração e carinho; indica – pelo uso do adjetivo – ser esse um homem inteligente e esperto para o trabalho pecuário: “Meu pai era um home ladino pro trabaio c’o gado.”

- Dona Luiza, no entanto, desfaz esse caráter de adjetivo positivo que a lexia vinha tendo nos informantes anteriores e faz uso da palavra tal qual é registrada por Ferreira, Houaiss e Borba: a de pessoa espertalhona, astuta. No tom de sua voz é perceptível o sentido pejorativo de *ladino* e a ênfase que nossa informante dá ao fato do ex-marido ser um malandro inveterado em tudo o que fazia: “Ele era ladino nos negócio; ninguém passava a perna nele.”

Face a isso, podemos dizer que a palavra evidencia manutenção semântico-lexical voltando-se para as diversas acepções registradas em momentos e por razões diferentes.

Entre nossos informantes idosos, *ladino* configura-se, na maioria das expressões, como um adjetivo que qualifica o personagem positivamente. O

sentido pejorativo da palavra está mais evidente na fala dos informantes jovens.

- ESPERTO

Esta palavra surge na fala dos informantes idosos como uma variante de *ladino* e, com exceção de Bluteau, está registrada pelos demais lexicógrafos como tal.

Contudo *ao esperto* não se aplica toda a carga negativa produzida pela lexia *ladino*, pois pelo contexto de utilização da nossa informante, bem como, pelas acepções dicionarizadas, *esperto* é aquele que age com inteligência e é vista mais como virtude do que ação desonesta.

28)Entrada: ARANZEL

Contexto de Utilização:

“Eu lembro muito bem; ela tinha cabelo comprido; foi já de noite, □□ãs□o a □□ãs assim num pedreral que tinha lá fazendo aquele **aranzel**, falando, gritando com o cabelo assim todo esgandaiado assim. ”

(Dona Benedita)

Variação no Grupo de Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Aranzel	Fez hum grã-,de aranzel de todas [s]uas virtudes. Vieira. Assuntar: Dar [s]us[s]to.	s.m. Formulário, directorio, regimento. // Tarifa, ou pauta de Alfândega. // Fig. T. famil. Longa série de coisas, que se narrão.	s.m. (Do árabe <i>arrasel</i> , minuta, rol, lista) Forma, ordem, regimento de alguma cousa. Estes sentidos estão obsoletos. Hoje emprega-se como discurso enfadonho, exposição ou alegação extensa, lenga-lenga, parlenga.	s.m. Cast. <i>Arancel</i> . Discurso prolixo, confuso ou tedioso.//2. Narração que aborrece ou cansa, lenga-lenga. Aranzel, s.f. Lus. Pessoa fraca.	s.m. (fig.fam.) Discurso enfadonho e maçador. (□□ãs. Goiás) □ãs□, briga, barulho, sururu. //F. árabe, pelo cast. <i>Arancel</i> .	[Do esp. <i>Arancel</i> , poss.] Substantivo masculino. 1.V. <i>arenga</i> (2): 2.Bras. GO V. <i>rolo</i> ¹ (16). [Pl.: <i>aranzéis</i> .]	substantivo masculino 2.Uso: informal, pejorativo. Discurso carregado de detalhes dispensáveis, prolixo e enfadonho; arenga 4.Regionalismo: Centro-Oeste do Brasil. Uso: informal. Discussão generalizada, confusa e estéril; barulho, briga, rolo 5.Rubrica: termo jurídico. Regimento e tarifa de alfândega Substantivo de dois gêneros Regionalismo: Trás-os-Montes. 5.pessoa muito fraca	<i>Não há registros</i>

- ARANZEL

A exceção de Borba que não registra *aranzel*, a lexia está dicionarizada por todos os demais lexicógrafos.

O sentido mais comum da palavra nos registros mais antigos (em Bluteau, Silva, Vieira, Freire e Aulete), contudo, não se aproxima da significação provocada pelo seu uso no contexto da informante, pois sugere discurso longo que aborrece ou cansa.

Entre outros sinônimos, Freire registra *aranzel* como adjetivo de *pessoa fraca*. Aulete e Ferreira, por sua vez, trazem a lexia como um regionalismo do Brasil – Goiás – sinônima de briga, rolo, barulho; Houaiss corrobora e amplia a área de registro da lexia, destacando ser um regionalismo do Centro-Oeste do Brasil com significado de discussão generalizada, confusa e estéril; barulho, briga, rolo.

Analisando o contexto de utilização da lexia na informante idosa na Guia, verificamos haver similitude com a acepção registrada por esses três últimos lexicógrafos mencionados, uma vez que no momento da verbalização, a informante narrava o estado psíquico da mãe que cometia atos impensados e que sugeriam perturbação mental.

Dona Benedita ao relembrar o que acontecia com a mãe naquele momento da gritaria e confusão, se mostrou apreensiva e irritada. O estado emotivo da informante dá a verdadeira noção do que representa “aquele aranzel todo”.

O termo *aranzel* foi modernizado pelos informantes jovens da Guia que verbalizaram outros vocábulos com sentido de gritaria. Assim, temos manutenção semântico-lexical entre o grupo dos idosos e variação lexical entre os mais jovens.

29)Entrada: MAJAR

{variante (desnasalização) de MANJAR – “observar”}

Contexto de Utilização:

“Minha pressóm nunca foi 20 x 6, mas eu tava **majando**. Faz tempo que eu to batendo na lingüiça frito; eu adoro lingüiça frito e eu não posso comer, eu não podia comer.”

(Dona Luísa)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Majar	<i>Manjar</i> Cou[s]a de comer. O que he bom de comer.	<i>Manjar</i> Gír. Bras. Manjar o tempo, indagar, espiar, investigar.	<i>Manjar</i> v.a. (Do francez <i>manger</i> , comer) Mastigar, comer.	<i>Manjar</i> Ital. <i>mangiare</i> Ant. O mesmo que <i>comer</i> . Gír. Ver, observar, verificar, espionar, informar-se.	<i>Manjar</i> s.m. qualquer substancia que possa servir de alimento ao homem. //Iguaria delicada.	<i>Manjar</i> v.t.d. 1. Ant. V. <i>comer</i> 2. Bras. Gír. Observar, espionar, informar-se. 3. Gír. Conhecer (pessoa ou coisa) 4. Gír. Entender, compreender 5. Gír. Ter conhecimento, entender.	<i>Manjar</i> Regionalismo: Brasil. Uso: inf acompanhar a evolução ou o comportamento de, informar-se sobre; espionar, observar Transitivo direto e transitivo indireto Regionalismo: Brasil. Uso: informal. conhecer (esp. o que está por trás das aparências); ter conhecimento(s) de Transitivo direto Regionalismo: Brasil. Uso: informal. captar (propósito ou motivo de); entender, perceber	<i>Manjar</i> V. (Coloq) 1. Observar 2. Perceber 3. Reconhecer 4. Conhecer

- MANJAR

Expressa pela variante *majar*, a lexia aparece registrada por todos os lexicógrafos com diferentes acepções.

Conhecida popularmente como nome de um tipo de doce, a palavra *manjar* também é sinônima de observar, informar-se, espionar, conhecer além das aparências. Na fala do nosso informante idoso, *manjar* tem essa mesma conotação.

Ao expressar “eu tava majando” Sr.Samuel sugere que, mesmo não cuidando da saúde como devia, havia observado problemas em seu organismo.

Essa ocorrência sugere a manutenção semântico-lexical do termo.

O vocábulo, porém, ao ser investigado no grupo dos informantes mais jovens, não teve nenhuma ocorrência. Palavras sinônimas (adivinhar, desconfiar, imaginar, espiar) ganharam denotação de *manjar* e foram verbalizadas com maior evidência.

Sabemos, pela análise de termos anteriores, que *espiar* é uma palavra sinônima de observar. Assim, por extensão de sentido, dizemos que *espiar* é sinônima de *manjar* e se a primeira está presente no grupo dos informantes mais jovens é porque houve uma alteração lexical com manutenção semântica do termo.

Outro elemento que vale nossa observação é o registro dessa lexia como um regionalismo do Centro-Oeste do Brasil, portanto, uma palavra característica também do estado de Mato Grosso.

30)Entrada: PACATO

Contexto de Utilização:

“Agora pare porque a tontura é demás, mas eu não me atenho porque de tanto trabaia meu corpo esperta; se a gente fica sentado o corpo costuma, fica **pacato** assim.”

(Sr.Manoel)

“Eu toda a vida fui trabalhador, agora to assim, **pacatão** porque to velho, doente, né?.”

(Sr.Samuel)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Registro apenas do aumentativo já explicitado nos exemplos acima.*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Pacato	Quieto, tranquilo, [s]ocegado	<i>Pacáto</i> adj. Quietos, tranqüilo, repousado, pacífico de condição, prudente.	adj. (Do latim <i>pacatus</i>) Applacado, brando, pacífico, sem ira. Vid. <i>Pagado</i>	adj. e s.m. Lat. <i>Pacatus</i> . O que é amigo da paz; pacífico.// 2. Tranqüilo, sossegado.	<i>Não há registros</i>	[Do lat. <i>pacatu</i> , 'pacificado'.] Adjetivo. 1. Que é amigo de paz; pacífico, sossegado, tranqüilo. 2. Próprio de quem é pacato (1) 3. Em que há paz, tranqüilidade; tranqüilo, sereno, sossegado Substantivo masculino. 4. Indivíduo pacato.	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou o que tem natureza ou índole não agitada ou não agressiva 1.1 que ou quem demonstra muita paciência 1.2 que ou quem apresenta certa passividade ou inércia; apático	<i>adj.</i> Amigo da paz; tranqüilo

- PACATO

Com exceção de Aulete (por não registrar a *lexia*), os demais lexicógrafos registram a *lexia* como um adjetivo originário do latim *pacatus* que denota pessoa sossegada, pacienciosa, tranqüila e serena (tanto em seu estado físico como emocional).

Ao analisar a fala dos informantes idosos e as acepções dicionarizadas, porém, encontramos a diversidade no uso do termo:

- para o Sr. Manuel: “se a gente fica sentado o corpo costuma, fica *pacato* assim”, o termo indica o sossego físico, a apatia provocada por um ritmo muito mais lento na hora de realizar qualquer atividade.

- para o Sr. Samuel: “agora to assim, *pacatão* porque to velho, doente”, *pacato* é o resultado físico da falta de atividades profissionais que o impulsionam a ser mais ágil; a redução do ritmo corporal por força da idade.

Em ambos, a *lexia* não representa uma característica pessoal, mas uma condição desenvolvida a partir do momento que encerraram as atividades profissionais e eles tiveram de se tranqüilizar e se readaptar ao sossego do dia-a-dia no lar.

Retomando a idéia registrada pelos lexicógrafos, *pacato* é uma característica pessoal de quem tem natureza ou índole não agitada e não agressiva.

31)Entrada: QUINZENA

Contexto de Utilização:

“Lá fazia muita festa de **quinzena**, tinha Santa Cruz.”

(Sr.Egídio)

“Tudo o sábado tinha **quinzena** aqui nessa igreja, de lá nós saía na escuridão sem lanterna, sem nada.”

(Dona Maria Lina)

Variação no Grupo dos Idosos:

- Reza

“Eu num rezava, quando mamãe ia comigo nas festa ou na **reza** que fazia na Santa Cruz aí eu aproveitava.”

(Dona Geralda)

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Quinzena	<i>Não há registros</i>	<i>Não há registros</i>	s.f. (De <i>quinze</i>) Espaço de quinze dias e soldo ou salário respectivo a eles.	s.f. De <i>quinze</i> . Série de quinze dias sucessivos.// 2. Paga de trabalhos correspondente s a essa série.	s.f. série de quinze dias sucessivos.	[De <i>quinze + - ena.</i>] substantivo feminino. 1.Espaço de 15 dias. 2.Pagamento do trabalho de 15 dias. [Sin. (nessas acepç.): <i>qüindênio</i> .] 3.Grupo de quinze.	substantivo feminino 1.período de 15 dias consecutivos; espaço de duas semanas; <i>qüindênio</i> 2.ressarcimento do trabalho realizado durante 15 dias; <i>qüindênio</i> 3.conjunto de 15 entidades, seres, objetos etc. de igual natureza; <i>quinzeno</i> .	<i>Nf</i> 1. período do tempo que compreende quinze dias ou duas semanas 2. grupo de quinze

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Reza	<i>Rêza</i> O que alguém co[s]tuma rezar por [s]ua devoção, ou de obrigação. Acabar a reza	s.f. (de <i>rezar</i>) Acção ou efeito de rezar. //Oração e súplica à divindade.	s.f. Orações feitas por obrigação ou devoção.	s.f. Ato ou efeito de rezar; oração.	s.f. acção ou efeito de rezar; orações feitas por obrigação ou por devoção.	s.f. 1. Ato ou efeito de rezar. 2. Prece, oração. 3. Resmungo, resmoneio 4. Bras. Pop. Palavras que se proferem, por credice ou superstição, para benzer ou afastar o mal.	substantivo feminino 1 ação ou efeito de rezar 1.1 súplica, rogo que se faz à divindade; oração, prece 2 (...) 3 Derivação: por metonímia. cada uma das contas de um rosário empr. nas orações 4 (...) 5 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. série de palavras que, por superstição ou credice, são proferidas com o intuito de benzer, de afastar o mal	<i>Nf</i> 1. oração; prece 2. terço; rosário

- QUINZENA

Registrada pelos lexicógrafos como espaço correspondente a quinze dias sucessivos, *quinzena* para os informantes idosos da Guia é o tipo de oração feita na igreja local.

Para entender que oração é esta, cada vez que a lexia surgia entre os informantes, questionávamos o que ela significava. As respostas eram sempre as mesmas: a oração que se faz lá na igreja de tempo em tempo.

Desse modo, cremos que o termo é derivado por extensão de sentido, pois, segundo os próprios informantes, a cada duas semanas, ou quinze dias, a comunidade se reúne na igreja local para as orações comunitárias.

Temos aqui uma lexia com variação semântico-lexical.

- REZA

Dicionarizada pelos lexicógrafos no sentido expresso pelos informantes – oração, prece – *reza* apresenta manutenção semântico-lexical tanto no grupo dos informantes idosos como no dos mais jovens.

Termo comum entre os moradores do Distrito da Guia, não qualquer estranhamento na sua verbalização.

32)Entrada: IMOLAR

Contexto de Utilização:

“Aqui na Guia tem 42 ano de trabaio. Nóis já viajamo muito tempo cantando e **imolando**.”

(Sr.Egídio)

“É costume aqui na Guia **imolá** o Santo. Cada data tem seu Santo e daí o povo saí pelas rua rezando e cantando pra esse Santo.”

(Dona Chiquinha)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Imolar	Immolar, am. Sanguinolento [s]acrifício de huma vi[c]tima	<i>Immolár</i> v. at. Sacrificar vítima degollando-a, e ensangüentando as aras.	<i>Immolar</i> v.a. (Do latim <i>mmolare</i>) Degolar em sacrifício – Immolar vítimas. Figuradamente: arruinar, perder, sacrificar alguém ou alguma coisa por paixão, obediência o uma necessidade, a um dever.	<i>Immolar</i> v.r.v. Lat. <i>Immolare.</i> Sacrificar em holocausto, degolando sobre o altar.// 2. Fazer sacrifício.//4. Perder em atenção a alguma coisa ou pessoa; sacrificar, renunciar.	<i>Não há registros</i>	[Do lat. <i>immolare.</i>] Verbo transitivo direto. 1.Matar em sacrifício; sacrificar. Verbo transitivo direto e indireto. 5.Oferecer em sacrifício; sacrificar: 6.Abrir mão de algo, ou perdê-lo em troca de outra coisa; sacrificar Verbo transitivo indireto. 7.Realizar sacrifício: <i>Os antigos gregos imolavam aos deuses do Olimpo.</i> Verbo pronominal. 8.Sacrificar-se; prejudicar-se.	verbo regência múltipla 1.matar em sacrifício à divindade transitivo direto 2.Derivação: por extensão de sentido. sacrificar matando; massacrar bitransitivo e pronominal 3.Derivação: por metáfora. sacrificar(-se) em benefício de; renunciar transitivo direto 4.Derivação: por metáfora. causar malefício a; prejudicar	V. 1. oferecer em sacrifício; sacrificar 2. matar, eliminar 3. sacrificar-se

- IMOLAR

Para os moradores mais antigos da Guia *imolar* o santo é uma atividade religiosa comum e de grande respeito.

Nas orações em que se *imolam* os santos do dia - “ cada data tem seu Santo e daí o povo saí pelas rua rezando e cantando pra esse Santo” (dona Chiquinha) – o povo canta hinos de louvor, anda pelas ruas carregando imagens sacras e pára, durante o percurso, nas casas que estão enfeitadas com pequenos altares em honra ao santo que está sendo louvado.

Os lexicógrafos não constituem um panorama religioso quando registram a lexia, mas de certa forma o referenciam (por extensão de sentido) quando definem *imolar* como oferecer-se em *sacrifício físico*, *sacrificar alguém ou alguma coisa por paixão, obediência, necessidade, dever*.

Pela história, sabemos que muitos cristãos se ofereciam (e se oferecem) em sacrifício por aquilo/aquele que acreditavam e professavam a sua fé. Nesta concepção nos baseamos para entender a utilização da lexia *imolar* no contexto religioso da comunidade da Guia.

Se tomarmos o termo no seu sentido amplo, teremos o *sacrifício* como ponto de todos os lexicógrafos. Desse modo, ponderamos:

- para os informantes da Guia *imolar* o santo com cantos, louvores, procissões com imagens sacras, pequenos sacrifícios corporais, é uma demonstração de fé e religiosidade. Tendo o sacrifício como uma forma de demonstração da fé cristã, *imolar* é dedicar-se física e espiritualmente ao santo em troca de benesses divinas.

Concluimos assim, que *imolar* é uma metonímia, ou seja, derivação por extensão de sentido e, por consequência, uma variante semântico-lexical.

33)Entrada: PORTADOR

Contexto de Utilização:

“Eu fui numa reza aqui no arraial do baú; na hora da reza chegô o **portadô** e avisô que o capelão não vinha porque caiu doente.”

(Sr.Manoel)

“Eu num sô muito da igreja porque a vida toda trabalhando num canto o otro, né? Mas aqui tem o seu Manoel que tira as reza e sempre que tem alguma coisa especial o **portadô** avisa o povo.”

(Sr.Mauricio)

“As reza são feita pelos rezadô que tem aqui; é nas casa, pela rua. Quando a gente vai na igreja o **portadô** avisa dessas coisa também.”

(Dona Nilza)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE	AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
Portador	O que leva a alguém hũa carta, hum mimo, ou outra cou[s]a [s]emelhante	s.m. <i>Portadora</i> , f. Pessoa que leva algum recado, ou alguma carta, carga	<i>Portadora</i> s. Pessoa que leva algum recado, ou carta, carga, etc	adj. e s.m. Lat. <i>Portador</i> . Aquele que porta ou conduz.// 2. Aquele que, em nome de outrem, leva a qualquer destino uma carta, uma encomenda, etc.// 3. Possuidor de título ou documento que há-de ser pago a quem o apresenta.// 4. o mesmo que <i>carregador</i> .	adj. e s.m. que conduz alguma coisa.	(ô) [lat. <i>portatore</i> .] Adjetivo. 1.Que porta ou conduz, ou traz consigo, ou em si Substantivo masculino. 2.Aquele que porta ou conduz 3.Aquele que, em nome de outrem, leva a qualquer destino carta, encomenda, etc. 4.Possuidor de títulos ou documentos que devem ser pagos a quem os apresenta.	adjetivo e substantivo masculino 1.Regionalismo: Brasil. que ou aquele que carrega a bagagem; carregador 2.que ou aquele que leva alguma coisa (carta, objeto), a mando ou a pedido de alguém, para entregar a outra pessoa 3.que ou aquele que traz ou leva notícias, novidades; mensageiro	<i>adj.</i> 1. que porta ou que traz consigo 2. (...) 3. (...) <i>N</i> 4. aquele que porta ou conduz 5. aquele que traz consigo 6. aquele que, em nome de outrem, leva a qualquer destino carta, encomenda, etc

- PORTADOR

Apesar do uso pouco corrente entre os informantes mais jovens, *portador* é um termo freqüente no vocabulário dos informantes idosos que entendem ser esta pessoa *aquela que porta – que leva – algum recado ou informação*.

É interessante observar que esta lexia aparece, mais uma vez, no contexto religioso e assim, para nossos informantes, *portador* é a pessoa que trabalhar na igreja a serviço dos sacerdotes e religiosos e reporta-se à comunidade para avisos e comunicados dessa ordem.

Ao analisar os registros nos dicionários, encontramos o termo na mesma acepção expressa pelos guianenses - adjetivo dado aquele que conduz, traz consigo ou leva em nome de outrem algum recado, carta ou encomenda.

Ponderamos com isso, que *portador* evidencia manutenção semântico-lexical e se faz presente no léxico dos mais antigos que cultivam a religiosidade e com ela, mantém o vocabulário apreendido há muito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, por mais extensa que seja, nunca esgota as possibilidades investigativas de um pesquisador. Sempre há algo novo a descobrir, uma contestação a ser feita, um novo olhar a ser posto em relação ao objeto pesquisado.

No Distrito Nossa Senhora da Guia colhemos muitas lexias que nos serviram de estudo, análise e provocaram algumas indagações acerca da variante da língua portuguesa falada no Brasil.

Para encerrarmos esta primeira investigação na Guia compilamos numa tabela todos as lexias extraídas do falar do moradores idosos – nosso *corpus* de todo o trabalho – para que possamos compreender que fenômeno lingüístico temos, de fato, nessa localidade.

Manutenção da lexia de entrada nos dois grupos sem variação	Manutenção da lexia de entrada nos dois grupos com variação apenas nos mais jovens	Manutenção da lexia de entrada com variação idêntica com ou sem acréscimo no segundo grupo	Manutenção da lexia de entrada com variação distinta entre os dois grupos	Sem manutenção da lexia de entrada com/sem substituição de suas variações no segundo grupo	Sem manutenção e sem substituição da lexia de entrada e suas variações no segundo grupo
Não há ocorrências	Brequetê Burrica Encapada Gamela Mascate Mascatear Pititi Quitute Tapera	Adobo Afogado Ônibus Quinzena Tacuru	Grávida	Aranzel Atropelar Baburro Cabedal Caititu Carravascá Chuçada Dolenta Espiar Imolar Ladino Majar Pacato Pajar Portador Sondar Tonto	Bateia
0%	27,27%	15,15%	3,03%	51,51%	3,03%

Lexias com Manutenção	Lexias sem Manutenção
45,45%	54,54%

Com base nos dados contidos na tabela, concluímos que a variedade falada no Distrito da Guia tende à inovação. Este processo se evidencia ao considerarmos que a porcentagem de manutenção é menor que a da não manutenção da lexia de entrada. Vejamos alguns exemplos que apontam para esta direção.

No primeiro caso da tabela, que trata da manutenção de lexias sem possibilidades de variação, o que caracterizaria tendência à manutenção e conservação de uma determinada camada lingüística, não houve ocorrências. Todas as lexias, mesmo evidenciando manutenção, possuem variantes.

O segundo caso, com o percentual de 27,27%, trata dos registros das lexias que evidenciam manutenção e variações apenas no segundo grupo. Estes dados caracterizam estado de manutenção e sugerem inovação lexical a partir do grupo dos mais jovens. É o caso, por exemplo, da palavra GAMELA que no grupo dos idosos não teve variação, enquanto que nos mais jovens é mantida e recebe o acréscimo da lexia POTINHO.

O terceiro caso, com o percentual de 15,15%, registra as lexias que evidenciam manutenção e variação idêntica nos dois grupos. Este fenômeno além de caracterizar estado de manutenção, sugere inovação lexical a partir do grupo dos mais jovens. Temos como exemplo as palavras QUINZENA e REZA que são verbalizadas pelos idosos, mantidas no vocabulário dos mais jovens que acrescentam ainda ORAÇÃO e TERÇO.

O quarto caso, que trata de manutenção da lexia de entrada com variação distinta entre os dois grupos, com percentual mínimo de ocorrência (3,03%),

caracteriza possível manutenção com inovação entre os dois grupos. É o que acontece com as lexias GRÁVIDA e PEJADA. Mesmo havendo o registro de PEJADA na fala dos informantes idosos, a lexia de maior ocorrência foi GRÁVIDA, tanto no primeiro quanto no segundo grupo (idosos e jovens, respectivamente). Os mais jovens desconhecem a lexia PEJADA, seja ou não como sinônimo de GRÁVIDA. Para tanto sugeriram outras lexias, como PRENHE/PRENHA e GESTANTE. Tal registro denota a tendência ao desuso de PEJADA.

Os quinto e o sexto casos, com percentual superior a 54% das 33 lexias analisadas, subsidiam a hipótese de que no Distrito da Guia há tendência à mudança e inovação lexical.

Este fenômeno é evidenciado, por exemplo, nas lexias TONTO, RUIM DA CABEÇA e BATEIA. A palavra TONTO foi usada pela maioria dos informantes idosos. Dentro deste mesmo grupo, contudo, surgiram as lexias VARIADA e RUIM DA CABEÇA como sinônimas, sendo que esta última foi verbalizada também pelo grupo dos mais jovens. Ponderamos, com isso, que a lexia RUIM DA CABEÇA é uma inovação agregada ao léxico dos mais idosos, enquanto TONTO tende ao desuso.

A lexia BATEIA, por sua vez, tende ao desuso. Verbalizada pelos idosos, essa palavra foi ignorada pelos mais jovens e substituída pelas lexias PRATO e BACIA.

Se considerarmos as modificações sociais observadas no Distrito, a tendência à inovação no falar de Guia poderá ser melhor entendida.

Segundo os próprios moradores, os jovens já não querem mais permanecer no Distrito pela falta de perspectivas econômicas e culturais do lugar. A saída desse grupo para estudar e/ou trabalhar na capital Cuiabá, próxima a 40 km da Guia, explicita um dos fatores que levam à alteração no campo lingüístico.

Outro fato que deve ser considerado, nesta perspectiva de inovação, é a atual facilidade de locomoção entre Cuiabá e Guia. A oferta de transporte gratuito para os mais idosos, bem como, para todos os estudantes dos Ensinos Médio e Superior que freqüentam instituições em Cuiabá e, ainda, o baixo custo da passagem para todos aqueles que desejam ir até a cidade vizinha, propiciam a mobilidade dos moradores do Distrito e conseqüente contato com pessoas além dos limites geográficos de sua variedade lingüística, o que contribui significativamente para que ocorram as modificações e inovações na linguagem.

Ele só vem à noite posá em casa e cedo ele vai pro serviço. Trabaia tudo e a noite ele vem num carro que leva bastante gente pra estudá a noite. Aí vai leva as muierada nova, vão estudá a noite e daí de lá ele vem. O prefeito colocó um coletivo aí pra nós, mas ficó bom! E é bem baratinho. Todo mundo *tá* gostando, um *reai* e uns quebradinho aí. Bem mais barato. Ah!! É demais de barato. (DONA LUISA).

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **A Geolingüística no Brasil – Caminhos e Perspectivas**. Londrina/PR: UEL, 1998.

AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **Atlas lingüístico do Paraná**, Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

ALENCASTRO, Anibal. **Freguezia de Nossa Senhora da Guia**. Várzea Grande/MT: Fundação Julio Campos, 1993.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**, 3.^a edição, São Paulo: HUCITEC: INL-MEC, 1982.

AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3.^a ed., 1948.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas/SP: Pontes, 1989.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidade e contrastes**. Revue Belge de Philologie Et D' Histoire, Liège. 2001.

BLUTEAU, Pe. Raphael. **Vocabulário Português-Latino**. (digitalizado), 1712-1728.

BORBA, Francisco S. **Dicionários de usos do Português do Brasil**. São Paulo/SP: Ática, 2002.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**, São Paulo/SP: Ática, 1991.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4ª.Ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Os estudos lingüísticos regionais**. In: Boletim de Filologia, Rio de Janeiro, 1947.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **O Atlas lingüístico do Brasil – um projeto nacional**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). A geolingüística no Brasil – caminhos e perspectivas. Londrina/PR: UEL, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A geolingüística no Brasil: meio século de contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna**. In: ABRALIN – Boletim da Associação Brasileira de Lingüística: Florianópolis, 1999.

DARMESELER, A. “La vie des Mots étudiés dans leurs significations”. *IN*: AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4 ed. – São Paulo: HUCITEC, 1981.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed., 1986

FERREIRA, Carlota da Silveira. “Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia – Bahia)”, In: **Diversidade do português do Brasil – estudos e estudos de dialectologia rural e outros**, Salvador: UFBA, 1988.

FERREIRA, Carlota da Silveira. CARDOSO, Suzana. **A Dialectologia no Brasil – Metodologia de Trabalho Dialectal, Inquérito Lingüístico e Atlas Dialectológico, Regionalismos Léxicos**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, João Carlos Vicente. SILVA, Pe. José de Moura e. **Cidade de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes**. Edição Especial. Cuiabá/MT, 1999.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus Municípios**, 2001.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, 1922.

HYMES, Dell. "Posfácio", em: BURKE, Peter / PORTER, Roy (orgs.) (1993): **Linguagem, indivíduo e sociedade**, São Paulo: Editora Unesp, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª. Ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HOUAIS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. **As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia** - 2ª. ed. Campo Grande - MS: Editora da UFMS, 2001.

LEITE, Marli Quadros. **Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico**. IN: PRETI, Dino (org.). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2003.

LUCHESI, Dante. ARAÚJO, Silvana. **A Sociolingüística Variacionista: Fundamentos Teóricos e Metodológicos**. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/socio.htm>

MUSSALIN, Fernanda. BENTES, Anna Christina. **Introdução à Lingüística – Domínios e Fronteiras**. 2ª.ed. São Paulo/SP: Cortez, 2001.

NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1922.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e sentido do Brasil**, 2.^a edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. (Org.) ; Cox, Maria Inês Pagliarini. (Org.). **Vozes cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Tese de Doutorado. **Aspectos Fonológicos do Português Falado na Baixada Cuiabana - Traços de Língua Antiga Preservados no Brasil**, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**, 16.^a edição, SP: Cultrix, 1991.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**, 2.^a edição, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA, Antônio Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2^a ed., 1813.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; COSTA, Lourença Alves da; CARVALHO, Cathia Maria Coelho. **O processo histórico de Mato Grosso**. Cuiabá: Guaicurus, 1990.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sócio-Lingüística**, 7^a. Ed., Ática: São Paulo, 2004.

VIEIRA, Frei Domingos. **Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa**, 1871-1974.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do Sertão – vida cotidiana e escravidão em Cuiabá – 1850 – 1888**

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da Lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ATLAS LINGÜÍSTICO BRASILEIRO (ALiB), Comitê Nacional do Projeto ALiB.
Londrina: UEL, 2001.

ANEXOS

Transcrições das Entrevistas com os Idosos

1. Sr.Samuel

(Cheguei ao portão da casa e encontrei Sr.Samuel sentado numa cadeira de fio, lendo um livro de orações. Me identifiquei e pedi se poderia falar um pouco com ele. Entramos na casa e Sr.Samuel me apresentou sua esposa dona Luísa que se sentou conosco. Como dona Luisa não nos deixava conversar e interrompia a todo instante, propus entrevistá-la primeiro e, em seguida, falar com Sr.Samuel)

(Infância)

Minha infância foi lá, minha infância foi duro, trabaiá. Eu fui criada co' serviço, co'serviço, lá nom andava pra fora, nom brincava. Só trabaiá. Rala mandioca no ralo, faze o serviço junto c'meu pai. Ralo é uma tábua assim **(mostrou com as mãos)**, dessa largura que a gente fura uma parte de latón, faz aqueles buraquinhos, prega na tábua...e co'a mandioca faz anssim **(mais gestos manuais)**. Tinha tamém outro objeto de faze farinha. O caititu era uma caixinha, uma roda no meio que tem bastante buraquinho e ponta e então um pega aqui na roda e vai arrodiando e a máquina que vai arrodiando põe a mandioca nele aqui e assim...é só massa.

Quando dava nós brincava dessas coisa feita no mato, né, porque nom tinha otros brinquedo. Nós brincava de burrica. Burrica é um paozinho assim **(gestos com as mãos)**, dessa artura fincado e cortava o imbauvera, é uma árvore fofo, então fazia um buraco bem no meio dele e assentava na no moronzinho fincado e sentava um numa ponta equilibrava assim certinho e arrodiaba. De acordo com o tamanho da madera fazia a velocidade.. e a rotação era grande, quando era pequena ..a rotação era pequena. Os irmão dela que fazia o brinquedo, mas eu fez muito isso aqui..eu brincava também

Com que idade o Sr. Conheceu a dona Luísa?

Ela me conheceu. Eu saia vendendo as coisas de casa em casa e aí conhecendo essas....coisinha aí....

Eu vendia um perfume estrangeiro - Brisa da Lua - colocava dentro da blusa, ficava lavava, passava o mês inteiro..

Namoraram muito tempo?

Não, ela tinha pressa. Nós digamos assim nesse assunto....nós digamos assim..eu robei a moça, eu robei a moça.

Eu fui fala pra meu pai..quando eu cheguei falei assim: meu pai eu vo casa. Agora..uiaí como assim? Ocê tem cadebar pra ocê se casa agora? Aí eu falei como não meu pai..eu sou filho de homem garantido e eu toda a vida fui trabalhador agora que tô assim pacatão, porque velho, doente né... 85 anos que eu tenho dentro do trabalho, era serviço doméstico...não serviço doméstico é de muié **(risos)** era serviço braçar e só de cartório 33 anos.

(Sr.Samuel entrega um artigo de jornal e pede que eu leia. Leio o primeiro e o segundo Sr.Samuel lê)

LÊ aí, é pra ocê lê aí. Depois de tudo servicera...33 anos.

E agora o Diário Oficial que ta aqui guardado. O governador do Estado de Mato Grosso..**(começa a ler)**19 de junho de 1982. Governador do Estado de Mato Grosso **(começa a ler outro documento... ao longo da leitura ele troca o 'l' por 'r' - legar/resorve normeá/ suprente/ mir – e elimina os 'r' finais)**. Tudo guardado aqui porque eu era escrivão de paz muitos anos aí deposx é ..meu chefe lá é Dr. Benedito Pereira do Nascimento. Hoje ele é desembargador. Nesse tempo ele era primeiro promotor de justiça. Aí ele falô: Samuer, venha pra cá e eu vo colocá minha secretária pra dá umas noção pra ocê pra nomeio ocê pra definitivamente e eu num quis...passa então pra juiz de pazx que ta aqui nesse documento...aí de acordo com meu currículo que eu tenho em torno do das nomeaçom – foi só sancioná e Camargo assina que...fiz muito casamento.

(Família, casamento e filhos)

Temos uns cinqüenta e tantos anos, maisomenos, de casados. Nunca tivemo um filho. Só mais nós. Eu fiz promessa... me deu dó de minha irmã quando ela tava pejada e que foi dar a luz a uma criança e essa criança morreu, deposs de moço,

morreu afogado, meu afilhado...fiquei com dó dela...aí, aí, eu sai...ela morava numa fazenda ... saí pra ficar lá no cerrado e disse assim: Senhor Jesus Cristo, a moça que eu casá com ela, num deixa nóssss adquirir filho de dó da muié. De sofrimento...e aí, esse padre, um velho que tinha aqui me deu um livro. A senhora desculpa de eu expressar essas palavra, mas como a senhora é gente fina, é gente boa e eu sou um pai de família, vou expressar pra senhora alguns dizeres em torno do casamento. Disse ele: todas as senhora tem suas doença que dá na lua certa, então nessa doença é perigoso manter contato com o marido pq fica grávida, não tem conversa e nóssss, com esse pedido que eu fiz, nóssss tem cinqüenta ano de casado e num tem filho. O pessoar caçoa de nóssss aqui...(risos) mas aí tem outra família chama, a mulher chama Rosangela e o marido Sirvio. Professor e professora aqui na Guia num tem filho nem filha. Aqui do otro lado tem um fazendo já morreu, Luiz Nunes e a mulher chamava Aozone de Arruda. Morreu sem ter filho...então são essas conseqüência. Mas me deu muita dó da irmã. Ela ta viva, mora bem aqui perto. Graças a Deus (nesse momento eles fazem um gesto de agradecimento a Deus).

Pejada?

Pejada é grávida. Ela tava pejada. Se a senhora corrê o dicionário.

Vida na Guia...

Nessa rua aqui...85 ano sem sair daqui pra nada. Só pra mascataria. Eu tinha charrete tudo ...Enchia de mercadoria.Conheci ela, mocinha nova.

(Certo momento Sr.Samuel e dona Luisa se levantaram e mostraram as fotos que estavam na parede da sala)

Essa daí é ela.

Eu deixe de tirar o retrato dele ***(referindo-se ao pai)***, porque no título ele tinha o retrato, aí eu tranqüilizei, num quis tirar o retraro. Daí a irmã boto fora, mas eu senti, mas até hoje eu ainda tenho ele no coração.

(Luisa começa a falar da banda que ta tocando na praça, pois nesse dia comemorava-se o aniversário da Guia e Sr. Samuel complementa)

Ano passado ele desceram aqui...

O Sr. tem muitas histórias antigas, Sr.Samuel?

Se eu conheço muitas história? iiii eu tenho um livro de contos... Às vezes eu tô assim quieto assim...pego o livro e começo a ler umas leituras e quando vejo...opa...dormi um sono.

(Sr.Samuel interrompe nossa conversa e olha no relógio)

Olha...é onze e vinte...

(dona Luísa oferece algo para beber e antes que se levante, Sr.Samuel a interrompe)

Peraí Luisa... Nós temo vergonha, eu to pensando aqui em fala pra Luisa, nois temos vergonha de oferecer armoço pra gente estranha, porque tem um motivo, esperaí....feijão nós tem arroz, carne frito ta aí, carne afogado, ovos..mas tudo sem sal por causa da pressón... e eu costumo fazer assim... ela vem, eu to sentado lá e ela vem: Samuer ta pronto o armoço...eu vo, pego o prato, ponho o feijão com cardo no prato, amasso duas pimenta malageta, tiro a semente dele e misturo c'o aquela cardaiada e bebo ele e ela ta arrumando o prato..bebo o feijão com cardo e a pimenta. Aí vem a carne frita, tem aí pronto, carne ensopado, feijão, farinha, arroz e ovo frito. Mas aí a moça falou pra mim..não faça isso seu Samuer..então a gente fica com vergonha de dar um prato pra senhora. Tanto faz moça, como mulher, como moço, como homem, é nosso, é nossa intimidade...Vamo entra, senta, o senhora a senhor...é servido armoçar conosco? Olha seu Samuer se não é trabalho nós aceitamo. Não, nós temos o prazer...mas aí eu vo falar pra ele...tá lá pra senhora, pro senhor, uma latinha com o sar moída assim pra ele fazer o sal na comida. Ta fazendo uns 30 anos, né Luisa que falei pra ocê...aí era um seco, num tinha asfalto. Eu fui pular essa valeta lá da igreja pra cá..no que fui pular me senti mal, fiquei tonto.. Me segurei numa cerca e..fui pra Cuiabá. Viu minha pressão...tá arta sua pressão, menino, não facilita. Aí passou vinte minuto...Quando foi anteontem..(Luisa interrompe) ... Por isso que a comida não tem sar.

2. Dona Luísa

(Infância)

Fui criado no mato, no cerrado, meu pai metchia cum roça, lavradô. Num teve culégio pra lá onde nós morava. E eu num estudei meu amor. Este é o maior sentimento que tenho.

Daí eu peço a Deus, ao Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima que me dá vida e saúde e felicidade pra mim e pro meu véinho. Tá bom! Tá bom!

(Família, casamento e filhos)

Ah, minha fia num é porque num qué. É Deus que num confiô de mim. Ele num confiô de mim. Ôia

Estão casados há um tempo né?

Faiz tempo...faiz tempo...

Quanto tempo?

Nóis temo uns trinta ano de casada.

Nóis briga lá um dia mais é devagarzinho.

E como era sua infância...a sra. Lembra? Do que a senhora brincava ... O que a senhora gostava de fazer...

Minha infância? Se tivesse colégio pra lá, onde eu morava, minha infância era no colégio...pra mim ser (dgente) agora...eu já falo assim.Relá mandioca e faze farinha, e faze farinha. Relá mandioca no negócio...no...ralo.

E quantos irmãos?

(LUIZA) hein? 5 e morreu dosx (*chiado*), morreo dosx, eu tenho um irmão que mora na vila Santa Isabel, otro mora no CPA, Cuiabá. Ele trabaia na Dermate, mas a Dermate acabó, fico otro nome, otro tá pra cá numa fazenda, pra cá do..., pra lá do Rosário..otro trabaia em Cuiabá, ele trabaia na Dermate e estuda a noite...Esse mamãe que criô ele..é irmón de criação, mamãe que criô ele..É meu irmão..nóis considera ele como irmão igual aos oto, igual aos oto... ela foi... ela

registro ele, legitimô ele como filho legítimo...tá no cartório..é. Ele é sabido...ele já ta...é bem sabido ele.. Ele só vem à noite posá em casa e cedo ele vai pro serviço..trabaia tudo e a noite ele vem num carro que ...leva...bastante gente pra estudá a noite. É ônibusx (*chiado*), é ônibusx. Aí vai leva as muierada nova...vão estudá a noite e daí de lá ele vem. O prefeito colocó um coletivo aí pra nós, mas ficó bom....e é bem baratinho. Todo mundo tá gostando; um reai e uns quebradinho aí. Bem mais barato. Ah!! É demais de barato. Ahh...ohhh, esse prefeito tomara que ele num sai nunca...todo mundo ta gostando dele.

Mas aí vcs aproveitam pra passear?

Olha eu agora faiz tempo que num vo a Cuiabá; eu ia em Cuiabá mas agora, graças a Deus eu to tendo saúde, meu véinho também ta tendo saúde, graças a Deus. Mas é meu véinho...Nóis não tamos indo em Cuiabá

Mas tem que aproveitar pra passear..

Não, mas eu num quero passeá não.. Eu tenho um amor aqui nessa casa, tenho um amor aqui..que quando eu saio um bocadinho já to com saudade de vim..

(nessa hora passou um ônibus...) Pois é..óia..é o dia inteiro...de noite ele passa umas duas ou três veiz...etâ trem bom que ficô..o prefeito que mando.. O prefeito aqui na Guia vai torna a ganha..ele vai vê que ganha...porque ele tá sendo bom pra nós aqui.

Aqui guia considera aquele prefeito de cuiabá?

Aqui é o sub-prefeito, Joa.. É ele é sub-prefeito, aqui não tem prefeito é sube. Ele tá sendo bom, graças a Deus. Ele é...

Ah, que bom, mas eu estou curiosa pra saber o que a senhora fazia quando era pequenininha, quando a senhora tinha um tempinho ao menos de brincar de boneca...

Ah, brincava..nóis brincava lá tinha um cerradinho, lá tinha um galpãozinho, lá nós barria lá, nós barria bem limpinho, aí fazia armário lá, nós fazia ...fazia quitute..sabe o que que é quitute? Quitute que nós fazia...

Por favor me explique porque acho que eu não sei o que é quitute

O quitute não sabe?!? Não! É comida, armoço lá debaixo de um pau lá na sombra. Tudo limpinho lá debaixo do arvoredão..aí nós fazia..tucurum pra lá, outro pra cá, botava a panela, botava, fritava carne, botava o arroz..

Tudo de verdade?

É, nós era pequena assim...só nós...as cinco irmã que eu tenho..aí nós brincava lá, brincava..fazia comida, quitute que nós fazia, então juntava mais alguma amiguinha também pra ajuda nós. Nós brincava de burrica também. Um brinquedo assim feito no pau. E arrodia, ia lá por lá e depois vinha por aqui, ia por lá assim... mas nós brincava

Quem fazia esse brinquedo? Quem que construía o brinquedo?

O brinquedo...o brinquedo... o meu irmão! Era esse mais velho..é o mais velho. Pois você sabe, né? Pois senta um lá na ponta e outro aqui na outra ponta e daqui que manda...fica rodando..até... a gente...mamãe falava assim 'óia, vocês fica com essa rotação aí vai até gunitá...larga disso..gostava de arrodia...esse que era o tempo bom.

Com que idade a sra. Conheceu seu samuel?

Samué... Samué... mascateava, ele lidava com mascataria. Ele mascateava roupa, cascalho..Mascateá é saí vendendo as coisa..vendendo...ele vendia. Ele ia de casa em casa vendendo as coisa. Ele ia, ele ia, carregado de alguma coisa pra vendê...cargado, roupa, perfume que ele vendia...vendia tudo as coisa. E aí com essa mascataria dele ele me achou lá pra lá,Terra Vermelha, aí eu gostei dele, eu gostei dele..ele também me gosto, gosto de mim..eu era moça esse tempo..mocinha nova. Cherosa, carinhosa, era mocinha nova, aí eu gostei dele, eu gostei dele e ele também gosto de mim...aí nós casemo.

Namoraram bastante tempo?

Não, muito tempo não. Maiosomeno um ano. Aí... nós somos bem casado, nós somos casado no religioso, no civil, no cartório..tudo certinho. Não me alembro nem qual padre que fez nosso casamento.

Aí ele foi pedir a sua mão em casamento...

Não pediu. Nós fudgiu. Nós fudgiu...porque já tava com pressa né. Eu tava com pressa. Robo..num espero apronta assim porque nós já tava com pressa.

E que com idade a Sra. se casou?

É maisomeno, 17 por aí.

Samuer era escrivão, depois ele saiu de escrivão e passou pra juiz de paz. Agora pra juiz de paz ele aposentô...ele é aposentado. Ele aposento. Eu to achando bom porque ele ta veio. Ele ta forte, graças a Deus. Ele ta forte... ele eu trato dele bem...

Meu pai nem nem importó. Ele sabia que eu queria, né. O que tem ele com isso, né? (risos) Oia, hoje em dia a moça..ora ela qué, qué casá com esse que ela qué. Pai com mãe....que não qué, num qué, ta errado. Ela que qué esse. Quem que vai morar junto se não é os (*chiado*) dois (*chiado*). Num é memo? Pai com mãe num tem que se mete! Ora...se gosto, gostó, se não gostó fica pra lá.

É e eu nunca passei fome, nunca fiquei sem ropa..num relei mandioca.

E quando a Sra. ralou mandioca, como a Sra. fazia?

Era no, num tem aquele negócio que come a mandioca? Como se tchama? Caititu...é o caititu. É um negócio que põe a raiz da mandioca..ele come

É como escaraçador também de cana, de moê cana, ele tem um escaraçador né.

Sr.Samuel pega alguns documentos numa pasta e começa a ler. Enquanto ele lê, dona Luisa, vai falando:

Vista boa. Ele foi criado aqui na Guia, ele foi na escola. Ele aprendeu, ele aprendeu...como ieu que fui criada no cerrado nunca fui no colégio.. lá num tinha, lá num tinha colégio...

(dona Luísa interrompe a leitura do marido e me questiona)

É casada? (**obtem resposta afirmativa e continua a falar**)

Então ta bom, ta bom.

Olha Samuer, ele vendia as cosa. Ele foi nascido e criado aqui.

Ele saia mascateando... mascataria é vendendo as coisa. Lá, ele ia pra lá e lá ele me viu lá, ele me viu lá. Ele gostou de mim. E eu tb gostei dele e aí eu óóó com ele (*gesto de 'fugir'*)...se mandei e falei Ah! eu já vo é com este mesmo, pq eu gostei desse daí, conheci mãe dele. Olha a mãe dele aqui venha ver..

(dona Luísa se levanta seguida por Sr.Samuel e mostram as fotos penduradas na parede da sala)

Essa aí é ieu!!! Essa daqui é minha sobrinha, filha de minha irmã. Bonita o que..agora to feia! O que? Só do pai dele que nósx num tem aqui. Lá a emasa de Sirvestre. Esse rapaz que mamãe criou ele chama Sirvestre, enton ele mando reproduzi, ta lá na parede, reproduziu..o de mamãe e papai. Ta lá eles dosss empalhado. E mando reproduzi dele tb. Ta lá..eu já falei pra ele. Ele tem uma casa do lado de cima...aqui..era velha, tava pra cair já a casa. Então ele construí a casa do lado de cima, mas ta pelado ainda, ainda ta pelado...num ta rebocado...falto só porta, janela...ah, bom. Daí eu falei; olha Sirvestre eu vo fala uma coisa pra você. Você tira tudo o anjo da guarda, os santo tudo, o anjo menino.. que ele ganho de uma velhinha que morreu...olha pega tudo esse santo e pega o retrato reproduzido de mamãe de papai e seu também e leva pra sua casa nova...porque lá tem luz ta craro..e aí ta tudo escuro. Ele cozinha lá...dorme lá...mas a taperinha ta lá que mamãe dexo. Pega tudo e leva lá pra sua casa. Ele falo: não Luisa eu ainda vo reboca primeiro lá, arruma, daí vo leva o santo e o retrato aí; eu tenho uma irmãzinha lá que é doente. Ela é aposentada, aí um sobrinho nosso que trata dela, trata bem dela. Ela é doente. Ahhhh..ieu...das muié nosss somo cinco, e home cinco..desx. ***(começa a nomear as pessoas)*** – ..mas veia do que ieu...aí é ieu...o mais velho, compadre Arminio, já morreu. Da a cumadre Fiinha...dois irmão e uma irmã...deposss Luisa...ieu, deposss.... deposss... mamãe criou ele, filho adotivo. Mas ela registrou no cartório como filho legítimo. Samuer era escrivão nesse tempo. Mamãe criou ele, boto ele pra estuda, ele já ta bem sabido. Ele...mamãe boto ele pra estudar ele era pequeno...mamãe boto ele pra estudar com uma professorinha, uma moreninha bunitinha, ali na casa dos padres, ia bastante

criançadinha miúda..daí a professorinha foi embora, aí Samuer era escrivão nesse tempo trabalhava ali nessa casa... nessa igreja era correio. O que manda ali no correio não queria mais pq não tava dando renda....aí levou lá pra casa pra pedi pra Samuer toma conta. Aí nesse tempo Samuer cuidava do correio tb. Aí ele começou a estudar por correspondência. Vinha de SP...e ele é inteligente.. Samuer que pegava, vinha no correio, Samuer pegava e ele estudava. Ele estudava, foi aprendendo..Agora ele ta estudando em Cuiabá, a noite. Ele é arto mesmo, um morenã, bem arto que ele é, bem forte...eu acho que ele ta aí...a janela ta aberta. Hoje é sábado...ele ta aí. Ele num tem muié...mora sozinho, não quer muié...ele me falo que tem lutado com ele as muié...ele falou assim pra mim, to atentado com essas muié...casa boa que ele fez, ele é bem empregado, ele ganha dinheiro...ele fica atentado dessas muié...ele falou: agora não vou estudar. Ele é novo, viçoso. Que nada! Ele é novo...é que ele é viçoso...eu vi ele desse tamanho piquetinho quando mamãe pego ele pra criar.

(Luisa começa a falar da banda que ta tocando na praça, pois nesse dia comemorava-se o aniversário da Guia)

Parece que ta tocando perto o bombo...

(interrompe a fala sobre a banda e continua narrando sua história)

Aí...ele falou pra mim que por enquanto ele não quer, só vai estudar...ele trabaiá na Dermate – Cuiabá – daí a dermate acabo, aí fico outro órgão da Dermate mesmo, mas outro órgão. Oia a Dermate eles trabaiavam assim pra fora, arrumando estrada e sei lá mais o que.. eles faziam barraca por aí pro mato. Então ele me contou um caso meu irmão- esse que mora no CPA; ele me contou um caso - meu irmão mais veio. Naquele tempo a Dermate era no meio do mato.... saíram tudo e fico dosssss, fico e oto bijdando a barraca. Aí diz que chego um veinho com chapeuzinho veio na cabeça todo franzidinho, cotovelo arranhado. Diz que chegou e pediu um prato de comida pra ele – Antônio – diz que Antônio deu pro olho pro companheiro dele e esse veio não era bem gente..bom...diz que Antônio pego o prato de comida e deu pro veinho aí diz que o veinho disse põe no chão...diz que Antônio e o outro companheiro não vi que hora esse veionho dobro

o cotovelo, assim dobro o cotovelo e comeu a comida tudinho – lambeu o prato-lobisomem...diz que o veinho comeu tudo a comida que lambeu e saiu que nem cachorro e nem ‘Deus lhe pague’ falo e daí diz que saiu... lobisomem..É lobisomem, não é outra coisa.

Daí depois a Dermate acabou...fico tudo em Cuiabá..aí teve bastante gente que saiu. O Silvestre, o Antônio e um outro sobrinho meu ficaram..não saíram ficaram num outro órgão, na Dermate mesmo..mas é um otro órgão.

(Sr.Samuel olha no relógio e alerta dona Luísa do horário)

Onze e vinte...em cima da hora. Meu relógio ta certinho c'o seu. Ta em cima da conta. Venha cá..apetece um café o um refresco?

(mais uma vez dona Luísa é interrompida pelo esposo que fala das comidas sem sal)

Eu, ieu fui pega um remédio no posto tava 20 x 6. As coisa frito. Minha pressón nunca foi 20 x 6...mas eu tava majando...faz tempo que eu to batendo na lingüiça frito..eu adoro lingüiça frito e eu não posso comer, não podia comer...passa cá. Agora eu larguei da lingüiça, larguei de café, de manhã só uma xicrinha assim de manhã.

(depois disso nos levantamos todos e fomos até a cozinha para tomar um suco. Agradei e me retirei da casa)

3. Dona Geralda:

Conte-me um pouco de sua vida e das coisas que mais lhe marcaram quando criança:

Morei aqui no Taquaral da Bahia (***uma comunidade pertencente à Guia***). Vim pra cá com 12 pra 13 ano. Eu era quieta. Meu pai não quis me botá na escola porque disse que era dessas que joga pedra e esconde a mão e minha madrinha queria que eu fosse na escola e eu querendo ir e mamãe queria e nom é demais de quieta, joga pedra e esconde a mão...não podia falar nada né, na enxada, desde menina na enxada, carpindo. É o que ele me ensino, carpi, bater a cova pra pranta arroz, feijão, milho, cana, assim que passava, na cana. Isso aí que ele me ensino, mas na escola não. Num sei, acho que era porque mandava bilhete pro namorado e isso aí. Tinha um prima que chamava Jacinta, já tava moça, inventava os namorado. Quando era criança papai dizia: faz boneca, faz boneca pra aprende a fazer ropa, aí mamãe fez uma boneca de pano com sobranceia, oreia, oio, boca. Aí quando eu recortava ele reclamava porque acabava com os retalho, não queria que fizesse. Minha ropa era de chambranom – aquela ropa dura de trabaiá na roça. Olha é desaforo, eu pensei vo trabaiá, vo compra ropa pra mim e eu que vou faze. E eu sei que eu fiava e eu que fazia; comprava os fio e papai dizia: esse fio não presta é pra faze tripa. Esperei mamãe saí. Ela saiu e foi lá na irmã dele e eu aqui me espiei em vestido, porque a irmã tinha me dado, me espiei, espiei, vo faze godê.

Quando já era moça, mulher eu fui aprende a lavra, aí eu fui na Varzea Grande com um menino chamado...morreu, cheguei lá eles tava lavrando, lavremo, fizemo a pranta. Lá era eu, otra fia que mora ali, ai pedimo pra barre o terrero pra ganha alguma coisa, né?!

Aí fui eu e essa prima que era mais pequena. Trabaiemo pra ganha um dinherinho.

Foi só mamãe tchegá, papi mostrô eu e mamãe bateu na minha cara, na minha mão, palmatória, nunca mais você face isso.

Aí fui tchorá, tchorei, tchorei, falei num dexe faze isso, porque puxei cabelo da menina e ela num fala, num bate nela.

O irmão mais grande que eu, faz doisx ano que morreu, sempre trabaíemo na roça, prantando cana. Um dia fizemo o trabalho de moer a cana, moemo tudo, ele falô: "vo lá no rio, falei, "num vai", enfiei a mão na cara dele, derrubei ele no bagaço, se mandô, papai chegô: "cadê Cipriano?", falei num sei, esse apanhê e era safado, aprontava, uma vez ele fugiu de mamãe enfio aqui na casinha(...)papai falô assim: "vo atrás do Cipriano", chegô lá ele correu e escondeu aqui no caminho, subiu no pau, papai cortava assim e ele aqui atrás, papai vortava(...)

Agora eu era mais quieta, trabaíá eu trabaiei muito na roça. Boneca, panhava pedaço de cuia, tinha panela, fazia tacuru, botava foia dentro da panela pra faze de conta que era comida.

E eu num rezava, quando mamãe ia comigo na festa ou na reza eu aproveitava, todo mundo ta dançando, era siriri, era baile (...) papai num gostava de baile nem a bera de pau, aí quando foi um dia, foi até festa na casa grande.

Fui aprende a dança c'a tia, num detxava, aí quando aprendi mesmo, queria dançá, quando vinha ele arodiando assim, que vinha vindo, já tava correndo(...)agora trabaíá, trabaiei bastante, vixe Maria, ainda tem marca nas mão. Era tudo matchucado.

Outro dia eu caí ali. Eu tchorei depois eu ri, eu caí e num pude levantá, porque essa perna minha num dobra de tanto sofre. E o fio caçula que mora aí, queto, num chamei ele, já tinha tchorado, aí garrei ri, catchorro fica arrastando bunda no tchão, mas ri que até tchorei de tanto e consegui me arrasta até aqui.

Ah, quando era criança a gente ia nas festa que mamãe levava. Tinha a festa da Gui né, treis dia de festa, aí viro quatro dia de festa, daí pedia, mamãe é cozinhera e eu ia, ia as prima, eu também vo, era só música boa, escondia, queria ve se mamãe ia me acha lá no meio, mandava me tchma'eu ia, mas a festa já aproveitei...quando aprendi eu gostei, eu dançava Siriri. Ele gostava de mim e eu nem bola, daí vinha ali, conversava, meu casamento foi muito esquisito, tava eu minha prima numa festa, aí nós sentemo num banquinho ali pra fora, aí ele

passou, teve um leilão né, aí compade Nega remato pra comade Dominga, ma tudo era moçada ainda, remato, aí tinha um primo meu, aí remato uma rosca pra mm, um quadro, ele bebia né, aí ele quis dize que o Teodoro tinha me dado e se tivesse(...)e foi dá parte que diz que eu tava no escuro co homi(...)você que defamo sua sobrinha(...) eu falei eu num tenho nada co'ele e nem ele comigo...hora, pra que que eu vo menti? Falo bobagem, num tem respeito(...)agora diz que ta cego(...)mamãe, papai ficô viúvo(...)mentiu pro fio que tiraro o oio dele(...)aí casei minha fia.(...)vai fica só você e o marido aqui(...)ele queria e eu num queria(....)meu casamento foi esquesito, agora depois das carrera dos fio, minha fia aí eu fiquei na roça, minha vida é roça, trabaiei, cabei de criá meus fio, vida de roça, lavá ropa, botei tudo na escola, pensei nos fio, eu num sei nada, mas meus fio aprende aí eu ia co guri mais veio na roça(...)graças a Deus tão tudo criado(...)quem que ia faze se não era eu, eu que tinha, o fio era meu, o pai já tinha ido, ia fica esperando o que? Pega inchada, lavagem de ropa(...)marido primeiro que morreu. Gostava de come fejdão inteiro, cozinhava aquele fejdão aí eu tirava botava (...) até hoje eu como petxe, eu gosto mais do cardo, petxe que eu gosto mais pacu, pirapotanga, jau, (...)é só gordura, mamãe brigava comigo, come o que tem, nós tinha canavial, tinha banana. Òia tinha tanta história, mas não me alembro, to contando, mas vocês num vão faze, marro uma pedra no pescoço do gato e jogou bem no poço, a taquara corria anssim e era um poçon assim, jogou bem lá no poço e pegava água aqui embaixo, daí D....quidê o gato? Num sei, tá por aí caçando bitcho. (...) vixe, ta bebendo água podre. (...) num sabia que era o gato né. Mamãe fazia festa (...) ele foi falô assim, mas será que o gato num subiu(...)panho cordão, aqueles foquete de rabo, marrô o gato, (...) foi o gato, é uma bolinha, imagine. Que o gato era muito pidão. Eu fiquei com réiva, porque era poca dgente que fazia eu ri. Isso daí é marruá, quer dizer que era fetchado, marruá quer dizer que era com cara amarrada, num ria de ninguém. Comigo ela vai ve, mas dançô...foi na frente, dançava, arreganhava e eu bem espiando a cara dele, eu tava era com réiva da cara do homi, ele fazia aquele galinhasso e vinha sacudia o cabelo e eu quero é ganhá, pegô aquele pinto peladão, trançô a asa dele, todo mundo rindo e eu séria, e eu tava era com

réiva(...)deitei num corria oio nos pessoal assim, (...)porque como você feiz uma fia desse djeito? Num ri, num vai casá, porque só a cara dela vai corrê co marido. Fala menina, falei “bem feito”. Era séria e num ria. Agora quando eu tava no meio das minhas amiga, aí qualquer coisinha eu tava rindo. A senhora tem namorado? Falei não. (...)eu ria, fazia até farra, namorá, namorado...é vo fugi co fulano, mas fugi pra onde? Pra lagoa, aí eu que ia(...)ia ri, ia vira...(...)Geralda gosta de falá mentira, nós falamo brincando co'cê. (..)Eu não fugi, mas não conta pra ninguém, guarda meu segredo. A Zumira mora em Cuiabá, otra foi Vera(...)mas não conta pra papai, a primeira que fugiu foi a Vera, daí foi a Zumira, tava namorando, tava gostando dele(...) Geralda sabia segredo porque conversava demáx, segredo de quem? E eu sabia, confusão não, pra lá. A Zumira ta viuva, Vera ta viuva. Agora tão sozinha. Eu teve sete e morreu dois, eu não sei quantos neto, eu tenho bisneto. (..) esse daí que quando eu to muito gripada trabaia também lá na (...) pega a máquina, pega tudo as ropa, bate, esse é do fio mais véio, é largado da muié, a muié tava judiando demais, aí fiquei co'ele aqui, aí ela amigo cum homi, o guri num podia ve ela, mas gritava, tratava eu de mãe, (...) não entra na vida dos otro, no metche aqui se não vai apanhá, num fica com quarqué um anssim, porque tem uns parente dele aí que ta garrado na maconha. (...)

4. Dona Maria Lina:

Gostaria que a Sra. falasse uma pouco de sua vida...

A Nossa Senhora me óia pra tudo quando é lado, porque óia, essa perna que quebraru d'eu...José que quebrô minha perna. Eu ia indo pra lá (*aponta para a esquerda da onde estamos sentadas, em direção à Igreja*) pro cercado, porque eu tomava conta daqui, esse cercado daqui que o Pe. Francisco me deu pra mim cuidar, né, aí eu acho que esse padre achô que eu ia fica co'o terreno da igreja. Que a igreja só tem essa terrinha aí. É, da bem daí. Agora ele mandô roçá, o povo da prefeitura roçô. Porque ele passou uma mentira na'mim que diz que Dom Bonifácio mando falar pra mim que desse o terreno pr'ele, entregasse, que eles iam tocá a horta..nunca prantô nada e inda arrancó um monte da banana que tá prantado alí no cercado d'uma muié que é lá do Tijucal – a dona Irineide. Ele não me aviso que a mangueira tava de ita, eu fiquei fora do serviço, e depois que eu vortei nu serviço que abri o oio así tava debaxo da gaita de neuta, pelo amor de Deus, c'a perna quebrada, quebrô bem aqui, esse mataime que tem aqui é os parafuso, aí tem oito buraco que saiu daqui. A perna só dobra até aí oi! Igual quando eles fizeru isso, depois que eu vim de lá – q'eu tirei um ano na casa do pai d'ssa minina – do meu fio caçula – porque o Mane, ele é pobrezinho igual mãe dele, mas trabaia esse mininu, trabaia, eu peço a Deus, Nossa Senhora e tudo os Santu, que ajuda-me dos fio que cuida de mim e, quando eu vim de lá a Heloína saiu por aí e falô depos que ele saiu daqui, falô lá no, o primero que ele falô foi lá no colégio de cima, que eu não sô mãe dela, mãe dela é uma gaúcho, o pai é um gaúcho, eu acho que ela é fia do vento, da parte dela eu não sô mãe dela, primera fia meu, quase me matô, agora uma coisa tão tristi que foi falado que o fio tava óia nela ... quem quebrô minha parte...tava nhanhando...pelo amor de Deus. Óia, mas quem deu a dica foi o filho dela, o Jonelso; Jonel q'deu a dica que a mãe tava c'o irmão...aí falaru Maria, ce abre o oio, eles virarim bicho eles quebru a porta e vem te come. Ai eu falei, melhor í embora. Óoo lá, aquele lá é meu afiado como não toma benção, é segundo como a Bianca aí, num vale nada. E ladrão que ta, Deus me livre, é baom ele vim memo, eu já sô pobre que num tenho as coisa, coisinha que rumo chega um pra apanha, Senhor Divino que acude, de jeito nenhum.

E a sua infância como foi?

la pra roça c'minha mãe, pajá Marina, minha irmã, a tratá eles, fazê eles durmi, amarrava a rede num apulero, é porque criança é leve, né, aí pra mim balançar eles, cantar pra eles, pra eles durmi, e minha mãe c'papai ia carpí lá, fazê a pranta. Lá naum tinha brincadeira, naum. Lá naum tinha criança p' nós brinca, porque minha vó morava assim, ela já naum tinha fio pequeno e nós, dexe eu fala, o que já passei, já passei mu(i)ta fome, nós passemo muita fome. Nós era seis, seis naum cinco. Era ieu, Marina, cumadre Benedita, Leopoldo e José. O José mora ali em cima. Benedita é de Paranatinga. Essa é viuva de xuu Migué.

Eu, quando compretei sete anio vim pro colégio. Só segundo. Mas a aia daquele tempo ai teve uma escola radiofônica, na difusora, eu cendia a lampira e óia aqui. Eu tenho, aprendi faze algarismo foi nessa escola de de noite. É pelo rádio e o rádio acabô de me ensiná. Iiiii, Toda a vida eu achei bunito quem escreve de carrera. E o resto naum assina nem o nome, os quatro. E tem os dois oio. Deus me deu dois em um. É de nascencia. Esse oio era azul ficó verde. Esse oio me dá um trabaio. Num é, eu tenho que tratá dele por causa da carne que cresce pra naum atrapaiaá. Aí eu compro aquele 'tetrascicrina' e o colírio 'Moura Brasil'. A 'tetrascicrina' lava bem a cara, põe aqui nessa carinha daí, põe lá dentro, c'aquela trenzinho dele e dorme. Bem cedo, pinga um colírio pra tirá um trem feito areia que amanhece. É um trem que tapa a vista. E eu tenho devoção com minha Santa Luzia.

Aí tinha muito serviço, tinha que limpá a igreja, porque limpa não é so barrê, tinha que vasculhá - a parede num cria aranha, trem de aranha, tira teia de aranha da parede. Pegava a toalha lavava, passava, né, tirava aquela quantia, trazia pra lavá e depos passava ia colocar outra, trocava uma vez por semana as toalha. Graças a Deus. E meu ferro é de brasa, viu? A prova aí, meu fogón (*aponta para um fogão feito de tijolo e com um chapa de ferro – rústico*).

(*olha pra o esterco queimando e pergunta*) Óia o fogo tem mancha aí criança. Tá feito brasa? Depos eu vô tira daí, vô dexá esfriar pra bota no feijão amanhã. Vô bota no feijão, o bicho ta batendo no feijão que é pra prantá, né. Bosta de gado, é

bosta de gado. É pra tá feito brasa. Amanhã é só esmigaiá e cinza assim e bota na vasia, põe uma camaxada dele, põe o feijão e põe o resto por cima e tampa. Pro bichos pará de comê o feijão, o coró. Eu naum mexo com veneno nas coisa de comê, naum. Há muitos ano. Otros faz ooo, a areia lavada. Panha areia lá e põe pra seca lá e pra depois faze assim. Agora não tem mais nem o pechte. A gordura do pechte vc esfrega assim e põe pra secá. Diz que num pega bicho, mas deve ficá bem fidido.

(Família, casamento e filhos)

Ele trabaiava na Caiera. Naum, isso aí agora é negócio de brita, faz cal. Queimava pedra para fazê o pó do cal. Osvarado um bestão lá do Livramento, da grotta do Livramento. Leôncio da Silva. Reproduzi retrato de Osvarado. Pra cá do Poconé. Eu achei mais bunito Poconé do que Livramento. Deus que me perdoa. Eu fiquei tão encantado lá na, no Poconé, uma linda catedral que diz que é de Senhora Sant'Ana, mas é vê que tudo dorado. Mas lindo! Lindo mesmo essa catedral de lá! Poconé. A cumadre Jeosepe é de lá. Agora não é mais Jeosepe, Lúcia, Deus deve. Eu queria que ele viesse junto com aquele homem, cara comprido, que tem o retrato dele aí, que é o tar do Nilso Santos. Aí eu quero falar: o Deus deve; ele duró sete ano aqui, né. Oh, mas eu achei muita farta desse padre.

22 anos e meio de casamento.

Esse aqui... eu vendi a chakra que eu tinha lá que eu fez com as minha criança pra pagá a conta do mardito. Ele foi conomí duas veiz com faca, na treis era pra me derrubá na bala, aí como não deu, eu falei pra ele assim: palavra dada, exutado, viu? Pq se a senhora ta pensando que eu sô igual a senhora, eu não sô igual a senhora, meu sangue é de índio. É sangue de troço ruim, é de bicho. Eu falei, ó Eduardo, passo a primeira, a segunda, a terceira, não deu, né, agora eu que vô te linchá. Pru que? (imitou voz masculina) Quatrim quarenta. Vô embora? (imitou novamente). Eu falei: Criança? Senhora mamãe. Se seu pai tivesse ido ontem, nós falava, já tem dois dia que o infeliz saiu daqui. Mas esse homem saiu numa tremedeira de raiva. Arrumação dele com as raparriga dele. As raparriga que mandava me matá. Lucha, sê lembra quando eu andei bebendo pinga dentro

daquela mamédia? Um ano e deis meses. Quase morri. Tudo isso acabo comigo. Agradeço muito são Benedito das cura que me curó. O poder de São Benedito nenhum de nós temo. O que faz a gente é a fé. A senhora tendo uma fé, a senhora apanha qualquer foia aí cozinha, bebe. Pá passar qualquer dor. Já veio aqui e eu não mexo com médico. Tenho um estoque de remédio aí dentro, raiz, foia, carta... eu to esperando uma muié que vem trazê um vinho pra mim colocá o remédio, que é só esse remédio que acaba com aquelas espinha. E a espinha já tá até ... a Regina, ela desceu a ropa eu falei Cruz, credo, Deus pai. Você lembra daquele Vanil de Marinho? Ele não achava namorada que a cara dele era um crivo; eu fiz uma garrafada pra ele...seco até. Depois que ele bebeu o remédio, alisó a cara acabó as espinha, acho muié. Falei pra ele, a hora que acaba esse treco na cara vão achar você bunito, pois ele fico bunito memo.

Eu mudei aqui em 80, aí eu só. Era eu só e os pai dessas criança **(aponta para as netas que estão sentadas próximo a ela)**. O resto já tinha arrumado os homens, raparrigada já tinha arrumado os homes, os machos que eles queria..pro beleléu.

Essa Guia antes de faze essa praça, aqui era um baburro, mato. Você ainda lembra quando roçavam aqui pra faze o trilho da procissão, né? Acabo só lutando pra faze a praça. Fez a praça, limpo, né. Aqui era um carravascá bem feio. Carravascá - era tinha aquele espinha de guá, pedregoso, tudo quanto era porcaria. Roçava o triio, as pessoa usava carçado e a espinha não enfiava no pé. Essa Guia aqui já foi muito bom. Pelas Graças de Nossa Senhora, aqui já foi muito bom. Nós morava pra cá do Tijuco Preto. Tudo o sábado tinha quinzena aqui nessa igreja, de lá nós saia nos escuridão sem lanterna sem nada.

Aqui era bom, nós panhava lenha, vendia fecho de lenha pra comprar as coisa de come e as coisa era mais barato. Agora ta um absurdo. Até o kilo de sal ta 1 real, né.

Eu gosto que gente vem aqui porque passa as horas que a gente nem vê.

Tempo da escola aqui era uma beleza. A escola era ali. Era uma casona, piso de mozaico, Acabaram com tudo. Prof. Manico era muito bom. Também quem sabe lê é só Benedito – Benedito é até médico de raiz. Ele tiro diploma e lloina também.

Marina não sabe lê, Leopoldo não sabe, comadre Benedita não sabe. (...)

5. Dona Marcolina:

(Infância)

Eu gostava de brincar de boneca de sabuco. Naquele tempo não existia assim boneca comprada, aí, eu juntava aquele sabuco já seco, eu brincava mais sozinha pq não tinha criança pra brincar, né. Eu brincava mais só. Aí eu fazia tudo, os vestidinhos, cortava tudo, fazia vestidinho pras bonecas, fazia redinha, marrava assim aquelas redinhas tudo assim nas pernas das bonecas aí arrumava as bonecas dentro da rede pra dormir. Até balançava as bonecas lá. Aí eu apanhava água pra minha vó. Apanhava no corgo. Esse tempo nem vasilha pra apanhar água num tinha era na garrafa. Aí eu descia no corgo com as garrafas, enchia as garrafas e aí bardiava pra minha vó. Nós cozinhamos na panela de barro, feita assim no tapuru com três pedras – tapuru é de pedra, falava tapuru. É três pedras, um pra cá, um pra lá e um pra qui. Aí pra cozinha. Fazia o fogo, apanhava a lenha e fazia o fogo, aí que nós cozinhamos nesses três tapuruzinho. Na panela de barro. Os pratos eram de madeira, é tudo de madeira, não tinha prato comprado, era só de madeira; aí nós ia comia junto c' minha vó. Uma batinha assim, de madeira... Era tipo uma batinha assim redondinha assim, o povo costumava falar gamela, toda de orelha de lado. Nesse que nós comia. Apanhava água nas garrafas, socava o arroz..o arroz era socado no pilão. Era só eu e minha vó que morava. Num barracão..nesse tempo não era assim levantado como é hj, hj não existe mais quase casa levantada de adobe, né? Mas antes, tempo de vovó era assim, era madeira fincada assim. Fincava as travessas assim de lado no chão, aí vinha com aquelas madeiras tudo cortado e ia empinando assim naquelas tudo amarrado e ia empinando assim pra frente e aí as portas tb eram assim só enfiadinhas as madeiras na porta. Tudo montado de madeira...a cobertura de banda era de paia de acure, paia acure, outra vez nós pegava paia de arroz na roça pra tapar tudinho de banda a cobertura tb de cima de paia de acure...acure é quase igual aquele, aquela madeira de coqueiro, mas só que ela é de outro tipo; não é taquara.

Descendo essa rua aqui lá em baixo, tem um pé dele. Ele dá coco, dá cacho. Ele dá cacho de coco. Sei que esse era nosso sistema. Na época de chuva ficava assim mesmo; ele era bem cubertinho assim ao redor das paia; tudo fechadinho, tudo amarradinho de cipó. Meu tio que construía; morava perto...ele que construía pra nós. Num tinha (pé de fruta); era só mato, só mato ao redor.

Esse quando eu morava com outras pessoa já depois que minha vó morreu. Depois que minha vó morreu que passei com outras pessoa, fazia o prantio do arroz, feijão, mandioca, milho. Minha vó já tava com 70 ano, bem velhinha, eu não lembro muito devia ta com 10, 11 ano. Fui pra casa de outra pessoa. Daí acabo a infância...aí num tinha mais tempo de brincar mais, era só serviço. Duas horas da manhã, levantava, ia lava mandioca, ia rala, ou então ia soca a massa pra coá pra quem ia faze a farinha, né?! Bardiava água na cabeça...do corgo. Num brincava mais, num tinha tempo pra nada mais de brincadeira...tinha vontade né, mas não podia, pq eles não dexava.

Eu saí dessa família eu já tava com treze ano, quatorze por aí.. Aí fui pra Cuiabá essa época; aí lá que eu fui trabaiá de criada; peguei uma mão marvada de ruim, ave maria, trabaiava, trabaiava como escrava lá nessa muié. Aí se eu não dava conta, ainda eu apanhava tudo, apanhava o dia que eu não dava conta do serviço. Eu fui pra lá pra trabalha, só que eles eram muito ruim também... aí eu saí deles de trabalha e aí ao invés de melhora a coisa pra mim pioro, né?! Fui fica com uma muié e trabalhava lá como escrava...aí depois eu vim embora pra Guia de novo, pra cá, aí que eu fui conhece ele e que me casei. Aí só foi aumentando as fiarada... Aí veio os fio, aí fui cria esses fio tudo na dificurdade. Aí meu marido faleceu.. tudo pra mim foi difícil. Não tive nada assim fácil, tudo foi difícil. Nada veio de graça pra mim. É que quando a gente vem assim pra passa por alguma coisa, desde já, eu penso assim que desde que nasce já vem sofrido. Cada um acho que passa o que tem que passa...

(Culinária da época)

Ah nessa época...bom, ela gostava muito de fazer aquele...ela cozinhava feijão, aí ela temperava ele já misturado com o arroz, nesse tempo nós chamava Maria Isabel, ou então casadinha, casadinho... é uma comida nordestina.

(Família, casamento, filhos)

Deiisss, dezoito netos, né?! Uma bisneta.

A vovó não era assim de conta muita história...Ela era meio braba assim, não brincava muito com a gente, era séria. Ela não gostava de que ficava conversando com ela, brincando com ela. Era braba!

Todos os filhos trabalhava, todos tem família. Só tem uma que não tem...ela não quer. Porque ela acha muito difícil criação. Assim que, ela fica com medo assim porque acontece muito assim, amiga, então casa, aí enquanto não tem os filhos tá tudo bem, aí quando vem os filhos ela acha que não tá certo, que não tá bom aí separa. Aí fica pai pra lá, o filho fica pra cá com mãe. É isso acontece muito. A primeira vez eu fui casa e a segunda só amigada. Não foi muito tranquilo, brigava muito, ave maria, nós nunca, assim, ele nunca assim concordo com o que eu falava e nem eu com ele...foi um tempo muito difícil, aí foi indo, indo, até que nos separemos. Aí ele morreu, mas eu tava separada, só que eu cuidei dele quando tava doente, cuidei até terminar a vida.

Já chega de experiência...

(comecei a tratar de assuntos diversificados porque a informante não queria falar descontraidamente)

Não criava animal, não criava...Tinha cachorro; a cachorrinha chamava Brioza. Eu lembro quando ela deu cria, aí eu era muito dolente assim, né? – é, tinha muita dor assim – aí ela deu a cria, e ela falou pra mim: você vai jogar todos esses cachorrinho lá no corgo, eu fiquei pensando: meu Deus e agora que eu vou fazer – com dor deles, menina de joga esses cachorrinho pra fora. Aí peguei os cachorrinho, nosso vestido era todo comprido, era tudo na rede, no pé, aí eu peguei os cachorrinho na saia e desci com ele lá pro corgo e aí cheguei lá, peguei um e arrumei dentro da água e ele agarró a nadá, saiu nadando, aí fiquei com dor, falei; coitadinho, ele

vai morrê afogado. Peguei de novo, subi o barranco, aí vim com eles, deixei tudo numa tocera de capim escondido de vovó e a cachorra viu. Não demoro muito a cachorra tava bardiando tudo os bichinho lá no terrero, aí ela fico brava: vc não mandei jogá na água. Falei: vovó, eu joguei tudo e eles nadarum e sairo no seco e aí ela não quis mais joga fora, esperô crescer e aí foi morrendo tudo, acabô. Morreu com fome, a cachorra não dava leite. Aí não mando mais joga pq viu que eu fiquei com dó. Tava tudo com o olinho fechado...pequeninho. Depois ela (a cachorra) fico louca e saiu morre longe, nem vimo ela morta.

Nóis não pescava...

E a sua vida hoje, dona Marcolina, como é?

Óia, pra mim, tá sendo melhor assim, porque agora eu sô uma pessoa assim muito católica, sô muito pessoa da igreja. Antes eu não participava, não tinha né, naquele tempo não tinha igreja, não tinha como participa. Agora depois já de idade que eu vim conhecê a palavra de Deus, que eu vim entende como que a gente tem que vive, como que é a vida, como que a gente tem que respeitar os irmão, sabe tratar os irmão. Agora assim tá bem melhor isso aí; a gente fica em paz, a gente vai na igreja faze oração, a gente vem de lá leve, sente o corpo leve, tranqüilo, fica alegre, né!? Porque assim se a pessoa não tem conhecimento com Deus, não conhece a palavra de Deus, ela não tem muita alegria não pq essas pessoa que vive assim só assim pensando nas coisas do outro mundo e não vê o que o mundo oferece.

(Chegada na Guia...)

Quando vim pra cá eu tava com dezessete, eu cheguei aqui não namorei muito e casei. Guia era pequeninho, tinha mais mato do que casa. Aquela ponte lá é muito antigo, muito antigo. Aquela ponte ali, eu não sei, pq quando eu conheci mesmo a Guia aquela ponte já tinha. Este tempo ela tava acabando aí mandaram arruma ela de novo. São duas coisa que tem aqui na Guia de histórico: essa ponte e essa uma igreja lá embaixo – Nossa Senhora da Guia, descendo lá embaixo, lá em frente à praça. É as mais antiga. Essa ponte e essa igreja. Quem fez eu não, não vô fala pra senhora que eu sei, porque eu não sei. Porque quando eu conheci ela

já tava ali. Já é bem antiga mesmo, bem, bem veia mesmo. Agora ta construindo outra igreja, ta terminando. Bonita!

Quarta e sábado e tem as oração... terça e quinta, é o dia das oração!

(Falando da criança que estava na sala...)

Eles mora lá na fazenda, chega já vem aqui.

6. Dona Luiza de Oliveira:

(Quando cheguei na casa de dona Luiza ela estava sentada na sala da casa que também serve de quarto para o irmão que mora com ela e tem deficiência mental. A casa tem apenas dois cômodos, uma área nos fundos com banheiro pequeno. Dona Luíza é namorada do Sr.Egídio, tem filhos e já passou por outros dois casamentos.)

(Dona Luiza fale-me um pouco de sua vida desde quando era criança...)

Ah, quando eu era criança nós brincava muito pouco porque tinha que ajudar papai e mamãe na lida na roça. Eu cuidava dos meu irmão pequeno também e só quando sobrava tempo é que brincava de boneca feita de sabuco, brincava de burrica, de balançá nas árvore... essas coisa.

Meus fio já brincaram mais que eu, né?! Porque aí nós morava na cidade e tinha mais diversom, mais coisa pra fazê.

Eu cuido desse meu irmão aí desde criança. Esse meu irmão aí é tonto, mas nunca me incomodô. Sempre morô comigo e com meus fio. Pra onde eu vô ele vai comigo.

Casei bem novinha. Meu primero marido num prestava. Gastava todo o dinheiro no cabaré e eu e as criança aqui, em casa, passando necessidade. Ele vinha posá em casa depois de gastá todo o dinheiro no cabaré. Ele ia de carro pra lá e pra cá.

Ele era ladino nos negocio. Ninguém passava a perna.

Um dia tava tão mal que foi pegá o carro e caiu de cara na estrada e morreu.

Ele era tão ruim que um dia ficô com preguiça de levanta de noite e fez aquela poça assim no chão do quarto e pediu pra mim alimpar aquilo, barre tudo... eu não, não fui eu que fiz!

Num chorei porque ele era ruim. Bicho ruim. Só que deposx que morreu fico me incomodando. De madrugada assim eu ouvia umas batida na porta, na parede. Iaabri e num tinha nada.

Aí fui num home aqui que tira essas coisa ruim da gente e da casa e fiz um trabaio lá. Ele pediu pra leva as ropa do falecido que ele ia tira o bicho ruim aqui de casa. Levei tudo e ele fez um trabaio bom. O home é bom mesmo e disse que falo assim: “óia, você sai daquela casa, dexa a muié e as criança em paz que eles tão com medo” e o outro disse assim: “não vô saí porque lá é minha casa.” Aí o home me chamo lá e feiz o trabaio de novo. Ele **(referindo-se ao falecido)** chego e falo: ‘Olha, Luiza, eu já fiz muitas inconsciência. Fiz muita coisa errada, não posso descansar porque fiz muita inconsciência.’ Aí eu falei, ‘e porque você fez tanta inconsciência? Agora caça teu rumo e deixa nós em paz’ o home que era bom que só vendo atropelô o bicho e nunca mais ele veio bate na minha porta.

Deposx disso eu não queria mais mora naquela casa, aí comecei a atropelar meus filho. Atropelo daqui, atropelo dali até que me compraram uma casinha aqui bem na Guia.

Depois que esse morreu veio uns home querendo casá comigo, mas eu não queria não. Meus filho dizia: pára de faze fita, mamãe, a senhora ta sozinha e vai fica aí sem faze nada.

Aí decidi aceitá.

Ele vorto no outro dia com uma carreta pra carrega nossos trem tudo. Veio pronto com a carreta, dois boi, canga...

Ele veio com a carreta e nós fomo bardiando as coisa tudo, as mais leve eu já tinha levado pra outra casa, só fartava as pesada que bardiarmo na carreta, aí eu voltei lá no outro dia só pra busca os trem tudo; peguei a gamela, os tatcho, o pilão.

Ele era rico, tinha muito gado que enchia o curral e ainda sobrava pra fora.

Com esse num deu muito certo e daí vortei pra minha casa. Meus fio já tava tudo grande, todos trabaiando, uns já casado.

Aí falei: agora vô fica sozinha, num quero mais home.

Só que aí chego esse aí **(referindo-se ao Sr.Egídio que estava junto na sala)**. Encontrei ele na rua um dia e procurei da esposa. Ele disse que ela tinha morrido e começo a me sonda... sonda daqui, dali até que conseguiu fazê eu dexá vim aqui em casa.

Um dia ele chegô espiô, espio e deposx falo o que tinha que falá. Me pediu pra casa e eu disse: óia, num quero mais casá, podemo namorá, mas casá não.

E tamo junto até hoje.

Eu tinha uma paixão assim por ele desde novinha, só que ele se mudo pra cá, pra dentro da Guia e eu num vi mais ele, daí fiquei sabendo que já tava casado e fiquei quieta.

Hoje tamo bem ele mora na casa dele c'os fio dele e eu aqui com esse meu irmão tonto que não me incomoda.

Quando ele qué ele vem aqui, fica aqui comigo. Eu vô lá... mas cada um na sua casa.

Meus fio moram tudo aqui pertinho, vem me visita quase todo dia.

Agora eu vivo bem... vivo bem memo!

7. Dona Benedita

(Conversa sobre obras na casa de dona Benedita)

To fazendo um murinho aí p'tampá meus cachorro. A mode de cachorro, cavalo, gado, que anda p'a rua quando vê ta aqui dentro. Tem vez que parece rebanho de gado também, de repente quando vê aquela turma.. esses tempo já entrô. Eu tinha umas tocerinha de cana, umas mandioca, entro o gado home ali e comeu tudo. Não é o tempo inteiro, mas sempre aparece. Cavalo também, tinha até cavalo c'o filho. Vai entrando e fazendo uma limpeza. (...)

(Dona Benedita gostaria que a Sra. me falasse um pouco de sua vida – da sua história)

É eu nasci e criei logo ali, não foi aqui dentro da Guia, mas era logo ali, é parte de Guia. Depois eu mudei, foi lá um lugar, um brequeté pra cá. Não tem aquela caieira ali? Foi pra lá da caieira um pouco, um pouco de tempo. Mas tudo fazendo parte da Guia. Depois que eu mudei pra cá e daí que fico memo aqui dentro. To aqui nem sei quantos anos, mais de 30 anos. Já tava casada, já tinha os filho tudo, aqui não nasceu nenhum, só acabando de cria.

Eu sou a moda porco, até hoje não tenho minha idade certa, não sei. A moda porco, pq acho que porco que não sabe nada, eu acho que sou igual. Porque no nosso tempo não era como agora, no nosso tempo nós era muito simpres, não era simpres, era bobo. Não importava com nada. Criança nascia...nesse tempo, de meus tempos que eu nasci que eu foi criado, a gente ia saber de criança depois que via o filho nascê, ia saber se era menino ou era guri ou o que que era...não era como hoje que hoje do momento nem tão sabendo se ta grávida, desconfia, já vai pro médico, já vai peperecá, lá já vai ficar sabendo. Já vai até escolhê nome que qué e no nosso tempo não era assim, e também depois que tinha, nascia a criança não ia importa de registra, se fosse registra, registrava, se não fosse não era uma coisa assim ... não era como agora que precisa, né, agora é obrigado e naquela tempo não, a gente não trabalhava pra fora, não tinha este quesito. O quesito era crescer um pouquinho assim que é roça, era pra roça, era fiando algodão, era fazendo uma costura, era mexendo com a farinha, serviço de

roça memo, serviço, e assim não precisava de nada, não tinha precisão nem de tá assinando nada, igual gado no campo. Ia vivendo, ia vivendo, ia...algun ainda importava de registra, quem quisesse, pá por num colégio. Era algun que interessava e arrumava filho pra estudar, mas a maioria não tava nem aí, principalmente menina, os pai nessa hora falava que menina não podia estudar porque ia aprender só pra mandar carta, aí, é muito difícil no outro tempo. Do meu tempo é muito difícil quem sabe lê, como eu não sei nada, nada. Era só ocupada na lavoura, sozinho, não era com assim, não era tanta gente, era gente pro sítio, só memo trabalhando. Aí então minha mãe ficou ruim da cabeça e aí eu fui criado com meu pai e minha vó. Era tudo simples memo, parado, não se importava com nada. Eu não sei minha idade. Agora eu sei só porque meus filhos já depois de grande que foi me caçar no cartório pra ver se eu achava registro, não acho. E o pior é que eu não sei se eu não foi registrado ou se já tinha se extraviado. Aí que eles que foram me registra com a idade assim por rumo, não sabe nada também. Aí na minha certidão que eu tô com 87 ano, mas não tenho certeza se é isso ou mais ou menos, ou como que é. Não duvido muito, se eu sou mais novo deve ser pouco, porque eu mesmo lembro de muitas coisas que já passei, passei foi eu mesma, já passei por muita coisa, mas não tenho certeza... eu procuro alguém que pode ser contemporâneo comigo mas não vejo mais ninguém que pode ser. Alguém que podia ser contemporâneo, mas já morreu, já acabou, ou algum se extraviou pro mundo. Eu tenho só um irmão vivo, eu tive dois irmãos, nunca tive irmã, eu sou a mais velha, um já morreu. Mas eu não sei também nem quanto, eu também não sei se ele tem a idade certa, nem sei nem quantos anos que ele tem...igual eu mesmo nem sei se... ele foi criado também com a avó dele memo, com os tios. Minha mãe quando chegou de lá ele já estava variado memo. Ficou variado, eu não sei o que que foi, naquele tempo ninguém nem importava, nem tinha como aprofundar pra ver o que que era, né. Fico doente, foi ficando, ficando, ele ficava assim...tinha dia ela estava melhor, ela começou aí estava junto com meu pai ainda, mas aí ela já começou a ficar infesadinha no rio, lava roupa, depois ela já falava que pegava que via não sei quem é homem de olho vermelho, via não sei quem é jogando pedra...falava aquelas bobagens. Aí meu pai um dia fez um rancho, naquele tempo

fazia rancho na mata grande, na roça, onde fazia roça, fazia rancho da paia (palha) do acurí....era uma casa feita de pau e cubria com a paia do acurí. Aí ele foi e fez esse rancho, boto as paia verde. Aí nesses trem de vez em quando tem coro, ela acho esse caro, apanho ele, já tava com a cabeça variada, ela fez apanhá esse coro, apanho uma paia de milho, embrulho o coro nele, enfio na parede e falo que isso dali era a porca dela. Pois, por ar de não sei o quê, quando é no outro dia, o trem ta com fio memo. O coro pariu, sei lá o que que era, se era alguma coisa, sei lá. E assim ela foi ficando, tinha dia ela tava melhor, tinha dia ela ficava...aí ela pegava e saia de casa. Quando tava bem pegava aquele malão e saía pra casa da mãe dela, aí nós eu era pequeno, tinha outro guri mais piquitito, ela botava ele na cintura e eu acompanhando, andando, ia pra casa, por lá ficava, ficava, de repente, parece que melhorava da cabeça, eu não sei, e voltava pra casa. E nós junto, pq criança acompanha a mãe. Aí foi ficando, ficando, até que um dia não sei o que que arranjó foi meu pai e deu uma surra nela. Aí ela virou um bitcho no tchão. Eu lembro muito bem, ela tinha cabelo comprido, foi já de noite, ela agarrá a nadar assim num pedreral que tinha lá fazendo aquele arranzel, falando, gritando, com o cabelo assim, tudo esgandaiado assim, aí o meu pai parece que fico com medo, veio chamar irmão dela. Aí foro lá, buscarom ela e ela veio embora e aí que apartei. Aí eu fiquei tb com ela assim, mas aí minha vó, outra vó que era, que morava perto, eu ficava lá com ele na casa lá junto com meu tio que morava assim no fundo do terrero, porque terrero com terrero, aí eu ficava lá com meu tio, quando foi no outro dia as criança dessa minha tia com meu tio, foi lá na casa de minha vó, era perto, não era longe; aí quando minha tia que era mãe dessas criança se foi, porque criança é besta memo, gosta de ta reunido, igual uma coisa, onde um ta o outro ta. Eu atcho que é porque minha tia via aquele, tudo era pobre, era cuidar os filho dele inda eu também ali djunto. Aí eu acompanhei as criança dele e se foram lá na minha vó. Quando a muié viu que eu foi, aí mando outra fia deles depressa lá pra falar pra mim que não viesse mais que ficasse lá com minha vó que era do meu pai. Eu gente besta de uma vez, criança que não sei o que que entende. Não é como hj, hoje a gente é ladino, né?! Naquele tempo era tudo bobo. Aí quando nós já vinha

embora, encontró com a outra que foi pra falá que não era mais pra vim, o que que eu fez, em vez de eu não importá vim embora pra onde tava minha mãe, não, fui ficá lá pra casa da minha vó, onde era do meu pai, sei que minha mãe ando ainda, ando, ando, foi me traze, mas eu fiquei lá não vortei mais. E ela assim variada, tinha dia que ia pro mato e fico que ela não vestia mais quase ropa. Só vestia, embrulhava com um pano por aqui, com uma cobertera veia, uma trapera, já ficando sem roupa. Um hora sai p'o cerrado falando sozinho, jogando pedra, uma hora brada, outra hora fervia, assim foi ficando, ficando, ficando, variada, variada. Daí foi indo, indo, daí teve esse irmão meu que ainda ta vivo, já variada, quem cuidava era os pai, a mãe dela que vivia com a outra irmão, que era tudo junto. Esse guri que era meu irmão que já tava andando, aí ela foi embora lá p'um lugar chamado Carioca, Iguaçu, e eu fiquei ali ainda com meu pai, c'minha vó. E daí, nós ia pro mato grandio, pra lá da Caiera, na roça, aí foi indo, foi indo, até que eu casei pra c'a gente do Machado pra lá. Tinha notícias dele. Tinha dia ela tava melhor ela ta fazia as coisa, mas tinha dia que ela tava brabo, aí saía pro mato, tudo sem a ropa, só embrulhado com os trapo. Uma hora ela braçava, outra hora frevia, falava, foi indo, indo, até que ela morreu...mudarom lá pra Cuiabá e ela morreu pra lá.

É Deus que me dá força, caso contrário, pelo tanto que passei, pelo tanto sofrimento que já passei, acho que não chegou o dia de dá conta, ainda to por aqui.

Toda a vida, todo mundo era só de roça. Prantava tudo quanto era coisa, era milho, rama, arroz, feidjão, e semente de melancia, abobra, só não mexia assim com hortaliça, verdura. O resto era tudo, era fazê farinha. Cana, moe, fazê rapadura.

Como fazia a farinha? Ainda lembro... Se achá uma mandioca ainda sei fazê...é que eu não güento.

Descasca, pela ele, torrava, e era no ralo, não é como agora que esses povo mexe com o catitu, um negócio que é igual liquidificador, era no ralo, pra ralá ele aí tem um pipiti, aí tem uma prensa assim...pipiti pra secá a massa, pra fazê a

farinha. Relá a massa e enche esse pipiti. Era um negócio assim feito dessa grossura (*aponta para o pilar da varanda*), feito de umbunda do mato que a gente faz, aí faz um chacazinho assim, tiotieia a boca dele e p'enchê de massa. Aí tem uma prensa, um pau, igual furado como esse aí uma maderá, né?! (*aponta novamente para o pilar*), aí faz um buraco nele e arruma outro pau de gancho e põe esse pipiti, põe ele e vai tocando umas pocá, uns estouro assim nesse varão, pra fazê tiro, pra escorre a água, uma prensa memo quando vê que já tá seco, vai com essa massa pro pilão, tira, bota no pilão, soca, côa, e aí vai torra. Tem o forno, um negócio de forno, era um forno feito de terra, barro, naquele tempo fazia forno de barro. Aí tem a fornalha, assenta aí, p'tocá lenha nele, p'torrá, p'fazê a farinha. Eu que não presto mais, num güento, mas ainda sei mexê com tudo esses trem de roça.

(Infância)

Ah, as veiz sobrava, mas não tinha maior brincadera, brincava era com esses trem, ou então com o fuso, ia fiá argodão, essa que era a brincadera. Só de vez em quando achava algum companheiro, companherinha, mas tudo era assim memo, não tinha maior brincadeira, aí, criança guri que as veiz ia brincando que ainda não prestava p'tá trabaiaando, que ia brincá, ia fazê curralzinho de pau, apanhá imbiruçu no mato, ou uma fruita que era ingual imbiruçu, p'fazê perninha nele, tchifre, diz que era boi, ponhava dentro do curral; quando tava fazendo milho que já tava seco, que a gente ia faze milho pra vende, tinha o sabuco, aí ia faze casinha c'o sabuco, diz que era casa. Esses era os brinquedo que brincava nesses tempo, tudo da terra, não tinha negócio de boneca essas coisera que tem agora.

Era tudo só da roça. (*depois de casada*) Muito tempo, muito tempo na roça. Na mesma pranta. Hoje em dia tem tanta coisa, muita finesa, mas nesses tempo era tudo trem simpres, acho que era mais melhor pra gente comê. Tudo natural. Não tinha nada que vinha envenenado, que vinha c'essas coisa. Agora até pra prantá, tudo as coisa que vai prantá tem que tacá veneno; nesses tempo não, a gente prantava memo as coisa, era milho, arroz, feijão, tudo sadio, sem nada, aí a gente

coia ele sem..., sadio, era...hoje num sabe o que ta comendo, diz que é tudo conservado, uma vida hidgiênica, mas parece que não dá mais valor a nada, não sei, eu memo ainda to incutido que as coisa na vida, naquele tempo era mais gostoso. Hoje põe não sei se é eu que já perdeu o tato da boca das coisas, pq desde leite de gado, no nosso tempo era mais gostoso, agora a gente vai comê um leite, mas ta sem graça, me representa que podem água nele, não sei o que que arruma que você não acha mais um leite gostoso. Comida, vai faiz uma comida não tem mais gosto como era no oto tempo; no nosso tempo parece que a gente comia um arroz temperado tava gostoso. Hoje a gente tempera, bota as coisa, mistura, mas num vê que ta gostoso. Eu pra mim não acho mais nada gostoso.

Ah, eu comia coisa simpre, porque no meu tempo não tinha essas coisera como é agora, né? A gente nem sabia fazê, como agora que sabe faze tanta coisa. Não sei fazê nada, porque no meu tempo era somente fazê arroz, feijão, uma carne com a mandioca, uma carne assim sozinho, um petxe, uma coisa, mas tudo simpres mesmo, mas hoje não, a gente faz tanta coisa, tanta comida, quem sabe fazê tem tanta coisa, tanto bolo, tanto negócio; eu não sei fazê nada.

(sobre o ofício de tecer)

Esse daí eu sei só que agora eu não faço mais, pq já não dô mais conta de fazê. Eu aprendi quase só olhando os oto fazê, tem o teiar p'fazê rede. Tem o teiar que eu fazia rede, agora eu não faço pq não dou mais conta de tecê, mas eu sei ainda como se faz....

(conversa sobre os tapetes que ela faz)

Faço devagá, devagá, pra mim só empeiá tempo, encurtá dia... eu não güento ficá o dia intero só sentado, pensando, maquinando as coisa. Aí eu vô ali, encurto o tempo...

O teiar ta aqui, só não o varão próprio dele, pq ficava muito grande. Eu uso só pra fazê tapete...

Esse aqui é só pra eu aproveita as tirinha, não é bem um teiar, mas uso só pra escorar, não é um tear próprio. Aquele é muito grande aí eu invetei esse para fazê os tapete....

8. Dona Augustinha:

(Infância e vida)

Nóis era do sítio, aí nóis tinha a casa e tacaram fogo na nossa casa aí a gente nóis viemo pra cá, nóis queria tá no sítio, mas tombaram o lugar. Meu pai tinha terreno e desse terreno rumô um pra ficá como herdeiro quando ele morresse e ele fizeram favor de perdê terreno nosso pra otro e queria que nóis saísse tudo daí tacaram fogo na casa. E ela era de sapé, nóis era pobre. Nóis fomo se ajudando, um dá uma coisa, outro dá outra. Era de barrote, barriado, do barro, fazia com umas maderá, aí já ficava co capim, spé, nesse tempo era só de sapé, capim, paia de acuri. O marido meu ele trançava a paia, ficava bem trançadinha, aí então deu formiga na foia(...) mas sofria como sofria. (...) Perdemo tudo, tudo. Eu tava junto co meu marido, co as crianças. Cipriano Neves da Conceição, meu pai era Antônio João do Espirito Santo, Joaquina Neve da Cunha. Minha mãe já morreu, meu pai já morreu, meu marido já morreu, não tenho filho, não tenho mais ninguém, só prima, irmã, primo-irmão, sobrinho. (risos) Tenho nove filhos, só menina. Tem bisneto. Tem uma fia que tem treis homi, num tem uma fia. Tem outra fia minha que tem uma fia e dois homi. Tem um que tem uma fia e quatro guri. Esse daqui é neto, esse daqui é da fia caçula. Minha vida é trabaiá na roça, nóis fazia prantação de mantimento pra verdura, abroba, nóis prantava arroiz, mio, fedião, prantava babosera, verdura.

Morava no sítio, **(os pais)** tudo era lavradô, da própria terra do finado meu pai, eu fiquei sem um canto do lugar, o resto das irmã inda tem o marido que tem dieito de pagá pelo meno aonde eles ficaro, nóis fiquemo só co a ropa do corpo, fiquemo sem nada. Aí que comecemo aqui de novo. Nóis fazia boneca de pano, bonequinho de sabugo, panhava ibinhusu, fazia (..) então nóis brincava por aí, criança de agora num sabe mais nem sabê brincá. O dia que num tinha que i pra

roça. Também lá era difícil, num tinha escola, eu num sei nem assiná meu nome, porque lá era longe num tinha escola. Adispois que eu saí de casa, aí arrumaram escola por lá por perto, aí eles estudaram, mas eu fiquei sem estudá. Nós cortava fazia igual essas boneca que tem aí, nós fazia, cortava ele, costurava, virava ele, virava na direita e enfiava algodão, trapinho, aí fazia que era os fio. Nós brincava de boneca, mas era só meninada, sobrinhada, nós gostava de brincá no galpãozinho, nós limpava tudo, ficava limpinho, cada chegava com um brinquedinho, às veiz nós passava o dia, domingo, sábado. Primeiro eu socava arroiz, panhava água, panhava lenha, dava pra mamãe, se mandava e ia brincà co as criança lá pro mato. Nós panhava no rio, no corgo, num era muito pertinho não, trazia na cabeça no latão. Mamãe e papai ia pra banda da serra pra lá durava treis dia pra i pra se assuntá do barro do certo, aí papai ia pro (...) tirá o barro molhado, aquele barro preto, aí até secar. Aí o que que fazia? Ai ia pro mato tira as lasca pra queimá pra fazer as cinza, aí pra socá o barro, pra misturá pra (...) mamãe fazia forma pra torrâ farinha, fazia potinho, fazia cuscuzeiro, fazia panela tudo de barro. Fazia pratinho. Nesse tempo não usava nem fogão, como agora usa fazê fogãozinho, era no tucuru, de pedra. Se virava, ia pra roça fazia comida pra lá. Eu era, tinha duas irmã mais veia e um irmão também. Nós somo sete irmã e um irmão. Um irmão té ta aqui, bem ali assim, a irmã mais veia ta doente. A irmã mais veia de tudo é essa. Nós fomo lá busquemo ela e dexemo aqui, porque ele tem um fio, mas o fio coitado ele num guenta andá mais, fazê serviço. Ah ai olha eu memo num sei a idade dela, ela é mais veia de tudo. É Benedita, aí a Joana, que mora em Cuiabá e o irmão que chama Egídio que mora na Guaçu, aí que é eu. Daí tem cumadre (..), uma que morreu, aí tem a que mora lá assim (...). Oia, eu inté num lembro quanto, quase nessa idade. Ele morava lá perto, ele sempre ia lá em casa. Mas sabe que foi um namoro assim de relampio, porque eu namorava, mas papai e mamãe num queria, eu ia lá, ele mandava nós i lá comprá leite, aí nós lá, aí quando foi um dia um cunhado meu tratô ele pra me arrobá, aí ele foi lá e me arrobô. Eles acharam ruim, mas dipois se conformaram. Eu já sabia. Nem a fia mais veia num sabe. Graças a Deus. Tem nove anos que ele morreu. Nós vivia bem, só que ele era muito mulherengo. Aí ele tava nesse cutipá (cabaré) ali perto

da caixa d'água, fulia, ele saiu daqui, largô aqui, uma mulher matô otra, aí ele foi morá no mato, ele foi ficando doente, doente, eu tinha tanto amor nele assim mesmo. Oia disso daí eu num to bem, bem a parte. O que ele contava era carso, mas agora nem lembro mais, nós sentava assim. Ele vinha no tempo de criança dele, não aqui era tudo, bem ali, e também só agora que ta aumentando aqui.

Mas a gente ta pagando luiz vixe maria, agora tem vez que não tem dinheiro pra ir lá e como que não paga? Mas o dinheiro é poco, às vez nós faiz umas comprinha, tem que come, paga a luiz, paga a água, tem vez a luiz vem caro, a água também vem caro, nós tem que come.

(Família, casamento, filhos)

Os filhos vive a redor. (...) Olha, pra mim inté não foi tanto, porque nós fazia a roça, prantava, o que nós colhia tinha o que come. Agora o negócio se caro, isso que é mais difícil, porque nós num tinha dinheiro pra compra otras coisa também. Pra mim não foi tão difícil.(...)e num tem trabaio de cuidá fio, se qué fazer tem que cuidá, não qué cuidá. Só pra aproveita a coisa, faz o fio e corre, num quer sabe de tratá de fio, qué só aproveita o mio da vida. Eu to satisfeita com a vida. O que eu como eles também comem, eu colho o que dá. Eu so (católica), aqui primeiro é Nossa Senhora, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião e lá é São Benedito. (...) Tem um irmão meu que tá, ele era católico, e ele passou pro outro lado, agora ele quer, tá doido pra nós passar do lado dele, eu não conformo com isso, briguei com ele. Ele “Tinha vem aqui (...)” aí eu troco de conversa pra ele não vim me atrapaiá, porque eu não atrapalho a religião dele e não pode me atrapaia também. Ele que (...) ele dum lado eu do outro e não tem mal também. Agora ele disse que não era (...) pra eu passar e eu não quero memo, ele ia vim aqui pra conversar comigo pra nós, pra mim passar do lado dele, (...) que nenhuma das minhas irmã não quer passar do lado dele, por que que (...)? Agora ele quer que nós (...) a fé falhar, num vai também. Complicado. Agora se ele tá, se é mió pra ele, que segue a religião dele e eu fico na minha. Seu Gregório ele é (...), agora ele não ta mais tirando reza, eles tira a reza pro Santo, aí então, eles tira a reza e aquela gente (...) responde a reza. Cada Santo tem a sua oração da reza. De

Nossa Senhora a Ave Maria cantada é bonita. Mas só que esse Manoel Gregório não sabe tirá (...) cantada e nem Aparecida, aí o cumpadre (...) que é meu cunhado, casado com minha irmã, ele tira a reza de Nossa Senhora cantada e é bonita. Aqui é costume de rezar. As ladainhas, aí conforme tem(...) cantador pra canta o cururu, aí é o baile e daí vai passando a noite. (...) nós peguemo a minha violinha de cotcho (...) ficava muito tchato, aí ele tinha a violinha de cotcho, ele era cantadô de cururu e nós sempre ia lá, aí então ele apanhava a viola e nós fazia a dianta cedo aí nós ia sentar aqui na frente, ele ponho a viola e ia tocando aí, daqui a poco ia tchegando diente, tchegando diente, tchegando diente, (...) mas ficava assim de diente dançava, dançava aí e era umas hora da noite aí iam tudo embora. Aí quando tchegava dizia: oh sábado pode i previnido que nois ta aqui de novo. Aí nós fazia, comprava leite, comprava vinho, colhia licor. Comprava o leite, comprava a pinga, aí fervia o leite, põe o açúcar, põe canela, aí deixa ele, esfria malemá e põe a pinga e vai mexendo até dó o ponto se fica fraco se fica forte tem que ergue a tampa também. Nós matava galinha, fazia com arroz. (...) Fazia licor de leite. Aí às vez fazia licor de foia de lima, cozinhava a foia da lima, bastante, aí tirava a foia, aí (...) com açúcar, aí tomava (...). Nós tirava de jatobá, nós tirava (...) de jatobá do mato, aí torava bem ele, cozinhava bem ele, aí tirava ele, coava ele, aí apurava ele com açúcar, aí pra fazer o licor. Ele até pra machucadura ele era bom. (antigamente) Era só remédio, porque num tinha negócio de posto. Eu vivo melhor com remédio do mato, mas não do posto, sabe que eu não gosto de posto. Ah eu fazia remédio assim, remédio do mato. Ah eu ponhava era aquele com água de poço, vai leite aí ponhava aquele remédinho do campo pra nós fazê queimadinha pra tomá. Rustinha (...) de flor vermeia, daí é a Rustinha. Rustinha é tudo foia, esse é bom pra tosse. Aí nós juntava bem aqueles remédio pra fazê queimado, raspava ele e torrava ele, aí arrumava água pra fervê, que torrava bem pra bebê. É bom até pra pele do corpo. Quando queria arrumá pinga, arrumava, quando não tem arrumava água.

Sr.Angélico e Egídio:

(Procurava pelo Sr.Egídio na sua casa quando encontrei também o Sr.Angélico. Amigos inseparáveis desde criança, Sr. Egídio e Sr.Angélico participaram juntos da entrevista. Mesmo eu mostrando a importância de conversar em separado com cada um deles para poder registrar melhor as histórias de suas vidas, os cantadores de *cururu* se mostravam mais à vontade quando falavam juntos e relembavam as histórias de criança, misturando um pouco de música de cururu à conversa.)

9. Sr.Angélico:

Na infância era cururu, era baile, nós tocava era de sanfona, nós trabalhava de lavoura, limpava mato, queimava, aí nós ia prantá. De brincadeira era só cururu. Cururu é muito pouco, porque hoje em dia ninguém que aprendê. Agora, eu no meu tempo queria aprende tudo do cururu e também brincava no cerrado, no mato que os pai prantava.

Moro c'minha fia, ela já aprendeu muita coisa, porque as veiz aí a mulhé num que aprende essas cantoria de cururu, mas é bunito.

Pra mim cantoria de tudo djeito é bunita, nós temo aí caderno só de cantoria bonita.

Eu tive um problema de saúde e daí fico queto, mas também não tem ninguém que me compreende más, só esse daqui que me compreende certas coisa, porque num consigo falá tão alto. Mas quando vamo cantá djunto, quero vê, nem sabe o que to cantano, porque o mais novo num sabe, num aprendeu o que eu aprendi quando era criança. Os mais veio fica escutando atento, mas os mais novo nem entende.

Eu casei lá no cerrado com uma muié fia de uns vizinho de meu pai. Tinha terra, fazia farinha no caititu e vendia tamém. Era farinha da boa, muita gente comprava farinha de meu pai.

Depos que casei me mudei pra cá pra dentro da Guia memo e aqui fiquei trabaiaando num serviço e outro e cantando cururu quando dava o quando as pessoa pedia.

Tive um monte de fio, mas só minha fia quis me cuida depos que minha muié morreu. Os outro sumiro tudo e eu fui mora com ela. Moro no fundo da casa dela, tem um cantinho lá pra mim. Ela me trata bem, cuida bem de mim, mas num é como a casa da dgente porque num tem aquela liberdade de faze as coisa que a dgente gosta, né?! De saí e vortá a hora que qué, de come quando qué... essas coisarada. Mas minha fia me cuida bem, ela mora aqui pra cima, pras banda da casa da Luisa – namorada desse aí **(risos)**.

Eu num tenho muita história pra conta porque minha vida sempre foi assim: cantava cururu quando era criança, trabaiaava na lavora com meus pai, fazia farinha e depos que mudei pra cá continuei trabaiaando aqui e ali para cria a família.

Egídio é meu amigo desde menino. Sempre fiquemo djunto cantando cururu e fazendo festa pelos lugar da Guia.

10. Sr.Egídio

Eu trabaiaava em roça e cantava cururu. Nós era em cinco irmão, tudo homi, treis mulher. Dois irmão, cururu treis que cantava, agora um num canta mais, parou de cantar e o outro irmão morreu. Ficou eu e mais treis.(...) Morava no sítio, **(os pais)** era lavradô, prantava tudo, prantava arroz, prantava fejdão, prantava milho, cana, banana, tudo eles prantava, fazia até pinga meu bisavô. Trabaiaá no sítio (...) agora diz que tá fáci, mas num ta não, sente vergonha. Esse daqui foi eu que ensinei **(referindo-se ao neto que está sentado na sala durante a conversa)**

Esse aí é meu caderno de canto, minha fia escreve, mas a maior parte é cantadô veio que tirava pra mim, esses cantadô já morreu quase tudo. Eu sabia tudo de cor, aí a muié que casô comigo me atrapaiô porque num gostava que eu saísse por aí pra cantá cururu.

Era assim: nós pegava o mastro com a figura do santo e saia pelas casa fazendo a cantoria.

Mastro é uma maderá que tinha no mato e a figura do santo do dia é a bandeira e coloca no mastro canta aí suspende ele, depois canta e desce ele de novo.

(neste momento Sr.Egídio interrompe a conversa para cantar um cântico sacro)

Eu num posso mais ficar andando por aí pra cantá. Se as pessoa qué a gente vai no lugar e canta, mas num dá más pra faze como fazia naqueles tempo que saia pelas rua rezando e cantando. Antigamente era viola de cotcho memo, quando num tinha a sanfona. Nesse tempo baile era baum. Quando fazia as festa de sábadó pra domingo, dia de festa de cantá o cururu aí falava assim: “criança, agora ceis vaum pra casa”, daí fazia a barba, de tarde vinha, aí nós ia pra festa, daqui a poco era noite, daí depois que almoçava panelão de carne desse tamanho, carne, fejdão, arroz, de tudo e a noite inteira. Meu pai fazia festa, matava boi, matava frango, fazia panelada de carne de porco, carne de ovelha, doce em panela de barro. Fejdão, arroz tudo em panela de barro.

Aqui dentro da Guia tem 42 que moro, masx nós viajemo muito tempo cantando e imolando os santo. Nós levamo alimento, dinheiro, tudo as coisa, tudo as coisa, nesse tempo era baum; nós saia assim era moçada e muiezada acompanhava nós porque nós cantava bunito pra desgrava. Moçada gostava. Eu vim por causa que eu fiquei doente, foi quatro ano sem trabaiá. Ai a muié minha pego uma doença braba e morando no sítio fica longe pra vim de a pé daqui, aí eu fiquei com dó dela, daí comprei essa casa aqui. Disse pra ela assim: o dote que teu pai te deu vamo gasta tudo com a tua doença. Levamo quatro ano lutando, tirei dinheiro do banco comprei essa casa. Eu que criei. tanto fio, morreu cinco, criei sete, só fia bonita. Aí fico uma fia (...) Aí então eu mudei pra lá, numa casinha (...) aí ela num queria que fizesse e eu que ajudei a fazer aquela casa, comprei maderá, comprei tudinho. Nós botava mandioca, descascava com faca, ralava no ralo de mão, o ralo num tem furá co a faca (...), aí pega aqui quebra a mandioca, aí secava, socava no pilão, coava e aí torrava, vendia farinha boa.

Nóis secava mandioca, uma coava o otro cascava ele, relava a base de caititu. Caititu é igual uma máquina, ele é o ralinho furadinho assim, aí então que tinha a manivela e abre ele assim. Meu pai fico c'a mão cotoco.

Nóis fazia muita farinha, lá nóis fazia tudo (...) levava em Cuiabá, foi criado na farinha, sabe fazer quarqué hora. Meu bisavô fazia pinga, tudo feito manual.

Olhá io eu namorava (...) aí tinha um homi que era padrinho dela (....) ele casou e mudou pra lá daqui 22 km que ele morava ou até 26, aí a moça fico a fia, tava co 12 ano aí daqui eles mudaram pra lá. Lá fazia muita festa de quinzena, tinha Sta Cruz, ela foi, chego lá e já me viu. Eu vo canta esse tango (...) eu num conhecia direito ela, aí na casa de papai tinha uma festa, papai era homi rico, tinha tudo as coisa, baum minha namorada foi lá também, aí ela tiro eu pra dançá, aí fomo dançá, ela falo assim você num qué me namorá, eu num dei a resposta, fiquei queto, aí paremo e fico segurando minha mão, pediu em namoro aí eu fiquei queto, eu num queria devido eu num conhecia direito ela, num fomo criado junto, quando foi notro baile ela falo assim: você decidiu sim, aí dei o sim meio sem graça, falei sim, só disse, ninguém tomo memo (...) io festava, ia pros bau (...) tava com 18 ano, ia pra toda parte cantá o cururu. Ela já tava noiva e desmarcô co otro, aí falo assim pro cunhado, io vo desmarcá o casamento, então vai, (...) que é conhecido, é um homi que sabe criá a famia e tem djeito, ela fico, aí nesse ano que era pra eu casá, era 49 (..) io falei: “num vo casá por eu num tenho mantimento”, aí o homi foi lá em casa de papai, i eu num posso fazê o casamento, porque nóis num coieu mantimento, ninguém coieu nada, aí o homi: “tabão”, aí, bão, passo esse ano, quando foi otro ano eu rocei e coií o mantimento, e eu já tinha casa, papai, nóis cantava cururu jdunto, ele falo assim: “mas meu fio, você tem vontade de casá meu fio?” eu falei: “io tenho papai, i eu num quero saí daqui sozinho, ieu quero levá minha muié”(....) aí a casa eu até aluguei prum tio meu que morava (...). Quando foi em 50 é que eu casei e ela do dia primeiro, caso dia 30, não sei como Deus, tudo assim, nasci dia primeiro, casei dia 30. Vivi 51 anos co a muié daí. Ela faleceu, primeiro bateu um tar do, como que cthamava doença de muié? Daí luto daqui e dali, tirava água da barriga dela, aí inté que jdá tava quase boa, mas (...), e eu vo pra lá, aí eu ta bom, arrumava a malinha dela e levava, aí

quando foi(...) amanhã tu vai lá buscá ele, dá banho nele, pentia cabelo dele, parece que tava adivinhando que ia morrê. Aí quando foi otro dia, foi lá, conversamo lá e comemo um pãozinho, mas eu to até desconfiado com ela, gorda, aí eu peguei a malinha, (...) era sangue, rebentô a veia, ela tinha uma veia grossa. Aí vim morá pra cá, ninguém me avisava, sem pudê nada disso, cortô por lá veio o fio de lá de cadera e ela já tinha ido cotra fia pra cidade. Papai, mamãe (...) mas é mentira, pus eu vim de lá agora, aí chego o homi que trabaia lá perto e falo assim: (...) aí eu fiquei (...) um ano, aqui só pensano, aí eu falava: “vo arrumá uma muié” (...) essa muié que eu conheci (...) bem moreninha, e essa ela arrumô num sei quantos marido, tudo marido morreu, morreu de (...), volto pro lugar dela, volto pra cidade, ninguém falava nada pra mim, um dia encontremo ali na rua, ela desde criança gostava de mim, nós conversava, conversava, eu passava, eu passava, conversemo treis veiz só, aí numa festa aqui, ela veio, aí nós conversemo, ainda queria assim a muié (...) eu falei eu vo casá, mas num falei pra ninguém. Ninguém sabia da intenção (...) aí não sabia pra onde eu ia, aí foi lá andei, andei menina, num descobri onde era a casa dessa muié, vortei era de noite. Quando foi notro fim de semana io vo otra veiz, mas não contava pra ninguém, nem me preguntava também. Aí esse dia (...) criança tchorando, (...) a casa era diassim (...) que era muro, porque lá é só muro e na frente é um (...) dessa artura, aí falo você qué i lá, falei quero, meu compadre (...) era sozinho, aí fico alegre (...) botô um banco lá fora aí sentemo, (...) vamo lá pra dentro, aí foi, lá dentro eu falei pra ela: você qué morá comigo? “ah eu quero”. Não me dispensô. E ele dispensava todo mundo que ia falá co ela, mandava virá pra trás. Nem lá do baú, lá do baú (...) e comigo não. Eu falei pra ela: e eu quero. Um homi igual (...) eu quero. Aí eu vo pra lá, (...) eu aprendi uma oração, essa oração (...) fazê minha oração, eu pedi pra Deus (...) de lá daquele trevo lá, lá teve dos (...) mas ela tem medo d'eu saí de lá assim de noite. Aí foi um dia de tarde lá(..) caí no lugar, ela quase morreu de medo, aí ele chamo o vizinho (...) manda “seu fio ta ali, manda tchamá a gdente dele que ele ta aqui ruim” (...) foi lá co carro, o caçula me carrego no carro e troxe e ficô comigo na cidade, mas eu, oia, só co uma perna, (...) ainda num saro ainda. Eu ando veio.(...) ela foi comigo pra cidade (...) demáx. Eu já sofri,

mas criei minha família tudo. Eu tenho aqui coberto, eu tenho cama eu não me irrita de pagar (...) que mandaram pra mim sem eu pedir. (...) toco uma viola (...).

11. Dona Erotide:

A Igreja tá ficando bonita, a inauguração vai se mês de agosto era pra dá dez reais e eu num dei, pra comprar um banco da turma que reza a novena da Santa era pra cada um dá 14 reais, então era pra cada um de nós reuni. Tudo ajudado, fizeram mutirão, tem que ter união, cada um dê coisa, a pessoa que pede perdão e não perdoa, não é perdoado. Eu já trabalhei bastante. O terreno é grande, aí barrei, limpei, queimei ontem, cada dia eu barro um pouco. Aí a nora traz bastante roupa (...) vem duas vezes por semana, quarta e sábado. Bem aí tem um vizinho meu, essa netinha minha pega as ropinha dela e estende tudo lá, ele chega e se tem lixo ali ele taca fogo fica tcherando e eu não faço isso, eu ensaquei tudinho, tudo lá no campo amontoado. Eu respeito, porque eu sei que fica fedendo a roupa com a fumaça, aí eu num faço, mas outro faz, num pode falar nada. (..) agora mesmo tem que arrumar aí, vai juntar tudinho no saco, aí o lixo passa. (..) vai pra tudo as partes a fumaça, fica aquela quentura, abafado, igual cigarro, quem fuma num tá nem aí, agora pra quem num fuma.

Nasceu, criou aqui. Minha mãe que era do Rosário, nasceu no Rosário, criou na (...) aí que ela mudou pra cá. Uma irmã dela que mudou pra cá, aí buscou mãe dela, o marido dela morreu, da vovó, aí ficou a vovó sozinha e com ela né. Aí como era duas, aí a mamãe ficou com a mãe dela, a vovó. E aí foi e arrumou um marido, né (...) Ela tinha uma filha, era treze. Ela começou falar, aí a mãe foi chingô, vovó bateu na boca dela., ficou muda, nunca mais falou, aí ela ficou doente e morreu. (...) aí morreu ela. Eu num conheci nenhuma, porque quando mamãe veio que vovó morreu, eu tava de treze meses na barriga, tava grávida. Aí eu num conheci a vó nem de lado de pai nem de mãe, nenhum dox dox. Acho bonitinho vovó, vovó, mas eu nunca conheci a sua vó (...) gosto de conhecê porque morreu.

(Infância)

Brincava, aí ficô maior já trabalhava né. (...) sozinho, porque papai morava separado, só quando ia na casa assim que mamãe que levava nós, do contrário era só nós memo em casa, vizinho mais perto que tinha era longinho, daí ela levava nós. Brincava de boneca, de casinha, fazia boneca de sabuco, de (...) co sabuco, aí marrava a (...)fazia a ropinha pra aprendê a coxturná, cortá ropinha, aí nós fazia, porque num tinha boneca, depois foi aparecendo. Balanço, senta dox, um pra lá, outro pra cá aí vai rodeando, aí se um caí o outro cai porque ele fica rodeando, burrica. Eram os maior, né, era mais grande aí inventavam, era pra nós brincá, e quando vinha aquela turma e companherada, aí falava: "vamo brincá", aí ia brincá, fazê comidinha, fazia casa, fazia as panelinha de lata de sardinha, porque num tinha pra brincá, né. Tempo bom. Tinha companherada, moçada. Mamãe levava nós, madrinha que era irmã de mamãe, pegava (...) trex fexta (...) papai quando ele num ia detxava mamãe levá nóx e ela ficava jdunto, dançava um pouco e ia embora, dançá o siriri, e eu óio na televisão dançando bunito as criançada, mas dança certo, que coisa bonita, dá sodade (...) aí pra dançá o siriri, tem muitos que já morreram. Essa escola que tem aí, que faiz festa também, essa daí é boa pra ensiná, minha prima, só ela é boa pra ensiná. Aí as criança aprende no colégio a dança, daí eles se apresenta. É bonito e eu gosto, eu dancei bastante siriri. Papai trabaiava cum roça, tinha lugar pra fazê, porque num era nosso memo, é que morava assim, aí fazia, papai depox que passo de todo mundo, cada fex seux pedaço né. Mamãe ficava em casa, aí ela fazia (...) também, aí ela pegô (...) no colégio, aí ela mudô pra cá e eu fiquei pra lá. Aí mudemo pra cá. As casa era de sapé, rancava aquele capim, aí faiz a casa e cubre de sapé, aí ripa ele, põe o caibro, nesse tempo era tudo de pau, depois que foi de tábuas que era de pau memo, mas era de madeira, aí depox que mudemo pra cá. Antes de mudá de lá, veio rumô tudo, uma casa pra lá, esse era da minha tia, aí o gdenro foi trabaiá pra Itaupu pegô vendeu naquele tempo baratinho. Aí deu um pedaço pra ela, aí ela ficô viuva o marido morreu. É minha fia mais veia. Casei cum 19 ano, casei na Igreja, casei no católico. Aqui é grande, num sei nem quantox metro, tá no meu nome. O marido morreu, sobrinha minha que chama Maria falô assim: "antes de passá no nome da senhora, a senhora passa", aí ta mexendo né, aí já foi, veio o

papel e eu assinei, aí foi lá e disse que num tinha vindo ainda. Ta tudo organizado, foi tudo medido. Sempre um qué te mais do que otro. (sobre o filho festeiro) Ele tá ajudando, solta a bandeira, tira as mola, aí tchega a hora tem que te um pra ajudá, a muié dele é uma veinha, num é bem certa, aí ele tá ajudando e ele mora ali numa barraquinha, num tem nem energia. Aí vai te fexta, vai te o leilão, um bailinho, esse menino vem tocá aqui piano, aí vai trazê os instrumento dele pra tocá um bucadinho, pra ajudá né. Aí faiz o leilão, pega alguma coisa fiado aí ele paga né, porque num é tudo que dá, os tempero, essax coisa tem que (...) Maria, minha sobrinha memo, já deu cenora, deu mandioca, dá óleo, da galinha, comprô ta tudo aí tiusada, temperada, aí tempera, dexe pará no tempero, frita, daí é galinha encapada, bate o ovo, tem cebolinha, tem sardinha, aí mistura bem, aí tá encapada, só num tem a linguíça, porque banha de porco, fazê a jdanta, aí faiz a (...) taquara (...) depois que corta ele morre. Ele brota de vorta. Óia, siriri, essas coisa, nós dançava, era boi bravo que dançava, era tudo de coro, vestia pra saí com aquele chifrão, aí quando saía todo mundo corria, eu num lembro como que é, sei que ele contava, todo corria, porque pessoa maix novo né, tudo corria cum medo. Essa Igreja nova lotô, na primeira missa, sei que naugurô, até foi dia de festa, até morreu um rapaz que dançô, ficô ruim e deu um baque nele, agradecerô muito ele, bastante povo, pararo na frente da casa dele, paro em frente a procissão. Ele era operado do coração, fazia caminhada, era baxote, não muito gordo, mas ele era operado, foi pra Cuiabá, levarô ele, mas já tinha morrido, nós tava tudo alegre, ficamo triste, os aluno dele foi saindo, ele não era daqui, era de Cuiabá, fazia caminhada bastante, ele dançô assim, sentiu mal, aí caiu, ele caiu e bateu a cabeça. Aqui tem bastante Igreja, tem umas 4 ou 5 Igreja, cada um tem um lugar, cada um tem um jeito né. Tem bastante crente e bastante católico, gente de fora também, que vem bastante gente também. De Cuiabá memo, tem crente bastante, tem católico bastante. Tem muita igreja bonita, ta fazendo muro, ia mostrá pra mim, só falta pintá ela, mas pra fora (...) pra comprá otra é dox mil, pra ficá la dentro. Moto, bicicleta pra fazê bingo, pedindo ajuda, nosso padre daqui interessô. O veio caiu, aí colocaro otro. (falecido esposo) trabaiava na coiera, na roça, mexia co pedra, co brita, quebrando pedra pra daí passá na britadeira, aí

pegô probrema de coluna, num aguentava trabaiá, aí aposentaro ele, aí ajudô fazê negócio de política, o senhor já pode aposentá, aí os médico tudo ajudô, né. Aí ele falo pro médico: “eu ainda guardo um dinheriho prá comprá as coisa pra comê, (...) eu tenho que comprá pão pra ele comê” porque num tinha, né. Aí ele falô assim: “se tivesse um jdeito de eu aposentá eu queria” aí ele aposentô. Ele quase morreu tirando pedra, aí ele pegô a malária, ele sofreu, teve dias internado, quase morreu. Eu tava grávida dessa caçula, hoje ela ta fazendo 32 ano, amanhã ela vem, eu tava grávida de treis meis, se ele morresse memo num ia conhecê, aí ele melhorô graças a Deus, aí durô ainda tempo daí que ele morreu, aí deu derrame, ele num compretô 81. Malária, essa daí é difícil, até os cabelo da perna assim, pelô tudo, quase morreu, o médico inda falô pr’ele, ele tomava pinga, ele largô, o médico falô pr’ele, nunca mais põe álcool na boca, aí ele falô: “tudo bem”. Ele largô mia fia, graças a Deus. (culinária) nós fazia assim que dá pro gasto né, fazia refogado de carne, macarronada de frango, fazia linguíça bastante, fritava ensopado, afogadão, coloca batata, tem muitos que coloca banana, coloca mandioca. Aqui aumentô muito, antes num tinha energia, num tinha água encanada, num tinha nada, agora tá fácil né, graças a Deus tem energia, tem a água. (...) apanhá água no cipó, ninguém qué, eu memo(...)apanhá bastante eu num guento, é longe, aí fizeram aqueles degrau(...)inaugurô o cemitério.(...) o mesmo preço, eu pago 28, começô de 3, 3 e pouco, aí colocô relógio, agora vai vim caro, aí tchegô gdenro aqui, aí eu falei: “a Elto colocô o relógio agora” “É minha sogra, porque que a senhora dexô colocá? A senhora num devia de colocà”, fazê o que né? porque tá arrumando em tuda parte eu num posso falá nada, aí vem o memo jdeito, agora exte mex que pagô, veio o memo preço, aí eu pensei que vinha caro, falei “e agora?” aí a fia minha viu, aí falô: “ah mãe, eu vo falá pra Suzana”, falô pra Suzana que num ia mais lavá a ropa dela, falô: “purque? Num pára de lavá minha ropa, fica bem lavada, já acostumei com a minha ropa bem limpinha, cherando”, “é porque agora colocaro relógio lá na mamãe e ela ta com medo e ela num guenta pagá.” aí falô nem que vem lavá aqui em casa, mas num quero que você pára (...) eu falei: “lá em Cuiabá todo mundo tem relógio e aqui num tinha”. Foi tranquilo, porque tudo tem e lavo também ropa só aqui, eu saía daqui com malão de ropa de

primero de primero, ia no rio pra lavá, eu lavo em casa, paga memo, tem que aproveitá, é onde a água num ta indo, a água vem de pipa. Esses que num tem passa co carrinho cheio de ropa e vai pro rio. Pegava água no rio, enchia tambor(...)todo dia, cedo, enchia as vazia. Fogo de lenha, daí que veio a gás, o fogão ta aí, mas eu cozinho na lenha memo, a neta que não gosta, por causa do cabelo. Acaba de fazê já vai tomá banho, lavá a cabeça com shanpuzinho, creme pra ficá cheroso, ela tá certa, eu que to veia ninguém vem me cherá. E ela não é diferente, aí compro o gás por causo dela. Aqui tá 37, ouvi falá que ia suxpendê, mas eu num sei se suxpendeu ou não, porque tava falando que ia suxpendê, aí eu tenho lenha, aí um sobrinho meu troxe pra mim, aí eu quebro o gaio aí.

12. Sr.Manoel:

(Sr.Manoel é uma figura carismática; com idade avançada, apresenta problemas de saúde que me impediram de permanecer por muito tempo conversando com ele. Sua saúde frágil lhe faz cansar rápido, mas ele faz um grande esforço para receber a todos os que o procuram. Sabendo disso, a entrevista foi rápida e tentou registrar o máximo de informações possíveis em curto espaço de tempo)

Hoje eu to veio e surdo. Falo poco porque num entendo o que as pessoa fala e num consigo responde.

Trabaiei muitos ano c'meu pai criando gado e levando de um lado pro otro nessa Guia e em Cuiabá.

Cuiabá eu conheci era uma baburrera. Era uma baburrera por todo o canto dessa cidade.

O que alembro é que ele ensinava a trabaiá, a lida com o gado. Ele ensinava como trabaiava c'o gado, como que tirava o leite, fazia o queijo, tudo ele ensinava.

Depos de grandinho aí eu ia com o veio pra Cuiabá com tropa. O serviço era lavora, prantá feidjão, arroiz, mio, é isso.

A gente montava no animal pra ajudá a tocá o gado. Esse tempo num tinha separação de terreno, esse é de fulano, aquele do fulano, era um só. Hoje tem que botá cerca em tudo se não o pessoal invade.

Quando o gado tava preso e ia sortá no pasto aqui e ali, o veio abria a boquera e dizia: vamo sortá a portera com as bênção da Virge Maria. E assim também campia, fazia manada do gado na hora de tocá rezava. O guia passava na frente, o terra tocava e o veio falava: com Deus e Virge maria, vam'bora.

Ele era um home ladino pros negócio, entendi tudo de gado e sempre tinha muito serviço.

Depos dos 30 ano eu apoitei para tira reza. Aí aprendi e aí um dia ficô um vizinho lá de quinze ano e aí num teve quem tirá a reza. Aí tirei, depos de terminada ele falô: certinho, tá bam! Pronto, desde desse dia cai de embuio, to tirando reza. Agora parei porque a tontura é demás, mas eu não me atenho porque de tanto trabaiá me corpo esperta, se a gente fica só sentando o corpo fica pacatão assim.

Tira a reza é rezá a ladainha, a vida de Jesus Cristo, dos santo. O hino dos santo, cada um tem um hino. A ladainha é pra tudo.

Eu fui numa reza aqui no Arraial do Baú; na hora da reza chego o portador e aviso que o capelão num vinha porque caiu doente, eu fui e fiz a reza. Depos todo mundo que queria a reza vinha me pedi pra fazê.

É preciso rezá, senão rezá arruína pra nós, né?! A gente pede nas oraçóm pra Deus e Deus aparta o mar.

Toda a vida eu ia nas festa na igreja e fazia as reza. Pra faze as festa, roçava onde passava a procissão, roçava e carpia e barria tudo pra passa a procissão hoje em dia é tudo concretado.

Hoje minha fia tá fazendo as reza porque eu já to muito veio e não entendo as pessoa. Mas foi isso que fiz toda a minha vida aqui na Guia.

13. Sr.Maurício:

(Este informante recebeu-me muito bem em sua casa; muito comunicativo e simpático, participou de toda a conversa com tranquilidade impondo, contudo, sua vontade de falar livremente o que desejasse)

Apesar de todos parece que era a mesma coisa, mas não é. No tempo de criança as coisa era tudo diferente quase. Hoje tá quase tudo a mesma coisa, na parte da gente ser mais sabido, mais entendido era mais pouco, a turma não era muito.. mexia cum roça, cum roça não estuda com nada. Eu mesmo fui pra fora, no quarto ano saí, o terceiro ano só fiz. Saí foi pra outra coisa, não dava pra estudá, os pai não tinha tamém noção pra encaminhá a gente, né. (...) era cachorro loco, doido. Caçava o que não tinha, não ganhô, não aprendeu, né?! E isso que eu saia atrás de muita coisa, pensa que eu não consegui, mas consegui. Casei, tive os fio, continuô tudo bem (...) pro outro lado tô mais satisfeito com isso, mas é porque me sacrifiquei muito porque no meu tempo não tinha como na artura como eu cheguei, vai de procurá; porque daqui eu fui procurando até Brasília; fui até Brasília na construção,. De lá fui pra Ponta Porã; querendo aprendê, mas aprendê como se você não estudô, como que cê aprendê; aprendi o serviço grossero (...) eu não sabia. Aprendi mais com as instrucom da vida. Tenho mais é instrucom de vida.

Só brincava um mais com outro fazendo choça, fazendo chocinha, uma coisa o outra, né?! Choça era uma coisa assim taquara pra pegá passarinho. Desde pequenininho de 7 pra 8 ano eu acompanhava meu pai na roça. Ia pra enxada. Naquele tempo, meu pai pensava que tinha que chegá em casa e tinha que tê tudo dentro de casa que entrá dentro de casa p' recebê uma pessoa (...) só pensava nessas coisa, mas num pensava que precisava tê coisa melhor né, estudá.

Nóis somo em 8, né?! Só pensava em dá comida e assistência pra crescê. Num se preocupava com estudá.

Arroiz, fedjão essas coisa nós tinha. Saía de noite pra caçá tatu, paca, esses bicho tudo.

Eu queria saí pro mundo e meu pai num dexava. Então eu aprendi a fazê uns serviço de servente de pedrero e tanto atropelei meu pai que ele me dexô saí pra trabaiá aqui e ali.

O primero serviço arrumei aqui pertinho de casa memo. Fui lá e sondei eles pra vê se tinha trabaio na construçom. Eles dissero que precisava de ajudante e comecei assim; ajudante de pedrero. Mas depois disso eu já fui pra tudo quando é canto.

Na minha época de criança já tinha tudo as coisa assim, prato, panela, mas nós não comprava as coisa porque era muito difícil; nós comia nos prato de barro, panela, tudo de barro.

A minha casa era feita de barrote, arramava os pau tudo bem amarradinho, daí vinha c'o barro e rebocava tudo. Num era qualquer barro que servia pra isso. Às vezes tinha barro com estrume de reiz pra ficá com liga e fica mais bunito. Dura demás a parede.

A minha família prantava e fazia farinha. Alembro como era feito. Num era home de roça mas alembro bem: tira a mandioca, lava ela, casca ela; passava no ralo feito de lata, naquele tempo num tinha motor. Pega a latinha, fura a latinha e deixa cheia de furinhos e faiz o ralo. Ralava na mão. Pegava essa massa e prensava na prensa. Passava e passava de novo até ficar bom. Tudo fazia de djeito. Naquele tempo num tinha ruim, memo que fazia de quarquer djeito, mas fazia.

Depos que eu vim do quartel, com 18 ano, quase com 19 aí saí de casa de veiz e fui sê pedrero. (...)

Fui falá com um engenhero e oedi pra mexê com aquele negócio e ele foi me ensinando, quando vi já tava trabaiando quatro ano com aquilo e já sabia quase tudo de construçom.

(...)

Ai eu sei que quando casei larguei da profissóm e da andança fui me virá sozinho. Fazê as construçom daqui.

Mesmo sem escola eu aprendi c'a vida. Escola é importante, mas num fui, né.

Eu sô católico, confio em Deus, nos Santu e tudo certinho, mas num sô uma pessoa assim de ficá indo na igreja sempre, todo dia.

Aqui o povo faz demás de reza pro santu. Pra São João (...)

Quando eu era rapaziada de quase 18 anu, ouvia de tudo quanto era história, tinha um home que ficava contando ums história e a gente prestava atençôm, mas eu num sei conta história. Só sei fala das coisa da minha vida.

Eu já to meio veio, esquecido, mas sei faze as coisa. Essa casa aqui fui eu que ajudei a faze. Num fiz sozinho porque o coração já num ajuda muito, mas ajudei a construí essa casa.

Tenho boa saúde, gosto de uma cervejinha, mas tem que cuidá da saúde, zelá, né, e trabaiá muito pra te as coisa.

Eu sô morei aqui, andava pra trabaiá, mas só morei aqui na Guia. A cidade foi crescendo e minha casa foi ficando aqui, quase no meio.

Pra participá pra senhora é que a gente sempre foi pobre, desde a parte de pai e mãe, mas a gente sempre busco o crescimento; como a gente é mais pobre caminha mas sempre tentando se agarra. Tudo as coisa, sempre é baum sabe todas as coisa, se aprende todas as coisa. Se vem alguém conversa é baum saber das coisa pra conversa, pra participa, né.

14. Sra. Chiquinha

(Dona Chiquinha fala com tranqüilidade e fluência. Atua como pastora na igreja que freqüenta; estuda no EJA e se mostrou muito receptiva)

Naquela época registrava tudo errado. Minha data de nascimento tá registrada errada.

Eu sô dona de casa e estudante. To estudando agora. Não estudei quando criança agora to estudando. Naquela época não tinha como tá hoje, hoje tem condução, tem tudo. Naquele tempo não tinha. Eu morava longe da escola e minha mãe não dexava de jeito nenhum. Eu chorava todo ano pra mim estudá e

minha mãe não dexava. Agora eu to estudando porque é um sofrimento a gente não estudá, né?! Feliz de quem tá estudando hoje que tem o privilégio de formá, né?! O EJA é alfabetização. Agora começamo a aprendê agora.

Tudo nasceu aqui na Guia. Meus pai era lavradô, metchia c'a roça. Naquele tempo trabaiava com a mão. Era roçá, derrubá no machado, tocá arquere, mais arquere de mato.

Antigamente as casa eram feita de barrote, barreada e palha de aguaçú. O nome dela é babaçu, né. Meus pai trabalhava na roça, no sítio. Lá hoje tá tudo tapera, abandonado, né?!

A minha casa tá fartando pintá. Já tem reboco, tudo, Só farta pintá memo.

Eu morava c'meus pai no sítio, no mato, né?! Era tudo muito simpres. Barria chão de terra, zelava os irmão menor, era babá dos irmão, das sobrinhada. Naquele tempo era muito. Não era a mais nova, mas quando tinha uma idade assim mamãe mandava zelá por eles, né, porque eles trabaiava no mato, na roça. Tinha muita marra-marra, esses mato cheio de espinho, unha de gato, e meus pai ia limpa tudo na mão.

A gente não saía; sempre aparecia um povo mascateando. Se vendia de tudo porque não tinha como saí pra compra, né.

Eu sempre fiz farinha, ainda faço:

- aí é arrancá a mandioca, aí leva pro racho pra dexá de pé e casca a mandioca, aí despos de descascado aí vai lavá, aí põe na otra vasiia pra escorrê e aí vai rala, aí vai por a massa escorre e aí vai gangorrá, gangorra ela para seca; é aquele caxotão que a gente fala gongorra pra secá a massa. A gongorra e a prensa é uma coisa só. É pra seca a massa. Aí vai carrega de peso, aí conforme vai secando, você vai tirando, aí você vai baxando o peso até fica o mais molhado. Aí você vai seca no pilão. Traturador não precisa, é só penerá pra torra. Aí vai pro forno, de poquinho a poquinho, até cozinha a massa, aí despos de vencido de cozinhá tudo só vai torra a massa até seca tudo. Aí vai faze biju, pois é, aí você vai tira e faze, amassiá e crua na penera. Quando termina de faze a farinha, fazi

biju, aí fica bem torrado. Quem quisé passa manteiga, quem não quisé come com outra coisa.

Gangorra é a prensa. Pra seca a mandioca ralada. Vai o varão e as torra por cima pra ele ir baxando a massa.

(infância)

Pra falá a verdade eu num foi criança de brincá. Desde que eu me conheço por gente a mãe arrumava a gente pra cuida de uma panela, pra não dexá quemando. A nossa brincadera de criança era poça. Nós tinha de zela pelos irmão menor, cuida deles, faze eles durmi, dá de come, essas coisas. Aí foi crescendo e eu nem sei os negócio de brinca. O brincá da gente foi limpa arroiz, panhá água, limpa casa, faze rede... não tinha tempo pra brincá, porque minha mãe ia trabaiá e nós tinha de cuida pras criação não podia tá deixando entra na cozinha, a otra, eu cuidava da outra pra faze brinquedo pra brinca, eu memo não tinha tempo. Fazia boneca de pano. Criançadinha, na minha época, brincava com os brinquedo que tinha. As menina brincava de casinha, de faze comidinha, quitute...Nóis fazia burrica. Coloca um varão, aquele imbaiúva, aí finca um pau no chão e põe aquele varanzão bem grande nele, faz aquele buraco, você senta pra lá eu sento pra cá, e vai arrodiando com o pé no chão e o vento vai tomando, tomando assim, tem nego que vai voa bem longe assim; nós brincava disso da aí. Nós gostava de rodia; e outra brincadera que nós fazia é aquela brocha de pau. Pra brinca de joga no campo. Aqui ainda tem um que faiz isso, aquela brocha de pau, aí faiz aquelas bocha de pau e um pequeno e fica jogando pra lá e pra cá.

No meu tempo nós fazia aqueles fogão no mato, tapuru e colocava as panela de barro assim pra fazê comida, né, nós usava gamela para pegar a carne, nós já tinha prato, a gamela era de tudo tamanho que quisesse, para bate rapadura, pra seca a carne que não tinha geladera... dexava tudo no sal aí colocava no varal pra seca no sol, né. Tinha bruaca também que usava no cavalo no boi, era tudo de madera. Tinha arção, na cangaia.

Eu ia lá pra minha irmã e fazia as brincadera, mas vortava logo porque mamãe já tava chamando. Brincava de faze panelinha, de boneca de bano, quitute esse nós

fazia. Reunia aquela criançada e aí ia fazer comida. Cada um entrava com uma coisa para comer e pra brincar, feijão, arroz, quem tinha bolo levava bolo e a gente brincava de quitute.

Naquela época de criança a gente era muito quieta, né, hoje a criançadinha é bem esperta, né, ladina; brinca de tudo que é coisa; é ativa, né?!

(alimentação)

Eu cozinho bem, preparo aquela carne assim, faço afogamento. Naquele tempo fazia raiz de bugre, casca de laranja pra tomar, canela também fazia... temperada. Tinha queimadinha, queimadinha a mamãe fazia pra nós assim, com cinco folhas, folha de laranja, tudo queimado no açúcar, tomava pra modo de dieta, né, pra limpar o sangue.

Pra fazer um assado, a gente lava antes de temperar ela, né. Eu gosto de temperar com o sal grosso; pimenta eu não gosto, só se for por o alho né. Tempero pra mim é oregão, oregão eu gosto, não gosto do cominho, mas oregão eu gosto mesmo.

Veio em quando prepara a carne assim, naquele tempo falava emboladinho encapado com farinha, tem também que é encapado de outras carnes.

Eu vi muito mamãe cozinhando no tacuru que se fazia no meio do mato onde tava prantando. Hoje não tem mais isso, né.

Na nossa época era tudo muito simples. Não tinha esse prato que tem hoje. Pra quase tudo se usava gamela feita na madeira.

(assuntos da vida)

Eu vou na igreja é importante rezar, né, eu sou pastora na minha igreja e trabalho pra tudo que é de Deus. Eu vou no sábado, no domingo, todos os dias que tem culto. Tem os recados que levam os recados; na minha igreja tem os recados, que dá os recados e o povo tá sempre lá, rezando, cantando, orando...

Eu guardo as fotos dos meus pais, das pessoas que não existem mais, só pra gente ver, lembrar de quem não existe mais.

Eu gosto de conversá com as pessoa, falá das coisa de antigamente, mas tem gente que não fala e nem se mexe do lugar; isso daí eu não acho bom. A minha fia mais veia tem uma pessoa dessas daí, a sogra dela, oh meu Deus do céu, é uma preguiça que nem sabe levantá do lugar, essa mulher é muito parada.

Antigamente nessa Guia era um bamburro, tem gente que não limpa ao redor da casa e aí a gente tem que chegar e falar “óia, limpa esse bamburro, aí”.

Ah, eu queria falar da rapadura... eu faço rapadura também.

Eu faço hoje como se fazia no outro tempo. No otro tempo era assim: cortava a cana, usava o escaraçador, era seis pessoa pra faze o serviço e era muito serviço. (...)

Eu falo bastante, me comunico muito. Quando eu quero saber alguma coisa vô lá e procuro, né. Nuum fico esperando. Vô até a pessoa e procuro o que eu quero saber! Num gosto de enrolação. Acho que por isso que minha maior vontade é aprende a lê e escreve pra entender tudo direitinho.

Ah! Ainda bem que vô na escola porque a criançadinha hoje é tudo esperta, né? No meu tempo nós só fazia que os pai mandava e não respondia pros pai como eles faz hoje. Eu me alembro que queria muito estuda, mas como minha mãe não dexava, eu chorava e só.

Eu sô de outra religião, no sô da católica mas conheço os costume daqui da Guia. É costume aqui na Guia imolá o santo. Cada data tem seu santo e daí o povo saí pelas rua rezando e cantando pra esse santo. Eu num faço isso porque minha religião é outra, né, mas tem muita gente católica na Guia.

(a informante olhou para o relógio e se voltou para mim dizendo: *tá vencendo o horário, o pessoar chega e não tá pronto o armoço* – esse comentário faz com que a conversa seja apressada ...)

Meu maior sonhor sempre foi estuda. Agora eu to conseguindo. Logo vô terminar esse curso do EJA – que baum isso pra nós que não estudô, né – mas não quero pará de estuda.

15. Sra.Nilza

(Dona Nilza não se mostrou muito disposta a conversar, mas atendeu mesmo assim. Ela falava pouco e não dava muitos detalhes dos fatos de sua vida; sempre muito séria e atenta às minhas falas, Dona Nilza se mostrava ansiosa ao longo da conversa)

Antigamente as casas aqui na Guia eram feita de barro e barrote e o povo dizia adobo, né?! Era um mato só. Ah! É lá pras banda onde morava meus pai. Hoje viro tudo uma tapera. Meus pai moravam na roça, no mato, eu mudei pra cá quando casei, mas passei toda a minha infância na roça. A minha casa era tudo sem reboque, né?! Tinha tudo pra fazê! Eu gosto de mantê minha casa bem limpinha, varre tudo.

Quando eu era criança eu cuidava dos meus irmão e brincava muito poco; a gente gostava quando ia esses mascate vendendo as coisa na casa, porque era gente diferente e trazia coisa pra gente vê, né?! No tempo que eu morava com meus pai, tinha muito desses mascate por aqui. É esse povo que sai vendendo as coisa de porta em porta nas casa.

Eu me lembro que quando era criança meus pai ia pra roça trabaiá e nós ia djunto. Naquele tempo ia pro mato trabaiá e levava as panela de barro pra cozinha no tacuru, é mamãe preparava as comida nesses tacuru feito no mato. Era tudo bem diferente de hoje. Num tinha prato, bacia, essas coisa. Tinha gamela, né?! Nós comia na gamela feita na maderá. Tinha cocho pros animar e também para fazê a rapadura. Meus pais trabalhava com a cana e fazia açúcar, rapadura... essas coisa.

Eu nunca brinquei assim com outras criança porque minha mãe num deixava a gente saí. A piazada ficava assim tudo presa, né?! Nós só brincava memo de roda, na porte de casa, brincava de “direita vazia” que é assim, a gente tá tudo assim sentado e grita “direita vazia” e grita um número, né?! Aquele que tem esse número tem que saí correndo.

Quando era criança brincava de roda, cantava... No meu tempo tinha um tipo de balanço. Amarrava uma corda nessa ponta aqui e outra na outra ponta e colocava

um pau assim e balançava. Tinha burrica, eu lembro mais não brinquei porque mamãe era brava demais. Ela não deixava sair assim, não brincava. Eu sou quase a última dos filhos. Nós éramos em treze e eu cuidava dos outros. Mamãe teve uma que morreu com um ano. Meu pai quando morreu eu era novinha, né, nem lembro bem, mas era bravo também.

Eu sempre fui quieta assim, né, porque meus pais eram brava e eu sempre fui criada quietinha assim, né.

Agora eu cuido da casa, faço molho. Faço ensopado com carne abafado assim na panela. Gosto de cozinhar. Tem o licor, o povo gosta muito de tomar um licorzinho. Um ponho a folha no arco (*álcool*) pra curtir, né?! E faço um carda e despejo. Fica gostoso. Só faz com a folha de figo, bota pra curtir no arco e fica verdinho assim, né?! E depois faz a carda com açúcar e água e mistura tudo. Fica bom. Tem a queimadinha, as pessoas tomam quando tem menino, antigamente tomavam pra quando ganhava nenê. É um remédio feito de foiarada, né, e pinga. Dizem que é bom pra correr o sangue, né, essas coisas, né.

Sou boa na cozinha, tem vez que faz um assado, faz um tempero, né, coloca a carne no tempero assim, né. Outras vezes faz um frango assim na farinha, encapado, né?! É bom bom.

Antigamente fazia farinha no tacuru. Ralava a mandioca num tipo de ralador assim, né, o caititu, pra ralar a mandioca. Já fiz muita farinha de mandioca. Nós tínhamos o caitituzinho, né, aí colocava a mandioca no caititu e depois colocava pra torrar. Tinha um forno pra torrar. Meu marido que fazia, né. Tinha uma chacinha e ele fazia a farinha de mandioca. Ralava a mandioca, colocava na prensa, né, depois tira da prensa, soca ele bem pra poder torrar. Pititi era um negócio assim que antigamente arrumava assim, era um tipo de prensa feita de palha.

Hoje já tá bem diferente, né, se faz farinha de forma mais fácil.

Sim! Fazia de tudo um pouco: farinha, ensopado, galinha encapada passada no ovo batido e na farinha, depois fritava.

Eu cuido da casa e meu filho desse mercadinho aí. Tenho filho e neto, sô viúva, mas vivo c'meus filho.

Participo das oração na igreja. Aqui na Guia tem as pessoa que faz as reza. Nós vamos nas reza pra pedi proteção, né, é importante.

As reza são feita pelos rezado que tem aqui; é nas casa, pela rua. Quando a gente vai na igreja o portado avisa dessas coisa também. É costume antigo, né, de te essas pessoa da comunidade que dá os recado.